

A shirtless man with a beard and extensive tattoos is the central figure. His right arm, featuring a large skull tattoo with red eyes and the letters 'I', 'B', 'M', 'T' on the fingers, is extended across his chest. His left arm has a large, detailed tattoo of a dragon or mythical creature. In the foreground, three playing cards (Queen of Clubs, King of Clubs, and Ace of Clubs) are fanned out, partially obscured by wisps of white smoke. The background is dark and moody.

HIS QUEEN OF CLUBS

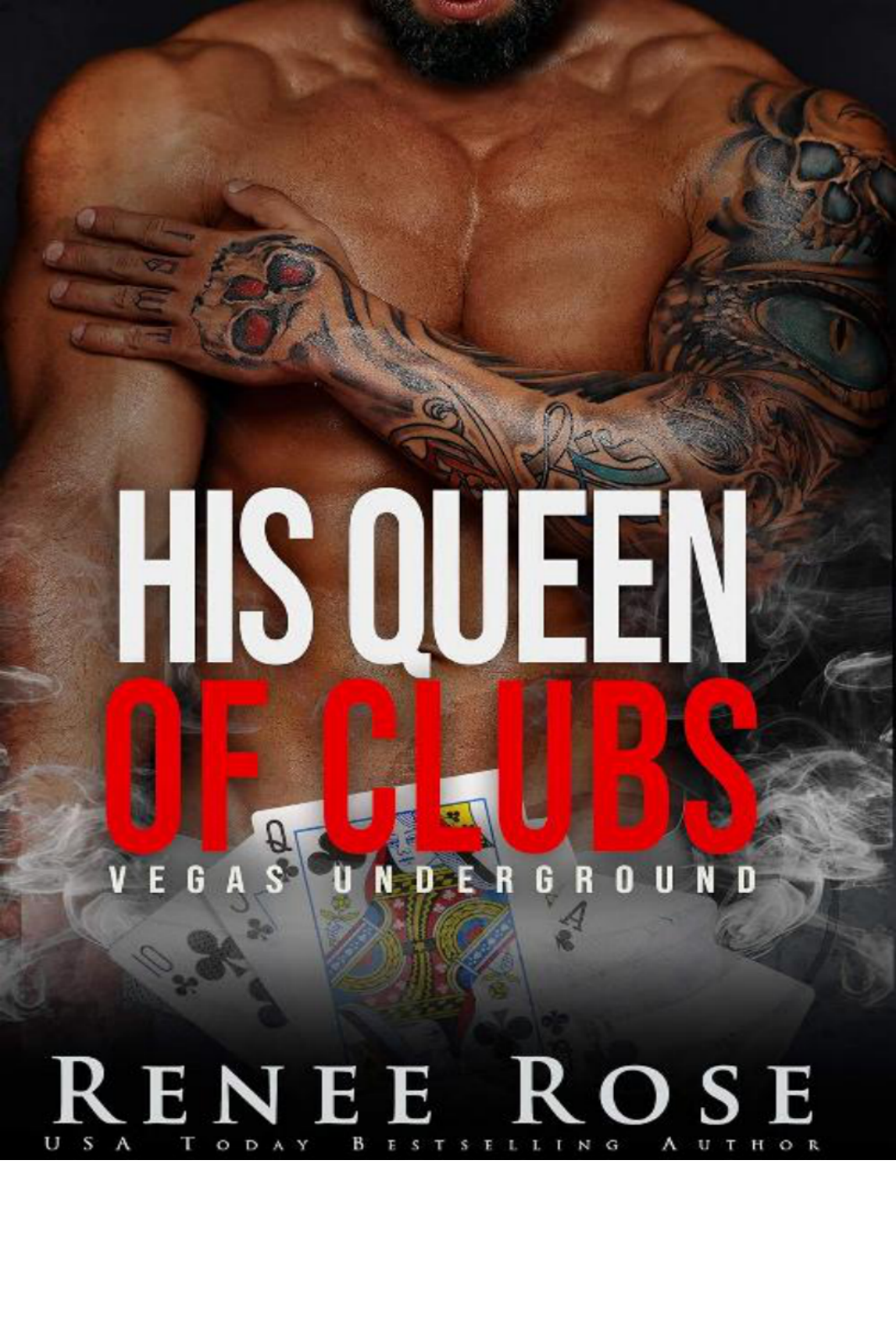
VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

A close-up photograph of a man's bare chest and right arm. He has a dark beard and extensive tattoos, including a large skull on his right arm and hand. Three playing cards (Queen of Clubs, King of Diamonds, and Ace of Clubs) are fanned out across his chest. Wisps of white smoke or steam are rising from the bottom of the frame.

HIS QUEEN OF CLUBS

VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

SINOPSE

**DESCULPE, PRINTSESSA, A LIBERDADE NÃO ESTÁ NAS
CARTAS PARA VOCÊ.**

VOCÊ É MINHA AGORA.

Eu vim para me vingar.

A família Taccone eliminou a máfia de Chicago.

Minha Bratva. Minha família.

Então capturei a irmãzinha deles.

Agora que a tenho, não quero deixá-la ir.

Prefiro mantê-la para sempre, minha noiva cativa.

Eles vão pagar um dote em vez de resgate.

No final das contas, a garota e a fortuna serão minhas.

Porque eu nunca vou abrir mão de sua rainha de paus.

De jeito nenhum. Justo quando pensei que era o bastardo menos sortudo deste continente, fiz uma pausa.

Eu tenho vigiado o Bellissimo e o Nico Tacone há dois meses.

Os Tacone derrubaram toda a minha operação. Junior Tacone e seus irmãos destruíram a operação de Chicago enquanto eu estava em Moscou cuidando dos assuntos de minha mãe. Concedido, Ivan, meu segundo idiota, planejou acabar com todos eles e acabar para sempre com seu reinado de influência na Cidade Ventosa. Mas ele falhou. E seis dos meus homens foram encontrados mortos num café italiano.

Victor encarregou Ivan de montar o negócio de rua, mas ele era muito mesquinho e sedento de poder para torná-lo grande. E quando fui mandado para a cela, ele me viu como uma ameaça à sua autonomia. Eu tinha marcado um encontro com Junior para envolver a família Tacone no meu esquema de lavagem de dinheiro - para diversificar os interesses - mas Ivan estragou tudo. Quando minha mãe morreu e eu tive que voar para Moscou, ele usou minha ausência para tentar eliminar os italianos e tomar o submundo de Chicago para si.

Ele subestimou Junior Tacone. Seis de nossos caras estavam prontos e esperando com armas, e Junior sozinho atirou em todos eles.

Não estou com o coração partido pela perda do negócio de Chicago. Estou mais preocupado com as grandes operações de dinheiro da *bratva*. Sou o cara que administra nossas contas de lavagem. Mas matar todos os homens da minha operação? Inaceitável. E Victor, nosso *pakhan*, ordenou que eu me vingasse, então estou aqui para fazer exatamente isso.

Os Tacone podem ter feito um favor à irmandade levando Ivan para fora, mas eles ainda me devem.

Victor iria atrás de sangue. Matar todos que Junior Tacone ama. É assim que ele opera. Mas eu não sou esse cara. Sim, fui criado na violência e na morte da organização, mas sou o homem do dinheiro.

E os Tacones têm dinheiro. Bastante.

Mas não está vindo de sua operação em Chicago. Tanto quanto eu posso dizer, eles começaram a fechar a maior parte de sua agiotagem nas ruas nos últimos anos, fecharam completamente as lojas desde que voltei.

Então eu vim para Las Vegas. Onde eles possuem um dos cassinos mais lucrativos do país. E tenho observado os dois Tacone que o dirigem, tentando descobrir qual será o meu jogo. Eu estava pensando em levar uma de suas mulheres. Resgate simples. Ambos os homens são claramente dedicados a suas esposas - namoradas - o que quer que sejam.

E as coisas ficaram muito mais fáceis para mim. Duas limusines chegaram esta tarde carregando toda a família Tacone - os três irmãos de Chicago, uma namorada, uma mãe e uma linda jovem irmã de vinte e poucos anos.

Pedi a uma garçonete fofoqueira para me contar tudo o que sabe. Eu descobri que eles estão aqui para o casamento de Junior Tacone - um tipo de coisa impulsiva. Todos os andares superiores do cassino foram fechados para a celebração. Há rumores de que Stefano, o irmão mais novo, pode se casar com sua noiva ao mesmo tempo.

Mas eu não dou a mínima para o estado civil deles.

Tudo o que me importa é um Tacone.

A adorável Alessia - irmãzinha de todos os cinco irmãos multimilionários. Eu estava tentando descobrir qual mulher levar – qual irmão estaria mais disposto a pagar por sua mulher. Agora é fácil. Pegue aquela com quem todos se importam.

E não estou falando da mãe.

É claro que minha decisão de levar Alessia em vez da velha senhora tem tudo a ver com seu corpo perfeito de modelo, pernas de um quilômetro de comprimento e lindo rosto. Se eu vou me esconder com uma mulher Tacone, pode muito bem ser uma que valha a pena olhar.

Tudo o que tenho a fazer é nocautear um dos garçons antes que ele traga a comida para a festa de casamento e pegar seu uniforme e seu lugar.

ALESSIA

Meu irmão Junior é o maior *stronzo*.

Na verdade, todos os meus cinco irmãos são uns babacas, mas o pior é o Júnior. Ele nos informou esta manhã que ele e sua namorada grávida iam fugir para Las Vegas.

Essa noite.

O que significava que todos nós tínhamos que voar para Las Vegas para vê-los.

Embora, honestamente, eu não teria perdido esse momento por nada no mundo. Mesmo que viajar signifique muito trabalho para manter minha mãe feliz e meu açúcar no sangue sob controle. E torna mais difícil esconder da minha família sempre vigilante o cansaço causado pela minha doença renal. Eles não sabem disso e é assim que vou mantê-los pelo maior tempo possível.

Estamos em um dos últimos andares do Bellissimo, em uma área de recepção com janelas de parede a parede com vista para Vegas. Há um padre católico aqui para casá-los. E o evento se transformou em um casamento duplo surpresa.

Stefano, meu único irmão tranquilo - o que não significa que ele não seja tão letal quanto o resto deles - fez a pergunta para sua namorada Corey esta manhã e eles decidiram fazer uma dupla.

— Maria, Rainha da Paz, rogai por nós. — murmuro e persigno-me em uníssonos com o resto dos presentes e o padre.

Não acredito que Junior está se casando de novo. Bem, não é a parte do novo casamento que me choca. É a felicidade que irradia dele agora enquanto ele encara Desiree, sua noiva durona. Ele segura as duas mãos dela, olhando para ela como se ela fosse seu mundo inteiro. Ao lado dele está seu filho. Observar o vínculo tranquilo de Junior com ele me leva às lágrimas. Junior perdeu sua filha pré-escolar em um trágico acidente anos atrás e desligou completamente. Nunca pensei que ele abriria seu coração para amar novamente. Agora ele não só tem um bebê a caminho, mas também está fazendo o papel de padrasto.

— Não é lindo? — minha mãe sussurra em lágrimas, apertando minha mão.

— Absolutamente perfeito. — eu concordo, chorando junto

com minha mãe.

A esposa grávida de Nico, Sondra, deu tudo de si na decoração. O salão deve ter dez mil dólares em flores. Os pilares e videiras reais que cobrem as treliças fazem com que pareça que estamos de volta ao velho país.

De bom gosto e extravagante, mas também discreta, a cerimônia combina com os dois casais. Apenas cerca de quarenta membros da família ocupam o lugar. É ainda mais doce pelas duas barrigas grávidas - Sondra e Desiree estão esperando.

Estou tão emocionada por ser tia. As crianças são minha paixão - me formei em educação infantil, embora provavelmente nunca tenha permissão para trabalhar. Não pela minha família. Não por qualquer marido que minha família escolha para mim.

Dói saber que nunca terei nada disso - o amor, a fuga improvisada, uma família.

A expectativa sempre foi que eu, como a princesa da Família, suportasse um enorme casamento virginal na igreja com algum made man escolhido por meu pai ou irmãos. Sem olhar nos olhos de um homem que me ama. Seria um casamento arranjado o tempo todo.

Eu costumava desejar fervorosamente um casamento amoroso. Quando pensei que realmente me casaria e teria meus próprios filhos. Fiquei muito feliz quando Nico conseguiu se casar com uma mulher de sua própria escolha, em vez da noiva a quem havia sido prometido desde os dez anos.

Tive algumas liberdades que nunca pensei que teria.

Eles me deixaram ir para a faculdade. Eu tive que fazer campanha por anos apenas para conseguir que Junior considerasse isso, mas no final ele cedeu. A diabetes quase os impediu de me deixar ir embora. Eles me veem como frágil. Mamma não me queria fora de vista. Meus irmãos não achavam que eu poderia me cuidar.

Eles queriam que eu ficasse onde pudessem me proteger - em Chicago ou Las Vegas.

Mas no final todos nós nos comprometemos. Eles me enviaram para a universidade no Velho País, onde eu poderia ser vigiada por *La Famiglia*. Os sicilianos. E meu irmão Stefano estava lá parte do tempo

também, para ficar de olho em mim.

Sempre sou protegida como uma princesa em um convento. O que não significa que não me esgueirei em algumas experiências. Eu roubei beijos com um bom garoto italiano que pegou meu V-card da maneira mais respeitosa possível. Mas quando ele descobriu que eu fazia parte da Família, ele não conseguiu correr rápido o suficiente. O que foi bom, porque eu não gostaria que ele se machucasse.

Eu só estava procurando viver um pouco antes que seja tarde demais.

Porque o que minha família não sabe é que estou no estágio três de insuficiência renal como resultado do diabetes. Já me disseram que ter filhos me mataria.

Portanto, o casamento amoroso e meus próprios filhos nunca vão acontecer.

Na verdade, se eu não cuidar de mim, posso não viver até os 25 anos.

VLAD

Volto ao Bellissimo com um plano e tudo o que preciso para executá-lo: uma seringa cheia de tranquilizante. Corda para amarrar os pulsos e tornozelos. Fita para a boca dela. Mikhael - Mika, como o chamamos - meu cúmplice de doze anos e o único membro vivo da *bratva* de Chicago, a dirigir o carro da fuga.

Eu saio do elevador vestindo o uniforme de garçom do Bellissimo, empurrando o carrinho no qual pretendo carregar a garota.

Deixo o carrinho do lado de fora da porta e fico na porta, examinando a sala. Eu mantenho minha cabeça baixa e meus dedos tatuados atrás das minhas costas. Se os irmãos Taccone de Chicago me reconhecerem, serei um homem morto antes de poder respirar. Não que eu me importe. Se eu estivesse muito preocupado em viver muito, não estaria aqui. Ironicamente, é meu descuido com a vida que sempre me faz sair por cima.

Eu corro riscos. Nunca sou governado pelo medo. Eu vi como a *bratva* trabalhava desde o início e descobri como sair por cima. Eu me tornei indispensável. Não por meio da violência, embora já tenha tido minha cota, mas por meio do conhecimento.

Aprendi a hackear. Como lavar dinheiro. Aprendi a falar inglês, alemão e francês. Foi assim que ganhei o controle de todo o dinheiro da *bratva*. Como acumulei uma fortuna. Como sobrevivi a inúmeros ataques contra mim. Se a merda com a traiçoeira Sabina não tivesse acontecido, eu ainda estaria lá no topo, em vez de ficar escondido na América.

Eu faço uma anotação mental de cada projétil de arma na sala - pelo menos vinte e quatro. Cada homem carrega uma peça - até os funcionários. Em vez de medo, o zumbido familiar da adrenalina deixa minha pele formigando.

Uma varredura sub-reptícia da sala e encontro a princesa da máfia. Aquela que usarei para deixar todos os Taccone de joelhos.

Aquela que aprenderá um pouco de humildade em minhas mãos.

Eu deveria odiar a irmã do meu inimigo, deveria considerá-la uma inimiga também, mas é difícil odiar uma criatura tão bonita. E não é culpa dela ter nascido em uma família implacável.

Os italianos mantêm suas fêmeas puras. As mulheres nunca participam dos negócios. Nunca veem sangue ou morte.

Inferno, a garota ainda pode ser virgem. Merda, agora meu pau está duro. Agora não é hora de ficar com raiva da mulher que pretendo drogar e amarrar. Exceto que sou um filho da puta doente, porque esse pensamento só me deixa mais duro.

Ela está usando um vestido frente única rosa choque que emoldura e apresenta seus seios jovens da maneira mais deliciosa. Os sapatos cor-de-rosa combinando e a bolsa provavelmente custam mil dólares.

A sorte está sorrindo para mim, porque Alessia se separa do grupo e se dirige para a porta, como se estivesse indo ao banheiro.

Eu me movo rapidamente, empurrando meu carrinho no corredor atrás dela, segurando a seringa. Removo a tampa falsa do carrinho, revelando o fundo vazio, que na verdade é um dos carrinhos de lavanderia do Bellissimo.

Espero até que ela saia do banheiro - sozinha, graças a Deus - e pulo nela por trás. Se ela fosse homem, eu simplesmente a nocautearia

com o punho, como fiz com o garçom lá embaixo. Mas não consigo bater em uma mulher, não importa o quão fácil e eficaz isso possa ser.

Sinto seu aroma de baunilha e rosas enquanto cubro sua boca e enfio a agulha hipodérmica em seu pescoço. Ela luta contra mim enquanto a droga se move em suas veias. Levará pelo menos um minuto para fazer efeito.

— Shh, *printessa*. — murmuro em seu ouvido, segurando seus braços e sua boca com força. — Relaxe e você não vai se machucar. — Meu sotaque soa mais forte do que o normal. Provavelmente porque meu pau ficou mais grosso com a sensação de sua bunda macia se contorcendo contra ele. — Fácil, *zaika*. Vá dormir.

Seu inebriante aroma floral enche minhas narinas enquanto respiro em seu pescoço, esperando. Finalmente, ela fica mole, seu corpo flexível flácido em meus braços.

Eu passo um braço sob seus joelhos e a coloco no carrinho, em seguida, coloco a tampa de volta, arrumando a toalha de mesa sobre tudo. Vinte e nove segundos depois estou no elevador. Um dos homens dos Tacone se dá bem comigo. Eu mantenho meu rosto em branco, mas formal.

O cara não olha para mim. Coloco a faca no bolso, pronto para usá-la se for preciso.

Finalmente, o cara desce em um andar inferior e algumas outras pessoas sobem - turistas. Ninguém. Aperto o botão de fechar a porta e continuo descendo as escadas para o nível inferior.

Eu mando uma mensagem para Mika, *Estou a caminho*. Eu tento usar o inglês com ele, para que ele aprenda a ler e escrever.

Na posição, ele responde em russo. Eu não deveria envolver o garoto nessa merda. Inferno, eu nem deveria tê-lo trazido de Chicago. Mas o que mais eu faria com ele? Voltei do funeral de minha mãe em Moscou e encontrei seis membros da irmandade mortos e todos os outros desaparecidos. Todos menos Mika.

Ele estava morando sozinho no prédio que ocupávamos, de alguma forma sobrevivendo. Provavelmente uma gentileza maior teria sido entregá-lo ao sistema de assistência social americano. Mas não consegui. Ele pode ser um aborrecimento, mas é um dos nossos, e nós

cuidamos dos nossos. E ele está trabalhando duro para provar que é útil.

No corredor do nível inferior, tiro o traje de garçom e coloco uma camisa de botão da equipe de manutenção, tiro a tampa do bufê do carrinho e o desenrolo, como se estivesse tirando roupa suja. Eu limpo minhas digitais de sua bolsa e jogo no lixo.

Mika se aproxima da porta e para com um solavanco. Sim, deixei um garoto de 12 anos dirigir meu carro. Eu nem precisei ensiná-lo - ele já sabia como. E ele é muito bom nisso.

— Abra o porta-malas — murmuro para ele em russo e ele obedece enquanto empurro o carrinho até a traseira do meu Jetta preto. Pego a princesa Tacone drogada e a coloco no porta-malas, depois o fecho.

Vinte e três segundos e estamos fora de lá.

Missão cumprida. Agora tenho toda a vantagem de que preciso contra os idiotas dos Tacone.

CAPÍTULO DOIS

ALESSIA

Eu sinto vontade de vomitar. Enquanto a luz se filtra sob minhas pálpebras, lembro-me de ter sido capturada. O golpe agudo de uma agulha. Os braços grossos e fortes se uniram ao meu redor. Juntas tatuadas pressionando minha boca. O forte sotaque russo. Hálito quente na minha orelha - não desagradável, embora me apavorasse.

Estou tão fodida.

Tento abrir os olhos, mas eles não obedecem. Estou trêmula e nada escuro sobre minha visão. Meu coração está acelerado, mas não consigo acordar. Suor frio faz meu vestido grudar em mim. Não sei se é o que ele me injetou ou se estou entrando em coma diabético. De qualquer maneira, estou ferrada.

Eu forço minha boca a se mover, para pedir ajuda.

Se eu não conseguir acordar agora, talvez nunca mais acorde.

VLAD

A garota já deveria estar acordada. Não sou especialista em narcóticos, mas já vi essa mistura ser usada antes. Pesquisei quanto dar a ela e duvido que tenha adivinhado muito sobre o peso dela.

Eu a tenho amarrada na cama no sótão no andar de cima da minha casa alugada. Mika está na porta, chutando um saco de hacky para frente e para trás enquanto verifico o pulso de Alessia. Parece fraco e errático. Agarro seu rosto e o viro de um lado para o outro, tentando ter certeza de que ela não está fingindo. A maneira como sua cabeça pende me diz que ela não está. Suas pálpebras se abrem, mas tudo que vejo são os brancos de seus olhos, como se estivessem revirados em sua cabeça.

Um tiro de puro alarme faz meu coração bater mais forte.

— Alessia. Acorde, *printsessa*. — Eu bato levemente em seu rosto. — Acorde.

Seus lábios se movem, mas não consigo ouvir o que ela está dizendo.

— O que é isso?

— Insulina. — Ela joga a mão para mim e é quando vejo a pulseira médica. É ouro rosa e parece caro, então não notei o símbolo

a princípio.

Porra.

Viro-o para ler o que diz.

Diabética.

Dupla foda.

Com meu telefone, pesquiso no Google o que fazer em caso de emergência com um diabético.

Porra. De acordo com a tela, ela precisa de atendimento médico de emergência e não vou entregá-la ao hospital local. Se a garota morrer, ela não tem nenhuma utilidade para mim. E não quero a morte dela na minha consciência. Eu já tenho muitas.

Eu me livrei da bolsa dela para o caso de eles conseguirem rastreá-la pelo telefone, mas agora estou me chutando. Grito para Mika me trazer uma lata de Coca-Cola da cozinha.

Quando ele traz, eu digo a ele em russo conciso: — Preciso que você volte ao cassino e pegue a bolsa dela. Joguei na lata de lixo do lado de fora dos elevadores e na frente da porta onde você me pegou. É muito importante - pode significar a vida dela. Mas não seja pego. Entendeu?

Ele está assustado com o meu tom, mas acena com a cabeça rapidamente.

— Você pode fazer isso, Mika. Ligue-me se não conseguir encontrá-la.

— Vou achar. — diz ele, lançando um olhar assustado para a garota amarrada na cama.

— E não traga o telefone dela com você! Deixe no lixo. Apenas a bolsa e o resto do conteúdo, ok? Vá rápido, agora.

Mika concorda e sai correndo.

Eu abro a lata e passo por baixo dos ombros da garota para apoiá-la contra o meu corpo. — Beba, *zaika*. — Eu tento pingar Coca-Cola de uma lata na boca da princesa da máfia.

Diabética.

Eu nunca vi isso chegando.

Os Tacões são tão perfeitos, tão ricos. A garota é tão bonita; é como se eu não pensasse que algo como doença ou má sorte os

afetaria.

Mas é claro que a doença é imune à riqueza, ao poder ou mesmo à beleza.

Porra. Por alguma razão, sua deficiência torna muito mais difícil para mim odiá-la. E eu estava lutando como era. É difícil odiar o belo. É como alguém que não gosta de um cachorrinho ou gatinho.

É quase difícil acreditar como o rosto dela é perfeito. Lábios carnudos em forma de arco, sobrancelhas grossas e ligeiramente arqueadas, cílios longos. Sua pele morena é impecável e suave.

As pálpebras de Alessia vibram e seus lábios se movem contra a lata. Ela engole. — Sim. — ela murmura, reconhecendo o que estou tentando fazer.

— Boa menina.

Eu continuo nisso por um tempo agonizantemente longo. Acordando-a de seu desmaio, tentando fazer com que a substância açucarada descesse por sua garganta para trazer seus níveis de açúcar no sangue de volta.

— Mika está coletando sua insulina, *printsessa*. — murmuro enquanto desço mais Coca em sua garganta. — Você não vai morrer hoje.

Ela faz um som enquanto engole. Ela me entende. Sabe o que está acontecendo aqui. Suas tentativas de abrir as pálpebras estão obtendo mais sucesso. Seus olhos seguem meu rosto, as sobrancelhas descem.

— Por quê? — ela murmura.

— Por que sequestrar você? — Não sei por que estou inclinado a puxar conversa com ela. Ela não merece nenhuma educação ou tratamento especial da minha parte. Mas é como se fosse impossível não responder. — Seu irmão matou meu pessoal.

Seus olhos se fecham novamente.

Eu coloquei a lata em seus lábios novamente. — Beba. Você não tem utilidade para mim morta.

Ela murmura algo, seus lábios carnudos molhados com o líquido âmbar. Eu quero lamber a doçura deles. Morder esses lábios. Puni-la por ser uma Tacone. Por ser tão linda. — O que é isso?

— Foda-se.

Eu rio. — Você ainda tem um pouco de luta em você, hmm? Bom. Gostei de lutar com você no cassino. Deixou meu pau duro.

Seus olhos se abrem, as pupilas se estreitando de medo assim que pousam em meu rosto.

Eu dou a ela um sorriso perverso.

Ela pisca várias vezes, mas parece exigir muito esforço manter os olhos abertos, porque eles reviram e ela volta a desmaiar.

Ops.

O pico de adrenalina que ela recebeu da minha provocação provavelmente a eliminou.

Eu sou um merda mais doente do que eu pensava porque mesmo com ela desmaiada eu quero transar com ela.

Duro.

Forte.

Eu quero montar a princesa da máfia até que ela grite e me implore para deixá-la gozar.

Parece levar uma eternidade, mas finalmente ouço os passos de Mika subindo as escadas.

— Consegui. — diz ele em russo, segurando a bolsa rosa. — Ninguém me viu.

— Bom trabalho.

Despejo o conteúdo na cama. Batom, carteira. Uma seringa e um frasco de insulina caem, junto com um kit de teste e um pedaço de papel com instruções manuscritas coladas nele. *Se inconsciente, administre glucagon.* O glucagon está em um kit vermelho rotulado com o mesmo marcador preto. As instruções dentro me fazem misturar o pó com solução salina na seringa. Enquanto trabalho, dou ordens a Mika. — Verifique a bolsa em busca de um rastreamento eletrônico. Pode ser algo pequeno e fino, como uma bateria de relógio.

Sigo as instruções e belisco a pele de sua barriga, espetando na camada de gordura e lentamente empurrando para baixo o êmbolo da seringa de insulina.

Eu verifico meu relógio. Quanto tempo vai demorar? Quanto tempo ela tem antes que seu corpo desligue completamente? Não sei o

suficiente sobre diabetes para saber com o que estou lidando aqui.

— Nada. — relata Mika.

Eu procuro por tudo na cama. O conteúdo parece ser inócuo.

— Me dê isto. — Eu estendo minha mão para a bolsa. Nada muda no rosto do menino - o garoto é sempre estoico pra caralho, mas de alguma forma eu sei que o ofendi. — Eu confio em você, Mika, só quero verificar novamente. — Eu aponto para as coisas na cama. — Você verifica meu trabalho aqui.

O menino acena com a cabeça e se move para a cama, pegando e olhando tudo do jeito que eu fiz.

Ele não é um bom garoto. Não tenho certeza se ele tem uma bússola moral. Eu o vi bater em garotos com o dobro do seu tamanho na rua sem motivo algum. Ele é perigoso como o inferno.

Mas como um cachorro selvagem que encontra alguém para alimentá-lo, ele está ligado a mim. Ele fará qualquer merda que eu disser sem questionar. Sequestrar uma mulher e amarrá-la em uma cama? Sem problemas.

Dirigir um carro até o covil do inimigo? O que você disser, chefe.

E por mais que eu saiba que estou prestando um péssimo serviço a ele, não confio nele para mais ninguém. Eu sei que ele está quebrado. A cadela de sua mãe garantiu isso... Junior Taccone completou quando deixou o garoto órfão de *sua bratva*. Tenho pouco a oferecer, mas pelo menos darei a ele sua dignidade e habilidades para sobreviver.

Alessia se mexe. Seus olhos se abrem.

Obrigado porra.

Ela geme e rola para o lado. — Vou vomitar.

Levo um momento para traduzir a palavra vomitar, mas a expressão em seu rosto ajuda. — Mika, me passe a lata de lixo. — ordeno em russo.

Mika se move rapidamente, sua inteligência e reflexos perfeitamente aguçados para emergências. O garoto provavelmente já passou por muitas para contar. Uma garota vomitando não é nada comparada ao que ele viu.

Chego bem a tempo de ela perder o almoço na cesta de lixo.

Mika faz um som de desgosto.

— Você pode ir. — eu o dispenso.

Não é porque eu quero ficar sozinho com a garota.

Ok, certo.

Eu quero despir a garota e amarrá-la a esta cama. Provocá-la com meu pau e gravar sua súplica.

Em vez disso, pego uma toalha molhada e levo para ela. E porque suas mãos estão amarradas, eu limpo sua boca com ela.

Ela olha para mim. Estamos perto. Eu paio sobre ela, verificando se há mais algum lugar para limpar. Seu foco cai para meus dedos tatuados, segue a tinta em meus antebraços, para na protuberância do meu bíceps.

Ela engole.

Eu solto um suspiro. Ela acha minha força atraente? A maneira como suas pupilas dilatam me faz pensar que sim. Mas então, quem sabe se ela já esteve perto de um homem que não era seu irmão antes.

— Você poderia ter me matado. — ela acusa.

Eu permito que um canto dos meus lábios se levante em um sorriso sem humor. — Eu ainda posso, *printsessa*.

Observo uma onda de medo percorrê-la e ela tenta se sentar sem o uso das mãos. Eu a deixei lutar, apreciando a maneira como seu vestido fúcsia sobe por suas coxas maduras. Suas pernas são longas, magras e fortes, suas panturrilhas bem torneadas. De alguma forma, os saltos ainda estão de pé.

Ela lambe os lábios e meu tesão cresce. — Preciso verificar meu açúcar no sangue.

ALESSIA

— Esse? — O russo pega o kit de teste. Eu pisco, dando uma olhada melhor nele agora que posso me concentrar. Ele tem cabelo loiro claro, olhos azuis penetrantes e várias cicatrizes em sua mandíbula com barba por fazer. Ele está vestindo uma camiseta branca lisa que se estende sobre seus músculos salientes, seus braços e dedos estão cobertos de tatuagens.

Infelizmente, acho o visual dele sexy. Ele é o bad boy moderno

de James Dean. Ou a versão de rua do ator Jeremy Renner.

Estou apavorada e excitada por ele ao mesmo tempo. Talvez fosse apenas sentir toda aquela força masculina crua quando ele me agarrou. Talvez meus hormônios estejam a todo vapor depois de ver dois dos meus irmãos se casarem.

Meu captor inclina a cabeça e ergue uma sobrancelha severa.

— Sim, isso. Desata-me.

— Oh, *zaika*. Vamos esclarecer uma coisa agora. Você não está dando as ordens aqui.

Eu também não deveria achar seu sotaque forte sexy, mas eu acho.

Devolvo a ele, arqueando minha própria sobrancelha. — Você precisa de mim viva. Isso significa manter meu açúcar no sangue estável. Então desamarre minhas mãos e deixe-me testar minha glicose.

— Não.

Uma palavra tão final, o russo *não*.

Ele examina o medidor de glicose, tentando descobrir como funciona enquanto eu observo sem oferecer nenhuma ajuda. Ele não é um homem burro, no entanto. Ele pega a lanceta. — Do seu dedo, eu presumo?

Eu não respondo.

Ele agarra meus pulsos amarrados e puxa um dos dedos para longe do resto. Seu toque não é cruel, mas escolho esse momento para mostrar minha insatisfação e uso as duas mãos para socá-lo no nariz.

Bem, soco é uma descrição vaga. Eu realmente não posso socar com meus pulsos amarrados, nem posso acabar para torná-lo eficaz. Eu meio que sabia disso antes de tentar, mas percebi que ainda valia a pena como um ato de desafio.

Um sinal de guerra.

Eu não quebro o nariz dele. Nem faço sangrar. *Cristo*, nem tenho certeza se o machuquei, mas ele reage rapidamente, deslizando minhas mãos para baixo e prendendo-as no colchão, efetivamente me deixando cair de lado. Ele paira sobre mim, os olhos brilhando.

Oh foda.

Ele está excitado?

Tarde demais, lembro-me de seu aviso de que ele estava excitado por lutar comigo.

E meu corpo tolo reage, o calor se acumulando entre minhas pernas como se fosse algum tipo de ritual de acasalamento, e não um sequestro brutal.

Tudo bem, talvez não tão brutal.

— Não bata, *zaika*. Você não vai gostar da punição.

Por que a palavra *punição* deixa minhas partes femininas formigando?

Eu lambo meus lábios. — O que é? — Eu não deveria dar a ele a satisfação de perguntar, mas eu dou.

Seu sorriso é perverso. Ele remove um dos meus sapatos rosa e joga no chão. — Golpeie-me novamente e você perderá seus privilégios de vestir. O vestido sai, *printsessa*. — Ele remove o outro sapato. Percebo nitidamente minha calcinha úmida e o fato de que há apenas um fino pedaço de tecido entre minha boceta e aquelas mãos ásperas.

Um latejar lento começa entre minhas pernas, meus mamilos apertam. Temendo um forte rubor, falo rapidamente para distrair a mim e a ele. — O que é *zaika*?

Seu sorriso selvagem retorna. — Coelhinha. Agora me dê seu dedo como uma boa menina.

Eu levanto meu dedo do meio.

Seus olhos brilham, como se ele amasse meu desafio. Uma onda de tensão sexual me atinge com força total quando ele a segura e espeta a ponta com a lanceta, depois espreme uma gota de sangue na tira de teste. Ele o insere no medidor e vira a tela para me mostrar a leitura.

— Ainda muito baixo. — eu digo a ele. — Preciso de insulina.

Ele pega uma agulha hipodérmica e um frasco de insulina. Mais uma vez, ele descobre como funciona e enche a agulha. — Onde?

Desta vez eu definitivamente dou descarga. — Você pode dar

no meu braço.

Seus olhos se estreitam quando ele reconhece meu desconforto.

— Onde você costuma levá-la?

Eu levanto meu queixo. — Nenhum de seus negócios.

Um canto de sua boca se levanta. — Sua bunda? — ele adivinha.

— Minha barriga! — Eu rosno.

Seus olhos brilham e ele alcança a bainha do meu vestido. — O que, *zaika*? Você tem medo que eu veja sua calcinha rosa?

O calor sobe do meu pescoço até as orelhas enquanto ele lentamente puxa a bainha para cima, expondo minhas coxas, depois minha calcinha, até meu umbigo.

Ele passa a parte de trás de um dedo na frente da minha calcinha, enviando tremores pela parte interna das minhas coxas. — Você acha que eu já não vi essas coisas bonitas quando você estava no meu porta-malas? Ou amarrada na minha cama?

Meu estômago revira. Oh *Santa Maria*. Esta é a cama dele? Estou tão ferrada.

Talvez toda a realidade da minha situação finalmente me atinja. Talvez o bom senso volte e o medo se instale, mas por alguma razão, meus olhos de repente se enchem de lágrimas. Desvio o olhar, piscando. Chateada por ele ter visto que me pegou.

Ele aperta um pequeno pedaço de carne na minha barriga e injeta em mim, então segura meu queixo. — Não chore. Se você se comportar, você não vai se machucar. São seus irmãos que quero punir, não você.

Encontro seus olhos, surpresa com a mudança repentina em seu comportamento.

Ele deixa cair meu queixo e se afasta, me dando as costas.

Eu fecho meus olhos, bloqueando a visão dele. Desta sala.

Da minha nova prisão.

— Espere.

Merda. Eu preciso ficar longe dessa mulher. Ela é uma tentação demais. Eu poderia olhar para o rosto dela o dia todo e nunca me cansar disso. Ela é linda. E a beleza dela faz coisas estúpidas comigo. Como me fazer querer ser legal.

E não há porra de lugar para ser legal aqui.

Pior, eu não quero apenas olhar para o rosto dela. Eu quero morder aqueles lábios, foder aquela boca, ver seus olhos revirarem para trás em sua cabeça quando eu bato nela com força.

E eu não vou fazer nenhuma dessas coisas.

Eu não estupro mulheres.

Posso não confiar nas mulheres. Posso pensar que elas são mentirosas manipuladoras que querem atrair você para o covil deles e comer seu coração. Mas eu ainda não aceitaria o que não foi oferecido.

Posso fazer a princesinha da máfia pensar que vou, mas não faria isso.

— O quê? — Eu não me incomodo em virar.

— Eu tenho que fazer xixi. E estou com fome.

Porra. Eu giro e a fixo com um olhar duro.

Um rubor sobe por seu pescoço. Ela pode fingir ser durona - e eu adoro quando ela faz isso - mas eu sei a verdade. Ela tem medo de mim.

E um pouco excitada.

— Ok, printessa. Levante.

Ela ergue as sobrancelhas e tenta se arrastar até o final da cama.

Eu observo por um momento, porque é tão quente o jeito que seu vestido sobe e eu com certeza quero ver aquela calcinha rosa de novo.

Quando ela finalmente chega à beira da cama, vou até ela e desamarro seus tornozelos.

—Vá. — Eu a levanto e dou um tapa em sua bunda, forte o

suficiente para ser um aviso.

Ela guincha e corre para a frente, depois se vira e estende os pulsos amarrados para mim. — E esses?

Eu balanço minha cabeça. — Faça isso. Banheiro está lá. Deixe a porta aberta. — A proximidade dela engrossa meu sotaque, me faz largar o artigo na porta.

— Foda-se. — ela murmura enquanto se afasta.

Eu bato na bunda dela de novo.

Porra, ela não joga seu cabelo comprido e grosso e balança os quadris enquanto atravessa o quarto para o banheiro.

Adorável.

A garota é seriamente alguma coisa.

Definitivamente meu dia de sorte. Os Tacone não poderiam ter me dado um presente melhor do que sua linda e jovem irmã.

Eu fico imóvel, um formigamento correndo pela minha pele quando um pensamento me ocorre.

Não.

É uma ideia terrível.

Eu levanto meus olhos para Alessia, que se comprometeu, deixando a porta aberta 15 centímetros. Bom. Ela sabe que cumprirei minha ameaça de punição.

Volto à minha terrível ideia. Posso?

Provavelmente não.

Eu devo?

Definitivamente não.

Meu telefone descartável vibra. É Victor, meu *pakhan*. O papai, ou chefão da nossa *bratva*. Aquele que me mandou embora depois que Sabina fez seus truques. Ele é o único que tem esse número, visto que é um telefone novo.

— *Da, Pakhan.*

— Volte. Zima está morto. — diz ele em russo.

Zima é a razão pela qual Victor me mandou sair. Zima me queria morto. Victor não permitiria. Como o *derzhatel obschaka* - o contador da organização - sou muito valioso para ele. Ou talvez fosse por respeito à minha mãe, sua amante de longa data. De qualquer

forma, fui banido. Enviado com o general de brigada Ivan para montar uma organização em Chicago. Um trabalho de merda, e para o qual sou totalmente qualificado. Então deixei Ivan se divertir e continuei trabalhando em meus esquemas de lavagem.

O vaso sanitário dá descarga no banheiro.

Meu coração bate forte com a audácia da minha ideia.

— *Da.* Eu irei imediatamente. Assim que eu conseguir a papelada para trazer minha nova noiva. Estou levando a garota Tacone como minha. Eles vão me pagar para mantê-la viva e bem. É a melhor vingança.

Victor não fala por um momento. O casamento é proibido pelo Código de Conduta dos mafiosos, mas aquele que envolve vingança contra um inimigo é uma situação diferente.

— Bom. Quero você aqui até domingo. Os negócios ficaram descuidados sem você.

— Vejo você no domingo, Papa.

Ele termina a ligação sem se despedir enquanto continuo olhando para a porta do banheiro. Quando Alessia surge com outro lance arrogante de seu cabelo, meu pau se alonga na minha perna da calça.

Sim.

Não há melhor maneira de foder o traseiro dos Tacone do que casar com alguém da família deles. Reivindique sua irmãzinha como minha noiva e exija o pagamento na forma de um dote.

Para mantê-la no estilo a que ela está acostumada, é claro.

Não que eu já não tenha muito dinheiro.

Não, isso é negócio. Estou marcando meu território da forma mais cruel possível. Fazendo aquela ligação que eu estava tentando forjar antes - entre a máfia americana e a russa.

E reivindicando o troféu mais espetacular possível no processo.

Alessia Tacone, minha noiva.

— Venha.

ALESSIA

O russo acena para mim.

Quero recusar, mas tenho medo do que pode acontecer. O cara

parece bastante são, mas isso não significa que ele não seja perigoso. Especialmente se ele tem uma rixa com a minha família. Não duvido do que ele me disse.

Que meu irmão - nem sei qual, mas não importa - pode ter sido qualquer um deles - matou todos em sua organização.

Isso não é algo que eu gostaria que meus irmãos fizessem, mas a verdade é que eu sei que somos da máfia. Eu sei que a violência acontece. Provavelmente muito mais do que eu quero pensar.

Então provavelmente seria sensato cooperar um pouco com esse cara até que meus irmãos me tirem daqui.

Eu ando até ele, sem perder a forma como seu olhar desliza sobre o meu corpo. Estou com um vestido que se apegas às minhas curvas em uma cor que ilumina meu rosto. Aproveitando sua apreciação velada, estendi minhas mãos amarradas. — Alessia Taccone. E você é?

— Vlad. — ele diz facilmente.

O fato de que ele não tem medo de compartilhar isso comigo envia um arrepio de advertência na minha espinha. Ou não vou sair viva dessa, ou ele não tem ideia de que os sicilianos não descansam até se vingarem.

Claro, eu sou sua vingança contra eles.

Ele envolve seus dedos tatuados em volta do meu braço e me leva até a porta. — Mova-se, *zaika*.

— Onde estamos indo?

— Para a cozinha. Por comida.

Desço as escadas do que na verdade é uma bela casa geminada. Iluminada e arejada, a sala de estar tem teto alto e uma televisão de última geração na parede.

Fico surpresa ao ver um garoto precisando desesperadamente de um corte de cabelo empoleirado no encosto do caro sofá de couro com os pés nas almofadas assistindo ao Disney Channel com a cabeça inclinada para o lado. Ele se vira para olhar para mim, sua expressão cautelosa.

A professora em mim fica horrorizada ao encontrar uma criança nessa situação. Ele está testemunhando um sequestro

criminoso, tornando-se aclimatado à violência e ao crime. O pior de tudo é que ele nem parece assustado ou perturbado por isso.

— Por que tenho a sensação de que este não é o primeiro crime dele? — Eu murmuro, mais para mim do que para Vlad.

— Não é.

Vlad me leva pela sala de estar até uma cozinha pequena, mas bem decorada, onde ele me empurra para uma cadeira à mesa e amarra meus tornozelos nela.

— Ele é seu filho?

Certo, agora que vi o garoto, tenho menos certeza da sanidade de Vlad. Quem, em sã consciência, envolve uma criança em um sequestro? Por que o menino não está na escola? O que diabos está acontecendo? Minha paixão por crianças aumenta e a necessidade de interferir vem à tona.

— Não.

O menino olha, como se estivesse ouvindo, ele e Vlad se olham brevemente, antes que o menino abaixe os dele.

— Mika é órfão, graças ao seu irmão.

Respiro fundo, minhas costelas se contraindo dolorosamente. Sei que escondi minha cabeça na areia o tempo todo sobre os negócios da família - era isso que se esperava de mim. Mas isso definitivamente não é algo que eu queria ouvir. Nunca.

Eu pisco para conter as lágrimas quentes.

Vlad olha para mim, a intensidade de seu olhar queimando através de mim.

— Sinto muito. — Eu encontro seus olhos uniformemente para mostrar a ele que eu quero dizer isso. As lágrimas transbordam, mas não caem.

Um músculo pulsa em sua mandíbula tensa. — Eu acredito em você. — Sua voz é rouca. Ele liga o forno e tira uma pizza congelada do freezer.

Sei que sou uma prisioneira aqui, mas ele me quer viva, então eu falo. — Vlad, eu não posso comer isso.

Ele olha para a pizza e depois para mim. — Por que não? A diabete?

Concordo com a cabeça, não querendo mencionar a coisa do rim. Eu tento não pensar sobre isso. — Adoro pizza, macarrão e pão, mas tenho que me limitar a alimentos com baixo teor de carboidratos, como carne e vegetais.

Ele joga a pizza no balcão e abre um armário. Ele pega uma lata de sardinha. — Baixo carboidrato. OK. — Ele abre a lata e pega um garfo.

— O que você sabe sobre os negócios de seus irmãos? — Ele desembrulha a pizza e a coloca no forno sem esperar o pré-aquecimento.

— Nada.

— Nada. — ele repete em seu forte sotaque. Parece mais *nadak*. — Os sicilianos mantêm suas mulheres fora do negócio, não?

— Sim. — eu admito suavemente.

Ele abre a geladeira e pega um saco de mini cenouras. Como um leão se aproximando de uma presa, ele caminha até mim e segura uma cenoura em meus lábios.

Eu encontro seu olhar azul gelo, surpresa.

Ele dá de ombros. — Eu não estou desamarrando você. Se você quiser comer, será pela minha mão, então é melhor aprender a ser doce.

Meu núcleo aperta. Isso não deveria ser emocionante, mas meu corpo não recebeu o memorando. Aparentemente, ser alimentada por um mafioso russo é excitante. Ou talvez fosse saber que estou à sua mercê. A ordem para ser doce.

De qualquer maneira, um formigamento de consciência percorre minha pele, apertando meus mamilos enquanto dou uma mordida no vegetal oferecido. O russo está sobre mim, observando. Eu juro que seu olhar está faminto.

A cenoura está deliciosa, ou talvez eu esteja morrendo de fome. Eu engulo a mordida e levanto meus lábios para mais.

As linhas endurecidas de seu rosto suavizam enquanto ele me alimenta com a outra metade da cenoura, depois pega outra. — Você não sabe de nada, então eu vou te contar. Junior atirou e matou seis dos meus homens em um restaurante chamado Caffè Milano em

fevereiro.

Eu paro de comer, meu apetite desaparece de repente.

— Você sabe? — ele pergunta em um falso tom de conversa.

— E quem atirou no meu irmão? — Eu exijo. Fevereiro foi quando Gio levou um tiro. Quando Junior se recusou a levá-lo a um hospital, em vez disso, trouxe uma enfermeira para cuidar dele em casa.

A enfermeira com quem ele se casou hoje.

Novas lágrimas ardem em meus olhos pensando em como o casamento deles deve ter sido arruinado pelo meu sequestro. Como todos eles devem estar preocupados comigo.

— Se você acha que meus irmãos não vão te matar por isso, você está louco.

Ele dá de ombros. — Oh, eu tenho certeza que eles vão me querer morto. Mas eles não vão fazer isso.

Eu temo a resposta para minha próxima pergunta. — Por que não?

O sorriso selvagem brinca em seus lábios. Ele me dá outra cenoura. — Porque, *zaika*. Eu não estou devolvendo você. E eles não vão querer que você seja prejudicada, certo? Além disso, será muito difícil nos encontrar na Rússia.

Rússia.

Não me devolvendo.

O pânico total floresce em minha barriga, inunda meu corpo com adrenalina. Eu tento levantar da minha cadeira, que só consegue balançar para frente e jogar meu peito na mesa.

Aparentemente não impressionado, ele me inclina para trás com uma cutucada no meu ombro.

— Não vou para a Rússia com você. — digo a ele. Como dizer isso com firmeza o suficiente fará com que seja assim.

— Você vai. Você será minha noiva, *zaika*. E você aprenderá a obedecer ao seu marido. Seja uma boa menina, você pode eventualmente ganhar sua liberdade.

Meu coração troveja em meu peito. — *Não.*

— *Izvinyayus.*

— O que isso significa?

— Isso significa *desculpe*. Seu destino foi selado, *printsessa*. Você é minha. Seus irmãos vão me pagar para ficar com você.

Meu estômago se contorce em um nó apertado.

— Não se preocupe, vou mantê-la bem. — Ele estende outra cenoura, mas eu viro minha cabeça bruscamente.

Ele pega meu queixo e vira meu rosto para ele. O toque é gentil, mas seus olhos brilham com um comando potente. — Você vai comer. Não me teste.

Eu o encaro, mas para meu horror, seu rosto bonito e cruel fica embaçado quando meus olhos se enchem de lágrimas.

Ele acaricia minha bochecha com o polegar, nada mudando em sua expressão.

Mais uma vez, sinto aquele aperto em meu núcleo. Como se meu corpo amasse a ideia de ser prisioneira desse homem, mesmo que minha mente se rebelasse.

Uma lágrima escapa do meu olho direito e cai em seus dedos.

Ele segura meu olhar enquanto leva os nós dos dedos à boca e chupa. Ele inclina a cabeça para o lado. — Talvez eu deixe você ir. — ele diz, como se estivesse discutindo onde quer comer, não todo o meu futuro. — Depois de um ou dois anos. Veremos.

— Vlad, você não pode...

— Ah, mas eu posso, *zaika*. — Ele bate na mesa onde está o saco de cenouras. — Chega de discutir. Mostre-me que você será uma boa menina e coma. — Ele segura outra até meus lábios.

Balanço a cabeça, planejando recusar. Nós trocamos olhares, seus olhos azuis perfurando os meus, eu abro minha boca e como, exatamente como ele ordenou.

Maldito seja.

Em silêncio, nós mantemos nossa competição de olhar fixo - Vlad elevando-se sobre mim, me alimentando com as cenouras, depois as sardinhas. Eu, aceitando cada mordida, olhando para ele com todo o desafio que ousa dar. O tempo todo, meu corpo traidor responde à sua proximidade. Sua masculinidade absoluta - o poder por trás dos músculos salientes, a força de sua presença.

— Boa menina. — diz ele quando termino. O timer do forno desliga. Ele pega a pizza e a joga na caixa de papelão em que veio. — Mika. Venha.

O menino balança as pernas no encosto do sofá e pula. Ele pode ser mais jovem do que eu pensei inicialmente.

Quando ele entra na cozinha, eu pergunto a ele. — Mika, quantos anos você tem?

O menino lança um olhar para Vlad, que dá de ombros. — Você pode responder.

— Doze. — ele murmura. Ele tem um olhar raivoso, mas não é direcionado a mim, é para a mesa.

Vlad entrega a ele uma fatia de pizza em um prato e coloca uma laranja ao lado. — Aqui você vai. Pegue um copo de leite para acompanhar.

O menino obedece e eu fico um pouco tranquilizada. Vlad está pelo menos cuidando de suas necessidades alimentares básicas. Mas ainda assim, esse menino deveria estar na escola.

— Em que série você está?

— Nenhuma. — o menino responde defensivamente. Como se ele estivesse me desafiando a tentar fazê-lo ir para a escola.

— Você quer voltar para a Rússia, Mika? — Vlad pergunta.

O medo se espalha pela expressão de Mika e meu coração aperta. — Não. — ele diz rapidamente.

Vlad parece entender a apreensão do menino. — Comigo. — ele esclarece. — Vou levar a garota para Volgograd.

Mika ainda parece cauteloso.

— Você ficará comigo, a menos que prefira que eu o entregue aos cuidados de outra pessoa.

Sinto relutância na oferta de Vlad, como se ele não tivesse aceitado a ideia de cuidar desse menino para sempre, mas o alívio no rosto de Mika me faz querer jogar meus braços em volta de Vlad e beijá-lo.

Pobre Mika. Recentemente órfão, ele provavelmente está com medo de ser abandonado ou penhorado com outra pessoa. Ele só quer se relacionar com alguém para satisfazer suas necessidades.

De repente, não estou tão chateada com Vlad me levando para a Rússia. Alguém precisa cuidar desse menino, dar-lhe uma educação e garantir que ele seja bem cuidado. Se eu estiver junto, posso garantir o bem-estar dele. Devo isso a ele, pois foi Junior quem o deixou órfão.

CAPÍTULO QUATRO

VLAD

No quarto eu desamarro pulsos de Alessia para verificar a pele por baixo. Está esfolado e em carne viva, então enrolo um pedaço de uma das minhas camisetas ao redor da área antes de amarrá-la novamente.

Ela está quieta por tudo isso. Retraída.

Pego o monitor de glicose para verificar o açúcar no sangue antes de dormir.

— Você não precisa verificar novamente. Eu deveria estar estável agora. — ela murmura.

Eu a ignoro e pego a gota de sangue de qualquer maneira. Ela não me parece do tipo suicida, mas prefiro não confiar nela para obter todas as minhas informações. Ela está certa, porém, seus números estão dentro do intervalo, de acordo com o intervalo que ela me deu.

Eu faço uma anotação mental para pesquisar o inferno fora de sua doença, para que eu possa cuidar dela adequadamente.

Já uma proteção feroz por ela me consome, o que é incomum para mim. Eu não confio em mulheres. Na minha experiência, elas são as criaturas mais coniventes e enganosas sob o sol. Mas essa está completamente à minha mercê, o que muda significativamente a dinâmica.

Ela também é linda.

Isso não deveria importar. Não deveria fazer diferença, mas faz.

Claro, Sabina era linda, e olha o que ela fez. Quase me matou. Ainda não sei qual era o jogo dela - por que ela iria querer me armar.

Eu removo as cordas do tornozelo de Alessia e a acompanho até o banheiro. Encontro uma escova de dentes fechada na gaveta. — Você pode usar isso. — Eu deixo cair no balcão.

— Como você espera que eu escove com os pulsos amarrados?

Eu dou de ombros. — Sua escolha. Descubra ou não. E deixe a porta aberta. — Eu saio para o quarto para dar a ela um mínimo de

privacidade.

Ela sai alguns minutos depois e eu a amarro na cama e apago a luz.

Então eu não sei o que diabos fazer comigo mesmo. Deitar ao lado dela vai deixar meu pau tão duro que vai quebrar. Mas também não vou deixá-la sozinha.

Eu faço uma verificação rápida em Mika, não que o garoto precise de alguma coisa. Ele está encolhido no sofá onde está dormindo e assistindo televisão. Não digo a ele que é hora de apagar as luzes. Ele é autossuficiente demais para precisar desse tipo de merda. Eu apenas ando por aí e apago as luzes como faço todas as noites, deixando uma acesa na cozinha para o caso de ele se levantar.

— Boa Noite. Mika. — Eu alcanço a parte de trás do sofá e aperto seu braço.

— Boa Noite. — ele murmura sonolento e aperta o botão de desligar no controle remoto.

Lá em cima, escovo os dentes e tiro os sapatos. Decido que dormir totalmente vestido em cima das cobertas é a melhor opção. Se eu me esfregar contra aquela pele jovem e macia dela durante a noite, não há como dizer o que vou fazer.

— O que aconteceu com os pais de Mika? — Alessia resmunga na escuridão.

Cristo. Era por isso que ela estava tão quieta? Ela está pensando em Mika esse tempo todo? Uma faixa apertada aperta meu peito.

Porra. Não quero achar essa mulher tão simpática.

— Eu já disse a você. — eu retruco, mesmo que ela não mereça. Mesmo que o que eu disse a ela não seja totalmente verdade.

— Junior os matou? — Seu tom trêmulo força a verdade de mim.

— Nyet. Não. O menino não tinha pai, até onde sei. — eu admito. — Sua mãe era uma prostituta para a *bratva*. Ela e Mika vieram para cá com Aleksí, um dos homens da minha operação. Então ela fugiu e deixou Mika com nosso homem. Aleksí cuidou dele. Seu irmão matou Aleksí.

— Sua mãe... o deixou com a máfia russa?

— *Da.* A cadela fugiu. Deixou o filho assim que chegaram à América. Acho que ela viu a viagem como sua passagem para a liberdade. Ela disse a Mika para ser leal a nós para que cuidássemos dele.

O garoto é leal como o inferno. Mas eu com certeza não queria responsabilidade para ele.

— E você fez? — Alarme soa em sua voz.

— *Da.* — É mais ou menos verdade. Treinar pirralhos nas ruas há muito faz parte da máfia russa. — Eu tinha ido embora quando seu irmão matou todo mundo. Quando voltei, encontrei o menino sobrevivendo sozinho. Ele havia comido toda a comida da casa e estava roubando nas lojas da vizinhança para sobreviver. Ele se escondeu da polícia quando eles vieram revistar o local.

— Oh Deus. O pobre garoto. — Ela fica em silêncio por um momento. — Ele foi à escola?

— Não. — Integrar o garoto na sociedade americana não fazia parte do meu plano. Ele não está pior do que estaria na Rússia com sua mãe prostituta. Suas chances de sobrevivência - e até mesmo uma situação de vida decente - aumentaram muito quando ele se tornou minha responsabilidade. Eu sei, porque ele me gruda como cola. Ele é muito grato e faz tudo o que eu digo sem questionar.

— Ele ainda está aprendendo inglês. E escolhi mantê-lo comigo, mantê-lo por perto. É uma situação de curto prazo.

— Qual é a de longo prazo?

Devolvê-lo aos escalões inferiores da *bratva*. — Ainda não descobri isso.

— Você está chantageando minha família, certo? Exigindo dinheiro por mim?

— Sim.

— Parte desse dinheiro deve ir para o menino. — Ela diz ferozmente, como se estivesse preparada para brigar comigo sobre isso. Eu gostaria de dizer que não me comove com a compaixão dela pelo menino, mas um sentimento de culpa distorcido move-se em meu centro.

Esta mulher pode não ser a princesa egoísta e mimada que eu imaginei que ela fosse. Ela é mimada, ingênua e suave, porém, como seria uma filha protegida. Mas eu aprecio sua paixão pelo garoto.

— *Da.* OK. Vou abrir uma conta para ele. Offshore, isento de impostos, é claro.

Ela rola no escuro e olha para mim. Eu tenho que lutar contra o desejo de tocá-la. Para afastar aquele cabelo castanho de seu rosto adorável. Para passar o polegar sobre aqueles lábios carnudos. Enfiar na boca dela e fazê-la chupar.

— Promete?

— Minha palavra.

Ela deita a cabeça para trás e suspira.

Eu não posso resistir. Enterro meus dedos em seu cabelo e gentilmente massajeio seu couro cabeludo.

Ela faz um som suave de rendição. Continuo fazendo isso até que ela adormeça.

Então eu me forço a me afastar dela, para o outro lado da cama, de costas.

— Tire isso de mim. — eu gemo quando acordo, meus braços doendo por terem ficado na mesma posição por muito tempo. Estendo meus pulsos para Vlad, sem muita esperança de sua obediência. Afinal, sou sua prisioneira.

Mas ele também não é um tirano. Eu já posso ver isso. Ele embrulhou meus pulsos ontem à noite quando viu que a corda estava machucando minha pele. E ele massageou minha cabeça até eu adormecer na noite passada. Não tenho certeza se já senti algo tão maravilhoso em minha vida.

Não tenho certeza se ele já dormiu.

Ele está sentado na cama, ainda vestido, os dedos voando sobre o teclado de seu laptop. Engraçado, eu teria imaginado que ele era o tipo de digitador que caça e bica. Acho que julguei mal.

Sem uma palavra, ele estende a mão e me desamarra, assim. Eu gemo e balanço meus braços, esfregando os alfinetes e agulhas antes de me inclinar e desamarrar meus tornozelos.

— Eu quero ir para casa.

Eu sei que pareço um bebê. E eu sei que ele não vai dizer “tudo bem” e me mandar para casa. Mas ele deveria ouvir minhas queixas.

— *Izvinyayus*.

Desculpe. Acho que estou aprendendo russo. Eu me lembro desse de ontem.

Ele me entrega um prato com um muffin de mirtilo e verifica meu açúcar no sangue como se fosse um velho profissional. Claramente ele fez alguma pesquisa desde ontem. O fato de ele saber que tinha comida pronta para mim assim que me levantei é impressionante. Ainda mais impressionante é como ele administra a dose correta de insulina sem que eu diga. Como ontem, quando ele descobriu minha barriga, eu corei por ter minha calcinha revelada. Ao seu toque na minha pele. A maneira como meu corpo reage à sua proximidade.

Eu termino o muffin, tentando fingir que não estou afetada. Quando coloco o prato na mesa, ele aponta para o banheiro. — Vá.

Banho. Escove os dentes.

Chego a meio caminho do banheiro antes de parar e me virar.

— Vlad.

— Da?

— Você está realmente me levando para a Rússia?

Juro que vejo um lampejo de arrependimento em seu rosto antes que se transforme em algo resoluto. — Da. Você está vindo. Você pertence a mim agora.

Alguma coisa dá cambalhotas na minha barriga. Não é só medo. É algo básico e animalesco. É a consciência da masculinidade crua de Vlad. Sua crença de que ele me possui. Apesar da minha raiva e minha recusa em me submeter, minha calcinha está úmida com a ideia.

E isso só me irrita.

— Será o seu funeral, meu amigo. — Não tenho dúvidas de que meus irmãos vão matá-lo quando me encontrarem.

E por que isso faz meu estômago apertar?

Porque eu sou muito compassiva. Muito anexável, se é que isso é uma palavra. Já sinto a necessidade de abrigar e cuidar do jovem Mika. E meus sentimentos por Vlad ... não são completamente amargos.

Mas isso não significa que vou deixá-lo me levar para a Rússia.

Eu preciso encontrar uma maneira de dar o fora daqui. E vou começar procurando no banheiro por algum tipo de arma.

Fecho a porta e a tranco.

Menos de trinta segundos depois, Vlad abre a porta, preenchendo o espaço com seu peito de barril e rosto ameaçador.

Um arrepio percorre minha espinha logo antes de ele estender a mão para mim e arrancar meu vestido pela cabeça. O choque de sua punição ondula através de mim. Eu fico de calcinha lutando contra o tremor que começa na parte interna das minhas coxas.

A parte de trás dos meus joelhos.

No meu pescoço.

— O que eu disse que aconteceria se você me desafiasse? — Seu sotaque é mais forte do que o normal, um brilho azul frio.

Serei amaldiçoada se eu me encolher para ele embora. Eu me forço a não me mexer e levanto o queixo.

Ele agarra meu cotovelo e me gira de frente para o espelho, então coloca a mão entre minhas omoplatas e força meu peito contra o balcão.

Meus seios se espalham e se achatam no mármore frio.

— Coelha má. — Ele bate na minha bunda três vezes, com força. Tudo no mesmo lugar.

Oh meu Deus, ele me chamou de *coelha*. Em inglês.

Meu corpo estúpido pensa que são preliminares, porque encharco totalmente minha calcinha. Atrevo-me a olhar no espelho e me enredar em seu olhar. Seus olhos azuis claros parecem mais escuros. Tormentoso. Ele segura meus olhos enquanto me bate novamente.

Minha boceta aberta.

Cristo, isso não deveria ser tão excitante. Minha bunda formiga e se contorce onde ele deu um tapa. A outra nádega quer o mesmo tratamento. Alguma fantasia sombria de ser maltratada, de ser levada rudemente, talvez até forçada, espreita nas bordas da minha consciência sexual. Um desejo que nunca reconheci.

Uma torção seriamente distorcida.

Vlad ainda não me soltou de seu olhar. Ele dá um tapa na outra nádega - *graças a Deus!* e sua mão fica ali, apertando com força. Com a outra mão, ele segura minha garganta, levanta meu tronco até atingir seu peito. Ele deu um passo bem atrás de mim, a protuberância dura de seu pau pressionando contra minha bunda vestida de calcinha.

Oh Jesus, as palpitações na minha barriga são irreais. Minha respiração é curta e trêmula. A dele é quente, bem na minha orelha.

— Você está só de calcinha, *zaika*. O que acontece se você me desobedecer de novo?

Boceta aberta.

Não respondo, porque parecia uma pergunta retórica, mas ele morde o ponto onde o pescoço encontra o ombro. Forte o suficiente para deixar uma marca.

Eu suspiro.

— Responda-me, *printsessa*.

Vibra. Mais palpitações. Vibra por toda parte. Em todos os lugares.

— Eu vou perder minha calcinha?

Oh meu Deus, pareço a heroína idiota de um vídeo pornô pateta.

Vlad ri sombriamente. — Isso mesmo, *printsessa*. Você vai ficar nua para mim. — Ele relaxa seus quadris para trás e empurra, empurrando minha pélvis contra o balcão e sua dureza entre o berço das minhas pernas. — E se esta é minha reação à sua calcinha, o que você acha que vou fazer quando você estiver nua?

Arrepio de corpo inteiro.

Ele move os quadris para o lado e bate na minha bunda de novo, exatamente onde eu quero.

Um gemido sai dos meus lábios antes que eu possa chamá-lo de volta. Vlad empurra com força entre minhas pernas, sua mão apertando meu pescoço. Eu choramingo.

— Blyat. — Vlad murmura. — Você continua fazendo esses barulhos, você vai ser fodida agora mesmo, *printsessa*. Estou tentando me segurar, mas você dificulta.

Oh, *Santa Maria*. Meus olhos reviram na minha cabeça. Estou tão excitada, estou bêbada de luxúria.

Seu polegar traça ao longo da linha da minha mandíbula, os dedos ainda em volta do meu pescoço. — Eu gosto do jeito que você treme, Alessia.

Eu tremo mais forte. A superfície plana da minha barriga estremece a cada respiração irregular. — Vlad. — eu sussurro.

Ele empurra contra mim novamente. — Diga isso de novo.

— Vlad. — Estou tremendo. Minha pele quente e formigando, boceta derretida.

Vlad desliza a mão em minha garganta para baixo e aperta meu peito com força.

Desta vez, solto um gemido sem tentar me conter.

— Você precisa de uma boa foda. — Há admiração em sua voz.

Tento engolir, mas não consigo. Meus lábios se abrem. Seu polegar desliza para dentro.

Eu mordo, com força.

Ele puxa para fora ao mesmo tempo em que empurra contra a minha entrada novamente. O reforço da minha calcinha está tão encharcado que temo que ele possa sentir através do jeans.

Ele empurra meu tronco de volta para baixo e começa a bater na minha bunda com tapas fortes que caem de um lado e depois do outro.

Eu gemo arbitrariamente. A dor vem como um alívio. Exatamente o que preciso para aliviar a tensão sexual que ameaça me destruir de dentro para fora.

Ele também não se detém. Cada golpe arde e arde e me deixa ofegante e tão molhada. Quando ele inclina a mão para golpear entre as minhas pernas, um mini orgasmo rasga através de mim.

VLAD

A garota acabou de ter um orgasmo.

Admito que escolhi Alessia como minha refém porque ela é agradável aos olhos, mas nunca em um milhão de anos pensei que veria algo tão quente. Se eu vendesse ingressos para esse show, ganharia meio milhão em um dia. Não que eu fosse, em qualquer vida, permitir que outro homem visse o que estou vendo. Não, já me sinto ferozmente possessivo com ela.

Alessia Taccone é o material de que são feitas as fantasias. Ela tem cara de lançar mil navios. O corpo para deixar um milhão de homens de joelhos. E essa exibição de sexualidade arbitrária me arruinou para sempre para qualquer outra mulher.

Ainda bem que vou ficar com ela.

— *Blyat*. — eu murmuro em seu ouvido. — Você está fazendo minhas bolas doerem tanto que elas vão cair.

Seu corpo doce e macio continua a tremer contra o meu. Eu quero chegar entre suas pernas e levá-la ao orgasmo novamente. Sei que não demoraria muito, ela ainda está no limite, madura e pronta para isso.

Mas se eu fizer isso, vou acabar rasgando sua calcinha e batendo nela até que nós dois levantemos o teto, e não posso fazer isso.

Não enquanto ela ainda for minha prisioneira.

Não até que ela seja minha esposa. Sã e salva em minha propriedade nos arredores de Volgograd.

Não, a menos que eu tenha certeza de que ela quer.

Eu não estupro mulheres.

Então me forço para longe dela e dou um tapa nessa bunda deliciosa de novo. — Tome um banho. — Meu sotaque é tão forte que é incrível que ela consiga me entender. — Deixe a porta aberta ou sofra as consequências.

Ela tropeça em direção ao chuveiro e não olha para trás, passando por trás da cortina sem abrir a torneira ou tirar a roupa de baixo.

Ela é tão atraente pra caralho. Não é apenas a beleza, é a mistura de inocência madura e atrevimento. A coragem e o orgulho, apesar das circunstâncias. A compaixão que ela mostrou a Mika.

Eu quero possuí-la em todos os sentidos. Espancá-la, dominá-la, estragá-la. Eu a quero de joelhos, olhando para mim com aqueles grandes olhos sicilianos, ansiosos para agradar.

E agora sou obrigado a ganhar a confiança que essa cena exigiria. Para ensiná-la a me obedecer, me honrar e recompensá-la por seus esforços.

Exuberantemente.

Com orgasmos, riquezas, atenção. Adoração. Mais orgasmos.

Posso fazê-la gostar da Rússia?

Querer ficar?

Porque se não o fizer, já sei que seria incapaz de mantê-la contra sua vontade por muito tempo.

Vou pegar o dinheiro do irmão dela e libertá-la, eventualmente, se ela não ficar.

Mas e se ela ficasse?

Ela deixa cair a calcinha fora da cortina do chuveiro e eu ouço a água começar.

Fora. Dê o fora.

Eu me força a sair do banheiro, apertando meu pau latejante através do meu jeans. Terei que me masturbar antes que o dia acabe ou definitivamente vou rolar ela de bruços e transar com ela por trás no meio da noite.

Mas agora, tenho negócios para cuidar.

Passaportes a fazer, documentos a falsificar. Voos privados para reservar.

Pego o vestido dela e o tranco no fundo falso da minha mala com meus outros objetos de valor, depois volto para o meu laptop. Estou quase terminando de alterar o rastreamento eletrônico de Anya Popov, a mãe de Mika. Mudei sua idade para 28 anos e troquei sua foto por uma de Alessia que tirei de sua conta no Instagram. A garota deveria ter mais cuidado com suas configurações de privacidade, não que eu não pudesse hackea-las. Agora parece que a cadela que veio e abandonou seu filho está voltando para a Rússia, levando seu filho e seus vistos de repente não expirados com ela.

Hackear foi uma habilidade que me foi ensinada desde muito jovem por Igor Ivanovich, chefe da organização em que fui colocado quando minha mãe se tornou amante de Victor. É uma habilidade que eu poderia considerar ensinar a Mika. Isso o manteria longe das ruas, daria a ele um comércio que ele poderia usar para abrir caminho na *bratva*. Para se tornar muito útil para matar. E rico também, se for esperto.

Tenho dinheiro guardado em contas em todo o mundo, sob muitos nomes para listar. Montei elaborados esquemas de lavagem de dinheiro para os chefes da *bratva*, para os políticos desonestos, não apenas da Rússia, mas da Ucrânia, Eslovênia e América do Sul.

Tirar dinheiro dos Tacone não é uma necessidade. É apenas a minha vingança preferida.

O dinheiro sempre foi um jogo para mim. Números na minha tela, nas minhas contas. Transferências, dividendos e renda passiva não apenas me mantiveram vivo por tanto tempo, mas me tornaram incrivelmente rico. Uma riqueza que mantenho principalmente escondida daqueles ao meu redor, até mesmo da *bratva*. Só Victor sabe

o quanto eu realmente tenho. Fui transparente com ele porque, se descobrisse o contrário, presumiria que eu havia roubado dele.

Apesar de meus ressentimentos, o menino de doze anos em mim ainda precisa de sua aprovação. Ele ainda é o papai da organização e da minha vida.

Mesmo com minha mãe agora morta.

A água desliga no banheiro. Eu não me permito olhar pela porta aberta, porque ver Alessia molhada e nua vai me deixar louco pra caralho. Mesmo assim, meu pau incha contra o meu zíper, forçando-me a mudar de posição na cama.

Ligo para um piloto que conheço na Irlanda e faço os arranjos para que ele esteja aqui com um jato particular pronto para voar o mais tardar à meia-noite. De jeito nenhum eu vou confiar em qualquer piloto nos Estados Unidos porque os Taccone podem ter espiões em qualquer lugar.

Alessia sai com o cabelo molhado caindo sobre os ombros e uma toalha enrolada em volta dela.

Balanço a cabeça e ela para.

— Largue a toalha. — eu rosno. — Você perdeu seus privilégios de se vestir.

Suas narinas dilatam. Ela acabou de ser excitada e agora ela está chateada. — *Figlio di puttana!*

Eu não falo italiano, mas entendo a essência. — Cuidado, *printsessa* ou eu vou bater nessa bunda vermelha de novo.

A cor tinge suas bochechas.

Meu pau fica duro como mármore.

Porra, como eu quero bater entre essas pernas até que ela grite.

Eu limpo minha garganta. — A toalha.

Ela joga o cabelo, espalhando respingos de água pelo quarto. Com um movimento de seu pulso, ela remove a toalha e joga na minha cara. Para nossa sorte, ela está usando calcinha por baixo.

Isso não impede meu pau de latejar.

— Por aqui. — Pareço muito mais rude do que pretendo. É isso que as bolas azuis fazem comigo. Eu me forço a respirar antes de chegar perto dela, antes de amarrar seus pulsos e amarrá-la na cama.

Ela cheira a maçãs e mel. É esse o cheiro do meu shampoo? Não pode. Eu nunca cheirei nada tão eroticamente atraente antes em minha vida.

Enrolo a faixa de tecido em torno de seus pulsos primeiro para evitar que a corda morda, depois amarro suas mãos juntas. Prendo-os na cabeceira da cama para garantir, mas deixo seus tornozelos livres. Não tem nada a ver comigo querendo ver aquelas pernas longas se debatendo na cama quando ela tenta se mover.

Nada mesmo.

Porra.

Não vou fazer nada se ficar neste quarto com ela. Pelo menos nada que não seja pornográfico.

Quando tenho certeza de que ela está bem presa, levanto-me e saio. Eu preciso pegar Alessia mais do que apenas um muffin para comer.

Preciso ter certeza de que Mika tomou café da manhã.

Principalmente, eu só preciso me afastar da sedutora amarrada à minha cama.

— Aveia? — eu pergunto quando Vlad retorna carregando uma tigela.

Ele olha para a tigela. — Sim? Eu acho. — Ele dá de ombros. — Mika gostou.

Isso não deveria aquecer meu coração. Nem o fato de que ele cortou banana na tigela e trouxe uma xícara de café fumegante. Ele parece rude e bad boy, mas Vlad não é mais rude de coração do que um dos meus irmãos.

Ele solta a corda que ligava meus pulsos à cabeceira da cama e me ajuda a sentar, apoiada no meio da cama com um travesseiro atrás das costas. Ele se senta ao meu lado e estende a colher.

— Realmente? Você vai me alimentar de novo? Você não tem algo melhor para fazer com o seu tempo?

Ele faz uma pausa com a colher a meio caminho da minha boca, como se estivesse realmente considerando a pergunta. Ele dá de ombros novamente. — Sim e não.

— Explique. — Eu engulo uma colher de mingau de aveia que realmente atinge totalmente o local.

— Sim, tenho trabalho a fazer. Mas não posso permitir que minha prisioneira entre em coma diabético novamente.

— Você já me deu insulina.

— Eu gosto de você à minha mercê.

Aí está. O cerne de nosso relacionamento e temo a fonte de nossa atração mútua. É doentio e errado em todos os níveis. E por que preciso escapar das garras desse homem imediatamente. Antes que ele me leve para a Rússia. Antes que ele cresça mais em mim.

Ele leva a borda da xícara de café aos meus lábios e tomo um gole com cuidado.

E quase cuspo. — Oh meu Deus! Isso é café *instantâneo*?

Vlad dá de ombros. — Então?

Eu faço uma careta. — Nojento.

Ele leva a caneca à boca e bebe tudo de uma só vez, depois limpa a boca com as costas da mão. — Sem café expresso hoje,

printsessa.

Eu encaro o copo vazio, minha decepção é real. Sim, tenho problemas muito maiores para me preocupar, como estar quase nua e amarrada na cama de um homem. Precisando escapar antes que ele me leve do outro lado do mundo. Mas esse café cheirava bem.

E eu realmente gosto do meu café da manhã, caramba.

— É assim que os russos fazem café? — Se ele vai me chamar de princesa, é melhor eu agir como uma.

Ele enfia outra colherada de mingau de aveia na minha boca.
— Os russos bebem chá. Quem toma café, bebe instantâneo. Em geral.

Percebo que cabe a mim mantê-lo na conversa. Quanto mais eu aprendo sobre ele, melhor. Além disso, quanto mais cedo eu conseguir que ele confie em mim, mais rápido encontrarei uma maneira de escapar. Chega de fechar a porta quando ele me diz para não fechar. Preciso agir como a pequena prisioneira obediente e induzi-lo à complacência.

Contemplar a obediência me faz mexer minha bunda na cama. A dor da surra já passou. Se essa é a versão de punição de Vlad, não corro muito risco de quebrar uma unha. Parece que ele gosta mais de humilhação do que de invocar dor ou medo real.

O que é bom, porque também não sinto dor ou medo de verdade.

E a humilhação... foi bem quente.

— E você?

Surpresa passa por seu rosto, como se ninguém nunca tivesse perguntado o que ele bebe. Quando ele dá de ombros, percebo que é característico. — Eu gosto de ambos.

— Mas não café expresso? — Deixei um sorriso provocador brincar em meus lábios.

Sou recompensada com uma resposta que me tira o fôlego. Ele me estuda por um momento, como se eu fosse a criatura mais fascinante que já existiu na Terra, então me alimenta com outra colherada. — Nunca desenvolvi gosto por isso. Como você gostaria do seu?

Termino de mastigar e engulo. — Cappuccino descafeinado.

— *Descafeinado?* — Ele zomba. — Qual é o ponto?

— A cafeína afeta mais o açúcar no sangue. — E a minha pressão, que não é boa para o problema dos rins, mas não gosto de pensar nisso.

Seu rosto se suaviza em simpatia. — Ah. — Ele tira uma gota de leite do meu lábio inferior. — Um pacote tão perfeito, é difícil acreditar que as mercadorias dentro estão danificadas. — Eu me encolho e ele balança a cabeça. — Eu não quis dizer isso dessa forma. Só lamento meu equívoco. A princesa da máfia não vive a vida encantada que eu imaginava, só isso.

Por alguma razão, isso faz meus olhos arderem. Talvez porque não esperasse tanta compaixão do meu sequestrador.

Claro, ele vê. Suas sobrançelas mergulham e ele desliza o polegar sobre minha bochecha. — Shhh. Eu cuidarei de você, Alessia. Cometi um erro ao drogá-la ontem, porque não sabia. Não vai acontecer de novo. Seu corpo requer vigilância. Mantendo um equilíbrio delicado. Eu vou controlar a diabetes. Você não precisa mais se preocupar.

Algo vibra atrás do meu esterno. Um tremor que não consigo identificar. Meus olhos ficam úmidos, embora eu não consiga entender por quê. Sempre odiei minha família assumindo que sou fraca e frágil, cuidando de mim, mas a ideia de ele assumir parece um alívio.

Este homem *precisa* me manter viva. Ele está me usando como dinheiro do resgate. Ele não é um parceiro de vida que promete tirar o fardo do diabetes. Ou se é isso que ele está fazendo, ele é louco. Ele não vai me manter como sua noiva cativa. Eu não estou esperando por isso.

Eu viro minha cabeça, recusando mais comida. Meu estômago está muito embrulhado para comer mais, de qualquer maneira.

Vlad murmura algo em russo e sem cerimônia me puxa de costas com seus dedos tatuados em volta da minha coxa. Minha calcinha sobe pela minha bunda e eu me contorço, tentando colocá-la de volta para baixo.

— *Blyat.* — Ele balança a cabeça e agarra meus pulsos para prendê-los novamente na cabeceira da cama.

É obviamente algum tipo de palavrão. Eu pediria a tradução, mas estou me sentindo muito mal-humorada.

Quando Vlad sai do quarto, deixa cair algumas lágrimas.

VLAD

Eu fico longe do quarto do sótão a maior parte da manhã. A garota é uma tentação demais para mim, especialmente sem o vestido.

A punição dela se tornou a minha também.

Durante toda a manhã, porém, sua voz toca e repete em meu ouvido. Seu cheiro faz cócegas no meu nariz. Penso na sensação de seu cabelo sedoso entre meus dedos, ou em sua linda bunda de princesa sob minha mão.

Ela é tão atraente. Tão longe da criança mimada que eu imaginava que ela fosse.

Mas isso não significa que eu possa desamarrá-la. Ou confiar nela. Ou deixá-la ir.

Os irmãos dela ainda me devem uma restituição.

Mesmo assim, quando mando Mika buscar hambúrgueres no In-N-Out, faço-o passar pelo drive-thru da Starbucks para pegar um grande cappuccino descafeinado.

O que posso dizer?

A garota já está sob minha pele.

Para um membro *bratva* tão alto na organização, sou muito otário. Deve ser por isso que Victor me manteve nos bastidores. Isso e como um favor para minha mãe. Para me manter seguro. Não que eu não tivesse meu quinhão de violência.

Quando Mika volta, levo a comida para cima.

Alessia levanta a cabeça e me olha furiosamente, mas seus lindos mamilos rosa-escuros estão duros.

Cristo, ela está excitada? De ser amarrada nua?

Eu com certeza estou. Meu pau avança acrobaticamente no meu zíper.

Porra. Isso não vai funcionar. Não há como eu conseguir alimentá-la sem primeiro segurá-la e chupar cada um daqueles mamilos tensos até que ela esteja gemendo e molhada.

Jogo a comida na cômoda e pego uma das minhas camisetas na

gaveta. — Vou permitir um breve passeio. — digo, como se a estivesse levando ao zoológico ou algo assim.

Ela estreita os olhos. — Saindo para onde?

— Para a cozinha.

Ela bufa.

Desamarro suas mãos e inspeciono seus pulsos. Não gosto que haja marcas, apesar do preenchimento. Eu os esfrego para restaurar a circulação. Então, enquanto o tique na minha bochecha fica cada vez mais forte devido à proximidade de seus lindos seios, eu puxo a camiseta sobre sua cabeça.

Depois deixá-la usar o banheiro, digo: — Vamos *printsessa*. — e a jogo por cima do ombro. Tê-la andando provavelmente seria uma escolha melhor. Ela poderia usar o movimento, tenho certeza. Mas eu gosto de cuidar do corpo dela. Mostrando a ela que ela me pertence.

Foda-se, eu só gosto de tocá-la. Tendo sua carne contra a minha, especialmente em uma posição indigna, mas quente.

Eu a carrego escada abaixo e a coloco na cadeira da cozinha onde a tive da última vez. Eu a amarro na cadeira com os braços livres, mas a corda amarrada nas costas para que ela não possa ir a lugar nenhum e aponto um dedo severo para ela. — Não se mova.

Ela franze a testa para mim, empurrando aqueles lábios carnudos de uma forma que deixa meu pau mais duro que pedra. Eu quero empurrá-lo entre esses lábios carnudos e amordaçá-la com a minha espessura.

— Mika. — Eu chamo o menino. — Observe-a enquanto eu pego a comida. — Eu mandaria o menino buscar a comida que deixei lá em cima, mas sei que Alessia gosta do menino.

Eu sei. Eu definitivamente já estou ficando mole.

Mika se posiciona na porta entre a sala e a cozinha e cruza os braços sobre o peito em uma mímica perfeita de um homem adulto e perigoso membro *bratva*. Uma pontada de culpa perfura meu escudo de indiferença em relação ao menino.

Estou realmente oferecendo a ele nada melhor do que a vida em que fui empurrado? Perigo e escuridão? Violência e desconfiança?

Alessia ainda vê inocência nele. Como eu perdi isso?

Acho que não é algo que procuro.

Subo correndo os degraus e pego o café e a comida rápida. No momento em que desço as escadas, descubro que Alessia está conversando com o garoto. Ele está cortando uma maçã com seu canivete e oferece a ela uma fatia.

Princesinha charmosa. Sua beleza provavelmente lhe dá tudo. Beleza e uma doçura natural. Ela é imaculada. Privilegiada, sim. Mas eu não diria estragada. Ela provavelmente teve o mundo em volta daquele dedo mindinho desde o início de sua vida curta e semi-encantada, então ela espera o melhor das pessoas.

E eles provavelmente dão a ela. Especialmente aqueles que sabem sobre o diabetes dela.

Sentindo-me inclinado a dar-lhe uma pausa, coloco a comida na frente dela e deixo-a usar as próprias mãos para variar.

O olhar agradecido que ela me lança faz meu momento de fraqueza valer a pena.

Puxei uma cadeira ao lado dela e acenei para Mika sentar na outra.

Aqui estamos todos, uma grande família feliz. Verifico o açúcar no sangue para ver se ela precisa de insulina, embora ela me diga que verificar uma vez pela manhã e outra à noite deve ser suficiente. Ela está certa, ela está bem.

— Qual é a sua comida americana favorita? — Alessia questiona Mika.

Ele dá uma grande mordida em seu cheeseburger duplo. — Pizza. — diz ele com a boca cheia.

Ela acena sabiamente. — Pizza é muito legal. Eu sou louca por batatas fritas, no entanto. — Ela mergulha uma no ketchup e a coloca na boca, revirando os olhos como se fosse um pedaço de ambrósia.

Mika bufa, mas a maneira como seus lábios se levantam me diz que ele está tão fascinado por ela quanto eu. Quem não estaria?

Sento-me e observo-a trabalhar, persuadindo Mika a sair de sua casca ranzinza enquanto ela devora a comida que comprei para ela, depois recosto-me e sorvo o café. De vez em quando, ela lança um olhar para mim sob seus cílios.

Quando terminam, Mika se levanta e sai, eu estendo a mão para desamarrar Alessia. E é aí que tudo dá errado.

ALESSIA

Agarro o canivete de Mika em minha palma suada.

Posso fazer isso?

Eu tenho que fazer.

Se eu não ficar livre agora, vou acabar em um avião para a Rússia, e minhas chances de escapar ou ser encontrada vão muito, muito para baixo.

Vlad se inclina sobre mim, desatando os nós que me prendem à cadeira. No momento em que ele terminar, eu tenho que fazer minha jogada. Esta é a minha melhor chance. Estarei desamarrada, com apenas Vlad para dominar. Ouvi Mika entrar no banheiro, então ele não terá que testemunhar meu ato de violência. E se eu fizer direito - um grande se, considerando que não tenho prática em esfaquear pessoas - Vlad viverá para cuidar do menino.

Porque eu não poderia viver com a culpa de deixá-lo órfão mais uma vez.

Realmente, se eu fosse implacável como um dos meus irmãos, eu iria para sua jugular. Esfaquear para matar.

Mas eu não posso fazer isso.

Estou enjoada só de pensar em quebrar sua pele.

Ele termina de me desamarrar e agarra meus braços para me levantar da cadeira.

Esta é a minha chance.

Com um movimento rápido para cima, enterro a lâmina curta em seu estômago.

Ele grita algo em russo e recua, fazendo-me perder o controle antes de enfiar a faca completamente.

Eu passo por ele - pelo menos tento passar por ele. Ele coloca seu corpo entre mim e a porta, suas mãos segurando o cabo da faca. O sangue escorre, manchando sua camiseta.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao ver o ferimento, mas tento de novo, avançando para passar por ele.

Mas um rosnado feroz em russo me detém.

Não, não é o rosnado, é a arma.

É a expressão.

O jovem Mika está atrás de Vlad, seu rosto pálido e torturado, uma pistola balançando em suas mãos trêmulas.

— *Nyet!*— Vlad arranca a faca de suas costelas e a joga no chão, então se vira e pega a arma.

Eu não falo russo, mas é fácil dizer que o que quer que ele esteja gritando com Mika não é gentil. É uma bronca de grande magnitude. Enquanto grita, ele esvazia a pistola de seu carregador e a enfia na parte de trás da cintura. O tempo todo, ele está sangrando profusamente.

Eu sinto que vou vomitar.

Vlad continua repreendendo Mika. Não tenho certeza se é sobre permitir que eu pegue o canivete ou apontar uma arma para mim, mas as orelhas do garoto ficam vermelhas e sua mandíbula se move para a direita e para a esquerda, o queixo balançando ligeiramente.

Na verdade, estou sentindo pena dele, mesmo que ele tenha acabado de tentar me matar.

Mesmo que minhas chances de fuga tenham diminuído para zero.

O menino parece tentar se defender, gesticulando para mim enquanto murmura em russo, mas Vlad o interrompe com várias outras palavras duras.

Não consigo me mover de onde estou. Não há para onde ir, de qualquer maneira. Estou tremendo, embora não tenha certeza se estou mais chateada com o que fiz a Vlad, a humilhação de Mika ou o que está prestes a acontecer comigo.

Quando o menino enfia as mãos nos bolsos e desvia o olhar, piscando rapidamente, Vlad finalmente cede. Sua voz fica mais baixa. Mais persuasão. Ele toca o menino no ombro e diz outra coisa em um tom mais suave. Penteia o cabelo do menino.

Mika se vira e foge do jeito que eu queria.

Quando Vlad gira de volta para me encarar, meu estômago revira.

— Vlad. — eu sussurro.

Não sei o que quero dizer. *Desculpe? Não me machuque? Eu não estava tentando te matar?* Ou talvez apenas *Por favor, não morra.*

Não sei por que me importo, mas parece que me importo.

Eu pisco furiosamente, mas meus olhos ainda se enchem de lágrimas.

Vlad dá um pequeno aceno de cabeça enquanto dá um passo mais perto de mim. — Guarde as lágrimas para o seu castigo, *printsessa*. Eu vou viver.

Deixo escapar um som meio riso, meio soluço e ele me joga por cima do ombro, embora eu provavelmente devesse ser o único a carregá-lo neste momento.

Ele se move mais devagar do que o normal, mas me leva para cima e me joga na cama, então arranca a camiseta que colocou em mim.

— Vlad. — eu resmungo novamente.

Eu me apoio nos cotovelos, a respiração acelerada, os mamilos enrugados, embora isso não seja sexo. O que ele vai fazer comigo?

Ele amarra minhas mãos na minha frente, seus movimentos hábeis e seguros. Então ele agarra minhas panturrilhas e me puxa para fora da cama, virando-me para que meus pés caiam no chão, mas meu tronco está plano na cama.

Sim, bunda para fora.

Outra surra.

É tão desproporcional ao que acabei de fazer com ele que quero rir.

Ele puxa minha calcinha até minhas coxas e bate na minha bunda à direita e à esquerda algumas vezes.

Congratulo-me com a sensação. Se isso é o pior que ele vai dar, fico feliz em aceitar. Só acho que ele pode precisar ir para um hospital enquanto isso.

Ele empurra uma mão na parte inferior das minhas costas para me segurar e bate forte. Já é sexual - tudo sobre a punição é sexual - minha nudez, sendo amarrada, sendo estapeada tão perto da minha boceta. Mas quando ele desliza o polegar entre as nádegas na minha

bunda e o empurra contra o meu cu, minha resposta sexual aumenta.

Algo agarra e levanta em minha barriga, minha boceta jorra, pingando em minhas coxas. Os sons que saem da minha boca soam distintamente como gemidos sexuais.

Vlad continua batendo na minha bunda para a direita e para a esquerda uma dúzia ou mais de vezes, empurrando meus quadris e o contato de seu polegar permanece. Na verdade, ele não me penetra, mas está sempre lá, no meu lugar mais íntimo.

E então ele para abruptamente.

— Não. Mova-se. — ele rosna.

Essa é uma ordem impossível. Porque, você vê, meu corpo está prestes a explodir. Calor torce e forma arcos através de mim, pulsando em meu núcleo. Mesmo que ele me soltou, estou intensamente consciente do meu cu. Minha boceta. A carência correndo por mim.

Viro a cabeça e observo enquanto ele entra no banheiro e tira a camisa ensanguentada, examinando o ferimento no espelho.

Eu não deveria estar excitada em um momento como este.

É como se todo o medo se transformasse em algo sombrio e sexual. Minha bunda está quente e ardendo. Ainda nua para ele.

Ele é viril ao enésimo grau. Ele apenas levou um ferimento de faca sem sequer fazer uma careta. Ele puxou e jogou no chão como se eu o tivesse arranhado com a unha. E a única raiva que ele demonstrou foi em relação a Mika!

Eu me mexo e contorço minhas coxas juntas, tentando obter alívio.

— Você fica na posição que eu coloquei. — Vlad rosna do banheiro, seu sotaque forte. — Se você se mexer, vou bater em você com tanta força que você sentirá isso até a Rússia.

É ridículo. Agora tenho certeza de que ele não vai me machucar. Se isso é o pior que recebo por tentar matá-lo, não tenho medo. Sua maior crueldade é me deixar aqui nesta posição humilhante, completamente excitada e à sua mercê.

Talvez eu realmente queira essa surra.

Eu puxo meus cotovelos em meu peito e me mexo para colocar minhas mãos amarradas entre minhas pernas. Preciso seriamente de

alívio.

É uma tortura não ser capaz de virar minhas mãos, inclinar meus dedos onde eu quero, mas me esfrego sobre meus punhos amarrados, fazendo fricção em meu clitóris.

Do banheiro, ouço uma inspiração aguda.

VLAD

Foda-se.

Deixo cair o frasco de supercola no balcão, paralisado com o que vejo na cama.

Minha bela refém está onde a deixei. *Se masturbando.*

Meu pau dá uma guinada, a luxúria dispara através de mim. Eu me forço a me mover lentamente, a inspirar pelas narinas - expiro lentamente pela boca - enquanto ando atrás dela.

— O que eu te disse sobre a mudança? — Minha voz não soa como a minha. É profunda e áspera. Eu deslizo meu braço ao redor de sua cintura para pegar seus quadris e puxo seus braços para trás, endireitando-os sobre sua cabeça.

Eu apalpo sua boceta e me inclino para falar em seu ouvido. — Eu fiz você doer entre as pernas, Alessia?

Sua boceta está pingando, as partes inchadas e acolhedoras. Sem intenção, um dos meus dedos afunda em seu calor úmido.

Ela geme, ondulando seus quadris para me levar mais fundo.

— Você acha que merece prazer depois do que você fez comigo?

Um pequeno gemido vem dela. Seu rosto está pressionado contra o colchão, então não consigo ver sua expressão, mas mordo sua orelha, acaricio sua entrada.

Meu pau estala

— Peça desculpas. — eu exijo.

— Sinto muito. — diz ela imediatamente.

Pobre animal de estimação. Eu acredito que ela está arrependida. O horror em seu rosto no momento em que ela me esfaqueou disse tudo. Ela não conhece a violência. Não queria perpetrar isso. E isso me faz admirar a porra de sua tentativa. Ela é corajosa. Forte para alguém com uma fraqueza física. Mais forte do

que eu, provavelmente.

Eu deslizo um dedo dentro dela novamente. Ela é apertada, mas eu trabalho um segundo.

Ela esfrega na cama.

— Me implore, *zaika*. Implore-me e eu vou ajudá-la a gozar. — eu desafio. Seu perfume enche minhas narinas, doce como bolo de mel.

— Não. — ela geme na cama.

Eu ainda meus dedos. — Não?

Ela balança a cabeça, esfregando o rosto sobre a colcha.

Bem, eu não sou o idiota que continua quando lhe dizem não. Mesmo que seu corpo implore sem orgulho. Eu removo minha mão de sua boceta molhada e me endireito.

E então, talvez porque estou chateado, talvez só porque ainda quero dar a ela o que ela precisa, começo a espancá-la novamente.

Duro.

Ela arqueia as costas, levantando a bunda para isso, abrindo as pernas.

Eu deveria fazê-la sofrer. Suportar a frustração sexual que estou experimentando. Mas eu não tenho isso em mim para torturá-la. Eu bato nela com força e firmeza por uma dúzia de golpes, então bato em sua boceta. Uma vez.

Duas vezes.

Na terceira vez, ela grita e tem um orgasmo, suas nádegas se apertando, as pernas perdendo o equilíbrio enquanto os dedos dos pés apontam para fora.

Se eu não estivesse com tanta dor, eu sorriria porque estou orgulhoso de mim mesmo por ser o homem que a faz gozar, mesmo quando ela afirma que não quer. Mas minha testosterona se enfurece, poder e urgência rasgando através de mim. Eu arranco sua calcinha abaixada de suas pernas, em seguida, coloco meus dedos em seu cabelo e uso-o para levantar sua cabeça enquanto me inclino para trás sobre ela. — Eu disse que você poderia gozar, Alessia?

Seu rosto está lindamente corado, olhos desfocados e vidrados. Ela leva um momento para processar minhas palavras, para encontrar

meu rosto com seu olhar. — Não. — ela sussurra com aqueles lábios carnudos.

— Não. *Nyet*. Eu não. — Eu mostro a ela a calcinha. — Você acabou de perder seus privilégios de calcinha também. — Eu a deixo cair e estendo a mão para trás e dou um tapa em sua bunda novamente. — Em breve esta boceta me pertencerá. Eu sou o único que pode tocá-la, a menos que eu lhe dê permissão para se tocar. Seus orgasmos pertencem a mim e somente a mim. Se você quiser gozar, aprenderá a implorar, de joelhos com meu pau na sua garganta. Está claro?

Eu fui longe demais, mas não consigo discar de volta. Minha luxúria e frustração se misturam em uma fúria potente.

Sua garganta funciona por um momento, então ela cospe: — Foda-se.

Meus lábios se estendem em um sorriso feroz. — Com prazer, *printsessa*. Vou mantê-la acordada a noite toda, porra.

Ela empalidece e alguns dos meus sentidos voltam. Eu afrouxo meu aperto em seu cabelo, esfrego a dor em seu couro cabeludo.

— Da próxima vez que você gozar sem permissão, você vai sentir meu cinto nessa linda bunda. — eu aviso.

Eu a solto completamente e ela esconde o rosto entre os braços com um soluço.

Eu me endireito e olho para a fodida imagem perfeita que ela faz na minha cama. Esfrego sua bunda avermelhada, sem saber por que ela traz tanta ternura em mim. Talvez não seja ternura, mas a necessidade de mostrar meu domínio, provar meu controle.

De qualquer maneira, eu acaricio sua carne aquecida em círculos lentos até que ela relaxe. Então eu a levanto totalmente para a cama e puxo a ponta do edredom sobre seu corpo nu.

Eu trabalho para parar o tremor em meus membros enquanto embarcamos no avião. Eu tinha um plano - minha última esperança - para alertar qualquer um e todos que eu visse que sou uma prisioneira.

Mas não há ninguém. Está escuro, estamos em um voo particular e claramente todos os homens aqui trabalham para Vlad.

Não há ninguém para quem gritar, ninguém para me ajudar.

Vlad tem um aperto de ferro no meu braço e ele me empurra rapidamente para a aeronave e me empurra para um assento. Percebo que ele está favorecendo um pouco seu lado ferido, o que é bem feito para ele.

Eu realmente não consigo entender como um russo e um garoto de 12 anos podem evitar a ampla rede da família criminosa de Tacone.

Como isso pode realmente estar acontecendo. Eu, indo para a Rússia para supostamente me casar com o inimigo.

— Você está tremendo. — Vlad observa enquanto me amarra no assento.

— Não quero ir para a Rússia.

— Que pena. — ele responde imediatamente. — Você está indo.

— E você é um idiota. — murmuro. É infantil, mas o que mais posso fazer? Xingá-lo é minha única opção quando estou amarrada a um assento em um jato particular, cercada por homens de aparência perigosa.

Sem minha calcinha.

Sim, ele colocou meu vestido de volta, mas se recusou a me deixar usar calcinha. Disse que ainda estou em punição.

Eu sei, grande coisa. Tenho problemas muito maiores do que o fato de estar nua sob o vestido, mas isso está ferrando com a minha cabeça.

Me deixando quente, com tesão e vulnerável. Fazendo-me pensar muito sobre as surras que ele me deu hoje.

Os orgasmos.

Vlad é todo sombrio, sujo e dominante que eu nunca sonhei, mas sempre quis, porque ele me vira do avesso. Cada interação com ele eu saio mudada.

Ele se agacha ao meu lado e testa meu açúcar no sangue. Normalmente, com uma dieta controlada e injeções regulares, só verifico uma vez pela manhã e outra à noite.

Mas ele estava certo em checar. A adrenalina que está me fazendo tremer fez meu tanque de açúcar no sangue. Ele enche uma agulha com insulina como se tivesse feito isso a vida toda.

Eu estremeço quando ele vai levantar meu vestido. Estou sem calcinha e Mika está sentado a alguns metros de distância. Ele para e se move para injetar em meu braço.

Isso é parte do motivo pelo qual ele me vira do avesso. Ele é um idiota de primeira classe, com certeza. Um criminoso que está me tirando de tudo que já conheci e amei. Segurando-me como resgate. Não, não é resgate, ele diz que vai me manter. Mas por tudo isso, ele também é atencioso. Consciente de minhas reações e necessidades. Ele pode rosnar e ameaçar. Ele pode falar mal, mas fez uma viagem especial para pegar o café que eu gosto. E ele parou quando eu disse não.

Eu tinha que - não havia como eu implorar.

De jeito nenhum.

O que não significa que meu corpo não se revoltou completamente quando ele parou. Eu estava a duas respirações de um orgasmo.

E eu não posso acreditar que eu gozei de qualquer maneira. Apenas dele me espancando.

É isso que quero dizer sobre me virar do avesso. Eu nunca tive um cara batendo na minha bunda antes. Não sabia o quanto isso me excitava. Não sabia sobre o desejo que iria fumar, chiar e borbulhar para fora de mim como lava transbordando pela lateral de um vulcão.

Vlad esfrega o local da injeção quando termina, então se senta ao meu lado para decolar.

Do outro lado do corredor, Mika parece pálido, seus grandes

olhos castanhos assombrados. Ele agarra os braços da poltrona.

Eu levanto meu queixo em sua direção. — Ele tem medo de voar?

Vlad tira uma laranja de sua bolsa e começa a descascá-la enquanto o considera. — Eu não sei. — ele murmura. — Talvez a Rússia guarde más lembranças para ele.

— Pior que a América? — Eu pergunto secamente. O pobre garoto foi abandonado pela própria mãe aqui.

Vlad me alimenta com um pedaço de laranja. — Sim.

Há tanto nessa palavra. De alguma forma, ouço uma vida inteira de dor, tanto para Vlad quanto para Mika. Ou talvez seja apenas minha imaginação correndo solta.

— Pode ser que ele esteja preocupado com seu futuro lá. — Vlad reflete.

Eu fico um pouco tensa, preocupada também. — Você vai ficar com ele, certo? Cuidar dele.

Algo na postura do menino me diz que ele pode estar escutando. Seus ombros enrijecem e ele fica perfeitamente imóvel.

Vlad leva um momento para responder, o que torna tudo ainda pior. — Se eu sobreviver a isso, sim.

— Sobreviver a quê? — Minha voz é aguda. A urgência de garantir o futuro daquele menino parece esmagadora.

Ele tenta me alimentar com outro pedaço de laranja, mas eu viro o rosto. — Suas tentativas de fuga.

Eu bufo porque nós dois sabemos o quão patético meu ataque a ele realmente foi. E não há nenhuma maneira no inferno que ele esteja com medo de eu realmente matá-lo.

Ele dá de ombros. — Seus irmãos. — ele corrige.

Uma onda de frio percorre minha pele, porque ele tem razão em temê-los. Eles vão matá-lo se o pegarem. Eu não tenho dúvidas.

Desvio o olhar, pela janela do avião, para as luzes de Las Vegas brilhando lá embaixo. Meus irmãos estão lá embaixo agora. Procurando por mim. Puxando todos os cordões que eles têm para tentar me encontrar.

E eu estou bem aqui. Tão perto, mas fora de alcance.

Em breve estarei muito longe de sua influência. Em breve estarei em um país onde não falo a língua e não tenho um único amigo.

Eu olho para Mika.

Talvez ele sinta o mesmo, menos a barreira do idioma.

Vlad me dá outro pedaço de laranja, então se abaixa e pega outra laranja em sua bolsa de couro. — Mika. — ele chama.

O menino se vira e Vlad levanta a laranja.

Mika balança a cabeça.

— Coma. — Vlad diz com firmeza e joga para o garoto que a pega com uma mão. — Você precisa de suas vitaminas.

Um sorriso pisca no canto de sua boca antes de desaparecer rapidamente novamente. Ele inclina a cabeça sobre a laranja e a descasca e Vlad e eu nos sentamos satisfeitos.

Quando alcançamos a altitude, Vlad me desamarra e me mostra como o assento se converte em uma cama totalmente reclinada. Eu vou e ajudo Mika com o dele enquanto Vlad pega travesseiros e cobertores.

— Você precisa de alguma coisa? Um lanche? Algo para beber? — Vlad pergunta.

— Você é nosso comissário de bordo? — Eu não deveria provocar quando ele está sendo legal.

Ele não parece se importar. Ele bate na minha bunda levemente. — Cale a boca e durma. Seja boazinha ou amarro você na cama.

— Você não vai dormir? — Eu pergunto. Ele ainda não converteu uma cama para si.

Ele dá de ombros.

Espero mais uma resposta, mas ela não vem.

Ok, então o cara não dorme.

Provavelmente inteligente, considerando que tentei matá-lo hoje.

Sento-me na beirada da cama. Estou exausta, mas não com sono. Muita adrenalina. Muita preocupação. — O que há para beber? — Eu pergunto de braços cruzados.

Vlad olha da cadeira de couro do capitão ao lado da minha cama. — O que você quer? — Ele se levanta, seus movimentos ágeis e graciosos, como uma pantera. Eu fico de pé e sigo atrás, feliz por andar com meus próprios pés para variar. Estar desamarrada e livre para se movimentar.

Na pequena cozinha, há uma geladeira abastecida com todos os tipos de bebidas sofisticadas.

Vlad abre e tira uma garrafa de Chardonnay. — Você bebe vinho?

Não deveria fazer meu coração palpitar. Não estamos em um encontro.

Vinho soa tão bem agora, mas acho que meus rins não aguentam.

— Água com gás. — eu digo.

Ele serve a água e me entrega meu copo, em seguida, abre uma gaveta e tira um abridor de vinho. Depois de abrir a garrafa e se servir de um copo, ele me olha e guarda o abridor do vinho no bolso.

— Acha que vou usar isso em você?

Cristo. Estou flertando?

— Eu sei que você está pensando sobre isso. — Seu tom é leve, como se as pessoas ao seu redor muitas vezes considerassem matá-lo e isso não o incomodasse nem um pouco.

Eu me viro para passar por ele, saindo da pequena cozinha, mas ele se mexe para me impedir de sair. Me empurra contra a parede. Suas costelas prendem meu peito, uma de suas coxas pressiona entre minhas pernas. Ele segura sua taça de vinho ao lado da minha orelha e inclina a cabeça para a minha.

Eu suspiro, meu pulso acelerando, calor inundando meu corpo.

— Você deveria saber. — ele diz, com sotaque carregado — Estou tendo dificuldade em manter minhas mãos longe de você. Sabendo que sua calcinha está no meu bolso.

Um pequeno gemido escapa dos meus lábios. — Talvez você devesse devolver para mim, então. — eu digo. Minha voz soa ofegante e fina.

Sua ereção aumenta contra minha barriga. Eu

involuntariamente esfrego em sua coxa e o contato me deixa molhada.

— Amanhã. — ele promete. — Se você me mostrar que pode ser uma boa garota neste voo. Então não terei mais que mantê-la amarrada.

Eu olho para ele. — Que tal se você não me mantiver?

Ele recua, o que é uma decepção e um alívio. — Desculpe, *printsessa*. A liberdade não está nas cartas para você. Você é minha agora.

Meu nariz queima e eu respiro para esconder a ameaça de lágrimas, mas meus olhos inundam antes que eu possa desviar o olhar.

As sobrancelhas de Vlad caem e ele segura meu rosto gentilmente. Acaricia minha bochecha com o polegar. — Não para sempre, *zaika*.

— Quanto tempo? — Eu engasgo. Ele olha para mim e eu tenho a nítida sensação de que ele está inventando isso enquanto fala. Não há plano. É animador e assustador ao mesmo tempo. Pelo lado positivo, significa que ele é flexível. Mutável. Eu posso influenciá-lo.

Talvez mude meu futuro.

— Até eu me cansar de você. — diz ele e deixa cair a mão. Passos para trás para que eu possa passar.

Enquanto ando na frente dele, estou perfeitamente ciente de cada passo. A umidade entre minhas pernas. O fato de que seu olhar provavelmente está colado na minha bunda. Ando até a fileira de poltronas em frente à minha cama e me sento na que está perto da janela.

Vlad fica para trás, segurando a garrafa de vinho em uma mão e seu copo na outra enquanto ele segue atrás, me observando com olhos semicerrados.

Eu empurro a cadeira ao meu lado. — Você não vai se sentar?

Não consegui me libertar antes de partirmos para a Rússia. Agora minha melhor chance é Vlad. Faça bonito. Admiro-me a ele. Implore pela minha liberdade.

Ele já admitiu que vou conseguir eventualmente.

É meu trabalho garantir que isso aconteça mais cedo ou mais

tarde.

VLAD

Ela é perigosa.

Eu sei o que ela está fazendo. Ela está tentando me envolver com aquele lindo dedinho dela.

É nisso que ela se destaca.

Eu conheço essa armadilha. É o que todas as mulheres trabalham. Elas usam sua beleza, seu apelo sexual. Elas tecem uma teia para prender você e então suas bolas estão em um torno.

Foi assim que a mãe de Mika foi para a América. Como minha mãe caiu nas boas graças de Victor. Como Sabina quase me matou.

E, no entanto, é impossível para mim recusar. Eu já estou viciado em estar perto dela, e ainda mais se ela está jogando bem.

Sento-me ao lado dela e a observo drenar sua água com gás. Eu poderia jurar que ela queria vinho, mas talvez ela não possa com a diabetes. Eu vou pegar a garrafa de soda e encho o copo dela e ela murmura seu agradecimento e toma mais um gole.

Eu a observo, fascinado como sempre por sua beleza. Sua postura.

Ela olha pela janela, embora não haja nada para ver além da escuridão total. — Para onde vamos mesmo? Volgograd?

— Sim. — Eu não elaboro. Diverte-me vê-la trabalhar.

— É uma cidade grande?

— Cidade pequena. Um milhão de pessoas. Bom lugar para morar.

— Conte-me sobre isso.

Aí está. Um comando simples. Um que eu deveria resistir, apenas para desligá-la, mas não posso. Não quando ela fixa aqueles grandes olhos castanhos em mim e se inclina ligeiramente para frente, os lábios entreabertos, esperando.

Eu tomo meu vinho. — Volgograd era antigamente Stalingrad. Antes disso, Tsaritsyn. Fica no sudoeste da Rússia, às margens do rio Volga. É lindo no verão. Você vai gostar. — É estúpido. Não sei por que acho que tenho que vender para ela, mas acho que quero muito que ela goste da minha cidade.

Ela desvia o olhar, a lembrança de que essa será sua casa provavelmente dói.

— Você tem espaço para Mika lá?

Lá vai ela com sua preocupação com Mika novamente. Se ela está perguntando, deve pensar que tenho um lugar pequeno, como o de Las Vegas. Diverte-me pensar que ela pode se surpreender com minha propriedade.

— Sim, Alessia. — eu digo suavemente. — Há muito espaço.

Seus lábios tomam uma forma, como se ela fosse falar, então muda de ideia. Ela tenta novamente. — O que... eu vou fazer lá?

Eu considero. — O que você fazia em Chicago?

A luz é fraca, mas acho que ela cora. — Minha mãe fez uma cirurgia há alguns meses, então eu a ajudo desde que me formei em dezembro.

Eu não posso parar o sorriso. — Você não tem que me dar uma desculpa por não trabalhar. Eu sabia que você era uma princesa protegida. Não será diferente na minha casa. Seus irmãos fornecerão o dinheiro para mantê-la no estilo ao qual você se acostumou.

A dor pisca em seu rosto, mas ela a esconde rapidamente. Desvia o olhar.

Isso não deveria me incomodar. Quando você leva uma mulher como tributo, não pode esperar que ela se ajoelhe aos seus pés e lhe agradeça por isso.

Quando ela se vira, seu maxilar está cerrado, os olhos desafiadores. — Preciso aprender russo.

Quase engasgo com o vinho. — Você quer aprender russo?

Ela acena com a cabeça, determinação emanando dela.

É uma escolha sábia. Se ela souber falar a língua, não ficará tão indefesa na Rússia. Seria mais fácil para ela escapar ou conseguir ajuda. Mas é claramente um jogo longo e não fácil. Eu a admiro demais por sequer considerar isso.

— Claro que você pode ter. Você terá tudo o que precisa, *zaika*.

— Tudo menos minha liberdade?

— *Da*.

Seu queixo balança um pouco, mas ela se recupera e olha pelas

janelas escuras.

— O que você estudou na faculdade, Alessia? — Agora sou eu quem está conversando.

Ela se vira para mim. — Educação na primeira infância.

Eu arqueio minhas sobrancelhas, surpreso. Esperava algo fútil como história da arte ou literatura inglesa. Algum grau de artes liberais com pouca aplicação.

— Você quer ensinar?

— Sim. Eu amo crianças.

Claro que sim. Eu olho para Mika, agora dormindo em sua cama. Não é de admirar que ela se interesse tanto por ele.

Saber que ela tem esse lado humanitário, essa reverência pelas crianças, mexe com algo no meu peito.

— Você quer filhos? — De repente, a imagem dela grávida do meu filho inunda minha imaginação. Extrai alguma proteção primitiva do homem das cavernas. Eu nunca quis filhos, mas a ideia de engravidá-la, de criar uma família com ela vira meu mundo de cabeça para baixo.

Mas ela se encolhe com minhas palavras e desvia o olhar. — Não posso.

Minha decepção é tão ridícula quanto a ideia de ter filhos com ela era para começar. Mas talvez eu esteja apenas sentindo a dor dela. Ela está claramente profundamente ferida por isso.

— Por que não?

Ela não responde.

— O diabetes?

Um pequeno aceno de cabeça, mas ela ainda está desviando o olhar.

Oh, Alessia.

Certamente as pessoas com diabetes têm filhos. Faço uma anotação para pesquisar, mas um arrepio percorre minha pele. Alessia deve ter tido os melhores médicos que o dinheiro pode comprar. Se ela acredita que não pode ter filhos, é com razão.

Eu não deveria sentir dor por isso.

Ainda bem que nosso casamento não será duradouro.

— Sinto muito. — murmuro e ela lança um olhar em minha direção. A vulnerabilidade que vislumbro em seu rosto me despedaça.

ALESSIA

Maldito Vlad. Meus olhos ficam quentes e lacrimejantes sob seu olhar simpático, e eu tenho que desviar o olhar novamente.

Eu gostaria que ele não fosse tão observador pra caralho.

Não contei a ninguém sobre a insuficiência renal estágio 3. Nenhum dos meus irmãos, especialmente minha mãe. Portanto, não tive que enfrentar esse momento antes, de revelar minha maior decepção na vida.

Precisando desesperadamente mudar de assunto, eu me viro para ele e respiro fundo. — E você, Vlad? Qual é o seu trabalho na Rússia?

— Eu sou *derzhatel obschaka*. Contador para a *bratva*. Eu sou o cara do dinheiro. Eu movimento dinheiro, lavo dinheiro. Escondo dinheiro. Procurei seu irmão não para causar problemas, mas para oferecer uma solução. Limpar o dinheiro dele também. Mas então minha mãe morreu em Moscou. Eu tive que voar de volta para a Rússia, e Ivan, meu compatriota idiota, decidiu que matar sua família era a melhor opção.

Eu pisco para ele, surpresa com esta informação. Não quero achar Vlad tão simpático. Saber que ele não é um traficante de drogas, traficante de sexo ou assassino de aluguel, mas mais um bandido de colarinho branco, não prejudica seu caso. Saber que ele tem uma mãe - tinha uma mãe - o torna ainda mais real. Normal. Humano.

— Sinto muito por sua perda. — eu digo.

Algo feroz e cru aparece em seu rosto. Dor não expressa. Tenho a sensação de que ele não recebeu condolências. Ou a perda ainda é muito recente. Ou há problemas não resolvidos lá. Ele abaixa a cabeça e a deixa pendurada. — Minha mãe... *da*. Ainda não acredito que ela se foi. É estranho voltar e saber que ela não estará lá.

Estendo a mão e toco seu braço. Ele olha para cima, chocado. Como eu o toquei.

Mas seus lábios se torcem em uma linha amarga. — Não sinta pena de mim. Eu não deveria sentir falta dela. Ela era uma cadela

manipuladora, como todas as mulheres da minha vida.

Eu removo minha mão, recuando. Porque sinto que ele de alguma forma me coloca nessa categoria também.

Sei que estou certa quando ele estreita os olhos para mim. — Você pode parar com seu jogo de tentar ganhar minha simpatia. Deite-se em sua cama. Vá dormir. Amanhã é o dia do seu casamento.

Meu estômago revira e de repente estou enjoada. Eu fico de pé e endireito meus ombros, jogando o resto da minha água de volta na minha garganta. — Onde está minha escova de dentes? — Eu exijo como a criança mimada que ele parece pensar que eu sou.

Esperava que ele me dissesse para ir me foder, mas ele enfiou a mão em sua bolsa e pegou - a escova de dentes e pasta de dente de viagem em um pequeno saco ziplock. Ainda cuidando de mim.

Eu não deveria gostar disso. Não deveria querer nenhum tipo de atenção do homem que me capturou e quer me forçar a casar com ele.

Pego o saco de sua mão e caminho para o banheiro, trabalhando duro para acalmar minha respiração e meus nervos.

Ele não vai ganhar este jogo. Mais cedo ou mais tarde vou escapar. Meus irmãos vão me encontrar.

E ele será aquele de joelhos implorando por misericórdia.

Aterrissamos na tarde seguinte após um voo de dezesseis horas. Passei a manhã jogando cartas com Mika e ignorando Vlad.

Estou no limite quando saímos do avião e um enxame de homens tatuados em ternos e armas nos flanqueiam e nos levam a uma limusine.

Se Vlad parecia um show de um homem só nos Estados Unidos, está claro que ele está muito conectado em seu território. Eu olho pela janela escura, minhas mãos suadas e meu estômago em nós.

— É normal para uma noiva ficar nervosa no dia do casamento. — Vlad observa e eu lanço a ele meu melhor olhar mortal.

— Vá se foder.

Mika fica imóvel, a cabeça inclinada sobre o tablet, como sempre, mas ouvindo claramente. Ele está preocupado com o meu bem-estar agora que fizemos amigos? Eu me pergunto se não posso convencê-lo a me ajudar de alguma forma.

Então, novamente, não tenho certeza se estou disposta a colocá-lo na posição de trair a única figura paterna que ele tem no mundo agora.

Vlad apenas ri, no entanto. Ele não parece ter um temperamento; pelo menos não comigo.

A limusine para em frente a uma igreja e a pedra que está em meu estômago afunda ainda mais. Na verdade, estamos fazendo isso.

— Você acha que vai conseguir um padre para realizar um casamento com uma noiva em um vestido rosa? — Eu pergunto. Estou tão cansada deste vestido agora, que gostaria de colocá-lo em um triturador. E Vlad também não me devolveu minha maldita calcinha.

Vlad sorri. — Eu tenho um vestido branco para você. E uma mulher para te ajudar a se vestir. Tudo o que você precisa fazer é caminhar até o altar.

Eu estreito meus olhos. — Te odeio.

— Como deve ser entre marido e mulher. — Ele sai do carro e me oferece uma mão. Balanço a cabeça, mas não me incomodo em comentar sobre sua visão miserável do amor, das mulheres ou do

casamento. Meu vestido sobe quando saio e seus olhos azuis escurecem, seguindo a bainha da minha coxa. Afasto sua mão e puxo o vestido para baixo.

A igreja está vazia. Pelo menos não vou me casar na frente de uma multidão de pessoas que não conheço. Vlad me deposita em uma pequena sala onde uma velha espera. Ela corre até mim, falando em russo.

— Cinco minutos. — Vlad me diz, então diz algo para a velha em russo. Ao sair, ele aponta um dedo ameaçador para mim. — Tente escapar e ela será punida por isso. — Ele inclina a cabeça para a velha.

Minha boca cai aberta, coração batendo mais rápido.

É *um blefe*, digo a mim mesma enquanto ele fecha a porta. Ele não faria mal a uma velha mais do que faria a mim. Ou Mika. É que ele tem meu número agora. Ele descobriu que tenho compaixão pelas pessoas ao meu redor e está me manipulando com isso.

Ainda assim, estou relutante em chamar seu blefe. Eu definitivamente não quero uma velha enfrentando sua ira.

A mulher tem uma expressão severa e fala comigo em russo, segurando um corpete branco e uma calcinha e me empurrando para o banheiro.

Deduzindo que ela quer que eu vista minhas roupas íntimas em particular, vou até a cabine e tiro o vestido frente única. Tomei banho no banheiro minúsculo esta manhã, mas é glorioso vestir roupas íntimas limpas. O corpete e a calcinha se encaixam perfeitamente. Como Vlad sabia? Ele nem tinha um sutiã para tirar.

Eu saio do banheiro. A velha segura um vestido de noiva. Não é ruim no que diz respeito aos vestidos de noiva. Definitivamente poderia ser pior. É sem alças com um corpete de cetim simples. Uma faixa de cetim apara a parte superior e faz um laço plano nas costas. O vestido é ajustado na cintura e nos quadris e é aberto nos tornozelos, a bainha caindo mais na frente do que nas costas.

Minha atendente idosa empurra um buquê em cascata de rosas rosa pálido em minhas mãos, depois se agacha aos meus pés, arrumando várias caixas de sapatos ao lado dela. Ela diz algo em russo

e mostra um par de sandálias de tiras prateadas.

Eu torço meu nariz. — Eu não os amo, se é isso que você está perguntando.

Ela balança a cabeça e diz outra coisa, desembalando um simples par de sapatos de cetim branco.

Olho para a terceira caixa. — O que mais você tem aí?

Ela abre. Sandália branca de tiras em cetim.

Eu aponto para as ultimas. — Provavelmente esses. Vamos experimentá-los.

Ela pega a essência e me ajuda a calçar os sapatos. Eles estão bem. Nada de especial, mas eles se encaixam. Assim que eles começam, ela me empurra para fora da porta da capela.

O nó no estômago sobe para o plexo solar, dificultando a respiração. Estou suada e congelando ao mesmo tempo. Apenas alguns dias atrás, eu estava no casamento duplo de meus irmãos lamentando que nunca teria um casamento amoroso como eles. Mesmo assim nunca sonhei que meu casamento seria assim. Que eu seria uma noiva cativa em um país estrangeiro.

Isso não importa. Não é real.

Então eu continuo dizendo a mim mesma, mas a parte sentimental de mim não acredita. Isto é um casamento. Um casamento na igreja diante de Deus e de um padre ortodoxo russo, que não pode ser tão diferente de um padre católico.

Não há ninguém tocando *Here Comes the Bride* para eu caminhar até o altar. Não há música alguma. Nenhum convidado também, a menos que você conte a horda de seguranças de Mika e Vlad.

— O que, sem smoking? — Eu pergunto quando ele me encontra na parte de trás da igreja. Ele me ignora, pegando meu cotovelo em vez de oferecer o dele. — Onde está meu véu? Sério, não vou casar sem tiara. Achei que fosse sua *printsessa* ou sei lá o quê.

Os lábios de Vlad se contorcem, mas ele não olha para mim. — Você não precisa de tiara, você já tem uma auréola brilhante. — Seu sotaque ficou mais forte desde que chegamos na Rússia.

Eu bufo.

Não acredito que estou andando pelo corredor brincando com meu captor-barra-noivo.

Ele para na frente do padre, que acena o sinal da cruz na nossa frente e canta em russo.

Tem alguma conversa. Mais um pouco de conversa.

Então, aparentemente os votos. O padre olha para mim.

— *Nyet*. — eu digo com firmeza.

O padre me ignora e continua a cerimônia. Pelo menos acho que é isso que acontece, mas não tenho certeza, pois está tudo em russo.

Enquanto estou ali, tremendo ao lado do homem que aparentemente está se casando comigo, percebo a quão ferrada eu realmente estou. Não falar o idioma, estar em um país estrangeiro é uma grande desvantagem. Especialmente considerando o quão conectado Vlad parece estar.

O padre diz mais alguma coisa e Vlad segura a parte de trás da minha cabeça e me puxa para um beijo rápido nos lábios. Tudo acontece tão rápido que não tenho chance de lutar, e então acabou.

Porra.

Eu estou casada.

Eu soluço em um suspiro.

Vlad me pega em seus braços e me carrega para fora da igreja enquanto eu respiro gaguejando. Nenhuma lágrima vem. Apenas soluços loucos, arfantes e erráticos. Do tipo que soa como uma mulher se afogando com falta de ar.

Mika caminha ao nosso lado, lançando olhares preocupados para mim. Vlad caminha rapidamente para a limusine. Um de seus homens abre a porta para ele. Em vez de me deixar cair para dentro, ele se senta no banco e gira as pernas, me mantendo em seus braços.

Mika desliza na nossa frente, as sobrancelhas abaixadas, a cabeça baixa.

Vlad late algo em russo para o motorista e a limusine sai enquanto continuo lutando com minha respiração. Meu falso noivo me segura no colo e acaricia meus braços nus com um toque leve e suave. Suas sobrancelhas estão abaixadas, assim como as de Mika, ele não

olha para mim.

Olho pela janela para a paisagem que passa voando, soluçando, sentindo a última gota de minha esperança se esvaindo.

VLAD

Quero confortar minha noiva, mas não há nada a dizer. Eu sou a causa de sua aflição e o que está feito está feito.

Ainda assim, me incomoda mais do que gostaria de admitir senti-la tremendo em meus braços. Para vê-la se desfazer.

— Você vai deixá-la ir? — Mika murmura em russo tão baixinho que mal ouço. Ele não olha para mim quando pergunta.

— Sim. Eventualmente. — digo a ele, também em russo.

Ele lança seu olhar cauteloso para mim e dá um único aceno antes de olhar pela janela.

— Não vou machucá-la e não vou forçar o sexo. — É uma conversa estranha pra caralho de se ter com um garoto de 12 anos, mas sinto que tenho que contar a ele. Não sei o que o garoto viu. Sua mãe era uma prostituta. Não sei como Aleksí ou outros homens a trataram. Mika pode estar marcado por coisas que foram feitas a ela.

Pior, ele pode estar amortecido para o conceito de consentimento, de como uma mulher deve ser tratada. E estou dando um exemplo de merda. Então eu preciso que ele saiba disso.

Ele não responde, o que é bom. Eu olho para ele até que ele olha de volta para mim.

— Nunca force uma mulher a fazer sexo, Mika. Está errado.

Incerteza e dor piscam em seus olhos, e fico feliz por ter persistido. Ele está com cicatrizes.

— Você concorda? — Eu pressiono.

Ele acena com a cabeça rapidamente. — *Da*.

— Bom. — Eu o libero do meu olhar. Ainda estou acariciando os braços de Alessia. Ela se acalmou agora, embora eu ainda detecte um tremor em seus membros.

— Você vai gostar do meu lugar. — digo em inglês, para os dois. — É bastante confortável.

Nenhum dos dois responde.

A limusine estaciona em minha ampla casa de campo às

margens do rio Volga ao pôr do sol. Nuvens em tons rosados formam um cenário deslumbrante para a imponente mansão.

É estranho estar de volta. Estou ausente há treze meses. Banido para a América porque uma mulher conivente me enganou em sua cama.

Os criados sabem que estou chegando. Minha governanta, Zoya - a criada que atendeu Alessia na igreja - está do lado de fora com seu marido Yegor. Meus homens também se alinham do lado de fora para nos receber.

O motorista abre minha porta e eu levanto Alessia para fora e a coloco de pé e a sigo para fora. Mika sai e absorve tudo, nada aparecendo em sua expressão.

— É legal. — Alessia admite, seu olhar viajando sobre a minha enorme mansão e os terrenos fechados que a cercam. Ela aponta na direção do matagal de árvores. — Aquilo é o rio?

— *Da.* — Eu sorrio. Ela poderia facilmente ser uma cadela agora. Decida odiar tudo, mostre-me apenas sua ira. Mas ela não. Suas primeiras palavras são “é legal”.

Ela é legal.

Muito mais doce do que eu imaginava.

A culpa por roubá-la de sua vida luta igualmente com o desejo de mantê-la permanentemente.

Recompenso sua doçura com a cortesia que não fiz na igreja. — Alessia, você já conheceu Zoya, minha governanta. Ela não fala inglês, mas cuidará de todas as suas necessidades. Vou arranjar um tradutor para você até aprender com sua Pedra de Roseta.

Alessia estende a mão e Zoya relutantemente a pega e se curva sobre ela.

— O marido dela, Yegor. Ele é o zelador.

Yegor se curva.

Em russo, apresento Mika à minha equipe. Já os avisei sobre minha prisioneira, mas esqueci de mencionar meu novo protegido.

Zoya olha furiosamente para ele, como se estivesse com medo de que ele fosse bagunçar minha casa, mas é claro que ela não diz nada.

— Venham vocês dois. Eu vou te dar um tour. — Mostro-lhes a casa. Já dei instruções à minha equipe para remover qualquer acesso a telefones ou internet e meus homens cercarão todas as saídas para impedir que Alessia saia. Dessa forma, ela pode ficar livre para se movimentar pela mansão.

— Este será o seu quarto, Mika. — Abro a porta de uma das suítes de hóspedes.

Ele se aproxima e se senta na cama, dando-lhe um pequeno salto. Então ele olha para mim, seus olhos cinza-azulados procurando. — Por quanto tempo?

Eu dou de ombros. — Veremos. — Não sou de fazer planos ou promessas. Não sei como essa coisa com Alessia vai acabar. Ou se vou querer ficar na Rússia. Eu particularmente nem quero voltar para minha antiga vida aqui.

Era a coisa errada a dizer, no entanto.

Alessia olha para mim, apertando os lábios.

Eu franzo a testa para ela, mas depois suspiro e tento consertar.

— Você pode ficar aqui o tempo que quiser, Mika. É a sua casa.

Aparentemente ainda não foi a resposta certa porque Alessia balança a cabeça para mim.

Eu dou a ela o “o quê?” em gesto e ela a sacode com mais força.

Jogo para Mika o controle remoto da televisão em seu quarto. — Fique à vontade. Ou vá explorar. Como você quiser. — Eu aceno minha mão.

Fora do quarto, Alessia me puxa pelo corredor para longe do quarto, mas deita em mim imediatamente. — Mika precisa de estabilidade. Você não diz a ele que ele *pode ficar*. Ele não é um hóspede. Você diz a ele que ele estará com você, seja aqui ou em outro lugar. Que ele é seu e você vai cuidar dele. — Agora ela finca os calcanhares e nos faz parar. — Você vai cuidar dele, não é?

Eu suspiro.

Este não era um compromisso que eu estava preparado para assumir. O menino se tornou minha responsabilidade por padrão, não porque eu escolhi.

— Escute, eu não estava querendo ser pai. Você sabe como sou incapaz. Envolvi o rapaz em crimes graves. Impediu-o de uma educação adequada.

— Ele só precisa de alguém que se preocupe com ele. Ele está procurando se relacionar. Até que você tenha certeza de que ele sabe que você está comprometido, ele dificilmente terá uma chance de se tornar um ser humano decente.

Eu xingo em russo e corro meus dedos pelo meu cabelo. — Sua opinião está anotada. — resmungo. — Agora vamos, noiva. É hora de cobrar seu dote.

ALESSIA

Meu dote.

— Você está ligando para o meu irmão? — Eu pergunto enquanto Vlad me leva a uma suíte máster.

— Da. — Ele pega um tablet da bolsa de couro que sempre carrega consigo.

— Qual deles?

— Estou ligando para o Junior. Ele não é o chefe da Família?

Levanto um ombro. — Sim e não. Oficialmente, sim. Mas Nico detém o poder financeiro.

— Sim, Nico. Ele dirige o Bellissimo.

Vibrações voam em minha barriga. Apenas falar sobre meus irmãos os faz parecer mais próximos. Mais capaz de me encontrar e me resgatar. — Posso falar com eles?

— Se você for boa. Vou colocá-la em vídeo para que eles possam ver que você está bem. Mas sem gracinhas. — Ele aponta um dedo severo para mim.

Eu olho para o vestido de noiva. Eles vão me ver no dia do meu casamento. Meus olhos ardem. Casada com um criminoso. Essa parte era esperada, eu apenas pensei que seria uma escolha deles.

Vlad se inclina contra uma cômoda e usa seu telefone, então liga o tablet.

Um momento depois, o tablet começa a tocar. Vlad sorri enquanto desliza o dedo pela tela.

— Junior. Lembra-se de mim?

— Vladimir. — Eu ouço a escuridão na voz de Junior. A ameaça.

— Eu tenho algo seu. Alguém, na verdade.

Junior pragueja em italiano. Ao fundo ouço as vozes dos meus outros irmãos.

— Se alguma coisa acontecer com Alessia, vou arrancar sua espinha. Onde ela está? — A voz de Junior ressoa no tablet.

Eu me arrasto para o lado de Vlad para ver. Eu meio que espero que ele me impeça de fazer isso, mas ele não o faz, ele me deixa inclinar ao lado dele, preenchendo a tela com o meu rosto.

O rosto de Junior preenche a tela do outro lado, mas vejo partes de Nico e Stefano atrás dele.

— Alessia. — Junior fala rapidamente. — Diga-me onde você está. — Ele diz isso em italiano - pensamento inteligente.

— Volgograd! — eu grito.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Vlad imediatamente arranca o tablet de mim, segurando-o no ar e encerrando a ligação.

— Não. — eu soluço quando o tablet fica em silêncio. — Espere, por favor. Desculpe.

De repente, me importo menos em ser encontrada do que em apenas ver minha família. Conversando com eles. Deixando-os saber que estou bem. Eu vi as olheiras sob os olhos de Junior. As linhas mais profundas. Ele deveria estar em lua de mel agora, não desesperado por minha causa.

— Agora você perde privilégios. — Vlad dá um passo ameaçador em minha direção. Seu rosto é duro. Eu juro, ele está mais irritado comigo agora do que quando eu o esfaqueei.

— Deixe-me falar com eles. Por favor. Ou apenas deixe-me vê-los. Silencie meu lado, não direi uma palavra.

— *Nyet.*

— Por favor. Nada de italiano. Sem gracinha... eu juro. — Lágrimas caem pelo meu rosto. Eu não posso pará-las. De repente estou com tanta saudade de casa. Tão só.

O tablet toca novamente.

Vlad aponta para a cama. — Sente.

Sento-me onde ele me diz, dando-lhe grandes olhos de cachorrinho implorando. Os sapatos brancos caem dos meus pés.

Vlad atende a chamada. — Você deve ter notado o vestido de noiva de sua irmã. Hoje nos casamos. Estou muito feliz por fazer essa aliança com a máfia americana. — diz ele, como se estivesse fazendo um brinde em nossa recepção. — Você pode contar comigo para tratá-la bem, desde que você me envie os fundos para mantê-la no estilo que ela está acostumada.

Eu ouço um dos meus irmãos xingar baixinho em italiano.

— Seis milhões. Um milhão para cada um dos meus homens que você matou, pago em vinte e quatro meses. Isso é um quarto de milhão por mês. Vou enviar uma mensagem de texto com os números de roteamento e conta. O primeiro pagamento vence em quatro horas. — Ele olha para o relógio.

— Enviamos tudo agora e Alessia volta para casa. — rosna Junior.

— *Nyet*. Ela é minha esposa. Ela fica comigo. Vinte e quatro meses. Como ela é tratada depende de você.

Outra maldição italiana. Parece Stefano.

— Vamos vê-la novamente. — É a voz de Nico agora. — Precisamos saber que você não a machucou.

Vlad olha para mim, então de volta para a tela. — Você fala italiano, eu encerro a ligação. Como se diz... *capiche?*

— Entendido. — diz Stefano.

Eu me endireito, enxugando os olhos enquanto Vlad se senta ao meu lado e segura a tela na nossa frente.

— O que você fez com ela? — Junior explode, notando minhas lágrimas.

Eu balanço minha cabeça. — Ele não me machucou. — Eu limpo o resto da umidade dos meus olhos. — Estou apenas sendo um bebê. É bom ver vocês.

— Lessie. — Stefano diz suavemente, com tanta simpatia em sua voz que eu choro de novo.

— Estou bem. — Eu fungo. — Só saudades de casa. Diga a

mamãe que estou bem. E envie o dinheiro. Vai para o menino que Junior deixou órfão quando atirou em todos os russos.

Junior fica imóvel.

Vlad pega o tablet e se levanta. — *Da.* Envie o dinheiro. Você tem quatro horas. — Ele encerra a videochamada e me olha. Os planos de seu rosto caem em linhas duras. Ele está irritado, talvez até com raiva, é difícil dizer. Mesmo que ele tenha sido decente comigo, eu vejo o perigo nele - potencial enrolado logo abaixo da superfície.

Agarro a beirada da cama com as duas mãos. Borboletas voam na minha barriga.

Agora você perde privilégios.

Quais? Privilégios de roupas? Qual será o meu castigo? Ele vai me deixar nua e me amarrar na cama de novo? Bater-me?

A memória da última surra que ele me deu, segurando-me no lugar com o polegar contra o meu ânus, inunda minha mente.

Minha boceta aperta mesmo quando minhas mãos suam.

Mas — É difícil ficar com raiva de você. — é tudo o que ele diz enquanto caminha até a porta. — Há roupas na cômoda. Básicas. Amanhã podemos comprar o que você precisar. — Ele fecha a porta e ouço uma chave girar na fechadura.

Eu corro para ela e tento a maçaneta. Bato na madeira. — Vlad! — eu grito.

Não sei por que estou tão em pânico - deveria estar feliz por não estar amarrada. Estou trancada em um quarto. E muito luxo nisso. Mas eu não gosto disso. A solidão agarra meu peito como o desespero.

— Vlad! — Eu grito.

— Calma, *zaika*. — A chave gira na fechadura novamente e a porta se abre alguns centímetros. Vlad se inclina contra o batente da porta, seu rosto perto do meu. — Você perdeu sua liberdade esta noite. Você tem que ficar no quarto. Amanhã podemos tentar de novo. Se você for uma boa menina, eu deixo você sair.

Minha garganta balança, mas não consigo engolir. — Você vai voltar? — Eu tremo.

É patético. Estou realmente implorando por sua companhia?

Sim, eu estou.

Não quero ficar sozinha esta noite. Estou em um país estrangeiro, a milhares de quilômetros da minha grande e barulhenta família italiana. Sem esperança de vê-los tão cedo.

Estou desesperada por qualquer tipo de interação humana. E estou me acostumando - se não gostando - da companhia dele, em particular.

Sua expressão suaviza e ele me estuda por um momento.

Eu tento limpar a vulnerabilidade do meu rosto, mas duvido que tenha sucesso.

— É o meu quarto, *zaika*. — ele diz suavemente. — Eu voltarei.

Parece mais um aviso do que um conforto, mas estou aliviada de qualquer maneira. Quando ele fecha a porta, sento-me na cama e solto um bom choro.

VLAD

Mando Zoya para Alessia com uma bandeja de comida e caminho pela mansão. Mika está acomodado em seu quarto, já comendo de uma bandeja. Bom. Zoya cuidará bem dele. Eu tive um pressentimento. Ela pode parecer severa, mas por baixo do exterior áspero há um coração mole.

Blyat, quase me matou ir embora quando pude ouvir Alessia chorando atrás da porta. Eu só saí em primeiro lugar porque duvidava que ela me quisesse por perto. Porque não ousei castigá-la tirando-lhe a roupa. Ou bater naquela bela bunda dela. Porque, sério, outra rodada dela vindo do meu castigo e eu não vou ser capaz de me conter. Vou segurá-la e fodê-la crua.

Mas então ela perguntou se eu voltaria - como se ela não quisesse que eu fosse.

Porra.

Agora não consigo ficar longe. Deixá-la sozinha é uma impossibilidade.

Verifico minhas contas e descubro que o dinheiro já foi transferido dos irmãos de Alessia. Eu esperava que eles obedecessem, mas ver a rapidez com que responderam me satisfaz. É bom saber que

ela é tão querida por eles quanto deveria ser. Eles não estão se arriscando com a segurança dela.

Dou uma volta pela propriedade, fazendo uma lista mental de atualizações e manutenções que precisam ser feitas, depois volto para o quarto.

A bandeja de comida sumiu e Alessia está se mexendo no banheiro. Ouço o barulho da banheira e alguns minutos depois ela sai vestindo uma das minhas camisetas e uma calcinha que mandei Zoya comprar, junto com outras roupas básicas.

Seria noite nos Estados Unidos, embora seja apenas meio-dia aqui. Ela deve estar se preparando para dormir.

Meu pau engrossa. Ela tem cheiro fresco, como pepino e frutas.

Ela parece madura o suficiente para comer.

A tarde inteira.

Ela para quando me vê, prendendo a respiração. — Não estamos consumando o casamento.

— Eventualmente, *zaika*, você vai me implorar por isso.

Ela zomba. — Continue dizendo isso a si mesmo. — Mas seus dedos se entrelaçam como se ela estivesse nervosa.

— Venha... — dou um tapinha na cama — Preciso verificar sua glicemia.

Ela avança, cautelosa em seus passos.

Eu testei o açúcar no sangue e parece bom. Estou meio desapontado, meio aliviado por não conseguir levantar aquela camiseta e ver como ela fica com uma calcinha diferente quando eu administro sua injeção.

Ela boceja.

— Você está pronta para dormir? Você realmente deve esperar até que esteja escuro lá fora. Redefina seu relógio interno. Ou então eles dizem.

Ela caminha até as janelas e fecha as persianas. — Aí. Está escuro.

Eu tento e falho em reter um sorriso. Há algo tão fresco e fácil sobre ela. Ela empurra, mas não é brotinho. Não vadia. Além de seu colapso após a ligação com seus irmãos, ela lidou com seu sequestro

notavelmente bem.

Ela é uma em um milhão, com certeza.

Eu quero beijá-la. Os pensamentos me surpreendem, porque não sou do tipo que beija. Sou mais do tipo que bate em uma mulher por trás e nunca pergunta o nome dela. Mas ela tem aqueles lábios carnudos e bem torneados. Eu quero prová-los. Selvagemmente.

E lentamente.

E todas as maneiras intermediárias.

Ela puxa as cobertas da cama e se deita.

De repente, eu também estou cansado pra caralho. Não durmo mais do que algumas horas há dias, não querendo baixar a guarda. Mas agora que estou na Rússia, com soldados *bratva* por toda parte para proteger meu reino, posso dormir.

Eu me levanto e escovo os dentes, em seguida, tiro minha roupa e fico de cueca boxer.

Alessia observa da cama, com os olhos no ferimento que ela me deu. Eu o toco. Está cicatrizando bem. Ainda sensível, mas não infectado.

Eu subo sob as cobertas com ela e ouço sua respiração ficar superficial. Ela tem medo de mim, claro. Ou talvez excitada. Um pouco dos dois, provavelmente.

Após cinco minutos de silêncio, ela diz: — Você pode tocar minha cabeça se quiser.

Sorrio e me apoio no cotovelo. Ela está de costas para mim, enrolada de lado. — Você quer que eu massageie sua cabeça de novo?

— Sim? — ela diz em voz baixa. Parece uma pergunta. Como se ela não tivesse certeza do que estava pedindo. Talvez ela saiba que não deveria me convidar para tocá-la.

— Diga por favor. *Pozhaluysta*. — Eu dou a palavra em russo.

— Você tem uma coisa sobre eu implorar, não é?

Eu enterro meus dedos em seu cabelo.

Ela faz um gemido suave em resposta.

— *Pozhaluysta*. — eu a oriento novamente.

— Mmm. Tudo bem. *Pozhaluysta*. — A pronúncia dela não é

tão ruim.

Eu a recompenso com golpes firmes. Encontro as suturas de seu crânio e faço círculos suaves ao longo delas, coloco minha mão em seu cabelo e puxo da raiz.

Ela faz ruídos suaves de contentamento por alguns minutos e então, a julgar por sua respiração lenta, cai no sono.

Acordo às 22h. Vlad estava certo. Eu deveria ter esperado que escurecesse para dormir, mas depois do esgotamento emocional de ver meus irmãos e ficar com saudades de casa, não consegui ficar acordada nem mais um minuto.

Ele está dormindo ao meu lado. Primeira vez que o vejo dormir.

Eu o estudo. Examino as tatuagens de perto. Elas são toscas e feias, mas ele é lindo. A necessidade de tocá-lo, de traçar aqueles músculos definidos, sentir seu abdômen definido é avassaladora.

Eu quero fazer sexo com ele. Quero montar em sua cintura agora e ver como é senti-lo dentro de mim.

Mas não há como eu deixá-lo saber disso. Ele tirou todo o resto de mim - não vou entregar a única coisa que ele me deixa manter.

Eu saio da cama e procuro no quarto. Estava muito confusa quando cheguei, mas agora procuro qualquer eletrônico - seu telefone, tablet - qualquer coisa que eu possa usar para entrar em contato com meus irmãos.

Claro, não encontro nada.

Ele é meticuloso, meu russo. Mais esperto do que aparenta ser. Mas então, ele teria que ser esperto para ser o cara do dinheiro para toda a *bratva* russa.

Eu vasculho suas coisas, procurando pistas sobre ele, mas não há nada de natureza pessoal. Nenhuma foto, nenhum documento, nem mesmo uma identidade.

— Pare de bisbilhotar, coelhinha. — A voz de Vlad, engrossada pelo sono, vem da cama.

Eu pulo e me viro. Estou na ponta da língua para me desculpar, mas não sinto muito, então guardo.

— Está com fome? Deixe-me verificar seu açúcar no sangue.

Estou ficando trêmula. — Está baixo. — eu digo a ele.

Ele xinga e sai da cama, pegando o kit de teste e vindo até mim.

Ele tem um caso assassino de ereção matinal. Pelo menos eu

acho que é um caso matador. Eu realmente não saberia. Fico olhando para o mastro enchendo sua cueca boxer.

— Implore por isso, *zaika*, e é seu. — ele resmunga enquanto se inclina sobre meu dedo.

— Vá para o inferno, Vladimir.

Seus lábios se contorcem, mas ele não tira a atenção da seringa.

— Esse é o seu nome verdadeiro?

— *Da*. — Ele me levanta pela cintura para sentar em sua cômoda, então levanta a camiseta que usei como camisola e injeta minha barriga.

— Qual é o seu sobrenome?

— Putin. — Ele está inclinado sobre mim, tão perto que posso sentir seu calor.

— Muito engraçado.

Ele baixa o olhar para a minha calcinha. — Essas são bonitas.

Meus joelhos estão abertos e antes que eu possa fechá-los, ele passa um dedo pela minha entrada coberta de calcinha.

Meus músculos internos se contraem de prazer, mas eu aperto minhas coxas juntas, enxotando sua mão.

Um canto de seus lábios se levanta, mas ele não tenta mais nada. — Você está com fome de quê?

— Honestamente? Panquecas. Mas elas têm muitos carboidratos. Então, omelete de espinafre e cogumelos.

— Vou chamar Zoya.

— Ela não está dormindo agora?

Ele dá de ombros. — Ela trabalha quando eu preciso dela.

— Isso é meio idiota de se dizer.

— *Da*. Eu sou um babaca. Você já deveria saber disso. — Ele puxa uma camiseta sobre a cabeça e veste um par de jeans. — Venha. — Ele estende a mão para mim.

Não quero aceitar, mas também não quero recusar, não quando parece que ele está me oferecendo uma chance de sair do quarto.

Eu ofereço minha mão e ele me conduz por sua enorme mansão até uma bela cozinha. Tudo é contemporâneo e novo.

Eletrodomésticos elegantes e de estilo europeu e bancadas em granito.

Vou até a geladeira e a abro. Há uma caixa de ovos, que eu pego.

Eu endureço quando sinto Vlad bem atrás de mim, mas ele não tenta nada. Apenas passa por mim e pega manteiga, queijo e leite e algum tipo de verdura fresca – não reconheço as folhas.

— Omelete.

— Sim, por favor.

Apesar de dizer que ia levantar Zoya, ele puxa uma frigideira e rapidamente prepara e cozinha duas omeletes de queijo perfeitas com verduras.

Quando ele serve para mim - completo com um punhado de cebola verde fatiada por cima - eu me sento na banquetta do bar e como.

— Você estava com fome. — observa ele, sentando-se ao meu lado e bifurcando sua própria comida. — Você comeu alguma coisa antes de ir para a cama?

— Não muito. — eu admito. Eu estava muito sobrecarregada emocionalmente para querer comer.

Levo meu prato para a pia, enxágua e coloco na lava-louças. — Há quanto tempo você mora aqui?

— Eu comprei o lugar há seis anos. Mas estou nos Estados Unidos há treze meses.

— Sim, obviamente. Mas por quê?

— Porque o quê?

— Por que você deixaria este lindo lugar para morar em Chicago? Quero dizer, você obviamente estava indo muito bem aqui.

Suas sobranças se juntam. A expressão apertada. — Recebi ordens para sair. Por Victor, o papai.

— O papai?

— Isso é o que chamamos de cabeça da *bratva*. — Ele raspa o garfo no prato, pegando o último dos ovos.

Há algo aí. A energia na cozinha mudou de relaxada para carregada.

— Foi um castigo? — Eu pergunto.

Ele desliza um olhar para mim, então encolhe os ombros. — De certa forma. — Ele se levanta e caminha até a pia. — Muitas perguntas, *printsessa*.

— O que mais eu vou fazer? Estou bem acordada às 22h sem ninguém além de você como companhia.

Seu olhar cai para meus seios, nus sob a camiseta fina e sua expressão se torna selvagem. — Posso pensar em algumas coisas que poderíamos fazer.

— Aposto. — Estou fazendo o possível para parecer desanimada, mas a verdade é que meu coração está disparado. Meus mamilos ficaram duros. Minha boceta está formigando.

— Em breve, *printsessa*...

— Eu sei, vou implorar. Continue sonhando, russo. — Eu caminho em direção à porta. — Você vai me mostrar o lugar? — Eu admito, coloquei um pouco de cadência na minha voz. Um convite.

O olhar de Vlad está encapuzado, seus olhos nas minhas pernas nuas. Eu deveria ter colocado mais roupas antes de sair do quarto. — Continue flertando, *zaika*, e isso não vai acabar bem para você.

Eu ergo um quadril. — O que isso deveria significar?

Ele ajusta seu pacote e não preciso mais de uma resposta. A barraca em seu jeans é impressionante, para dizer o mínimo. — Meu autocontrole está se esgotando.

Minhas bochechas ficam quentes. Minha calcinha umedece.

Ele caminha em minha direção como um leão perseguindo sua presa.

Eu sorrio e saio correndo.

— *Blyat*. — Vlad jura. Ele me alcança cinco passos depois, passando um braço em volta da minha cintura e me levantando do chão.

— Vlad. — eu rio, sem fôlego.

— Você deve querer minha punição. — ele rosna em meu ouvido. Sua respiração é quente contra meu pescoço enquanto ele me carrega para o quarto.

— Não. — Eu rio, me contorcendo em seus braços.

É um daqueles não que definitivamente significa *sim*.

Estou morrendo de vontade de sua punição.

E, ao mesmo tempo, sei que é uma má ideia. O jogo errado para jogar. Eu não deveria convidar seu toque. Dê a ideia errada. Não quando minha intenção era recusar sexo com ele.

Mas é como se meu corpo não se importasse. Minha carne está pegando fogo, desejando seu toque dominante.

E ele me dá.

Ele me carrega para seu quarto e usa uma de suas gravatas para amarrar meus pulsos na cabeceira da cama.

— Não, espere. — eu ofego, balançando minhas pernas para cima e para baixo sobre a colcha cara.

— Tarde demais, *printsessa*. Você correu. Agora você tem que ser amarrada. — Seus olhos azuis normalmente claros brilham escuros enquanto ele olha avidamente para o meu corpo. Ele cai de quatro sobre mim e eu recupero o fôlego, meus quadris balançando para cima.

Ele apalpa minhas coxas e separa meus joelhos. Abaixando-se entre minhas pernas, ele belisca minha boceta, seus dentes deslizando sobre o reforço de seda da calcinha que encontrei na gaveta aqui junto com outras roupas do meu tamanho.

— Você escolhe sua punição. — Sua voz é grossa e profunda. — Minha mão na sua bunda ou minha boca na sua boceta.

— Boca. — Eu mal consigo pronunciar a palavra. É mais como um guincho.

O que eu realmente quero são os dois. Tudo isso. A coisa toda. Mas a boca soa positivamente deliciosa.

Sou recompensada por um sorriso leonino. Ele puxa minha calcinha pelas minhas pernas e a joga por cima do ombro. Em seguida, ele desliza para cima entre as minhas pernas com má intenção.

Eu tremo antes mesmo de ele me tocar, e quando ele lambe minha boceta, meus quadris saem da cama. Ele lambe novamente. O som estrangulado deve estar vindo de mim.

Estou tão sensível, como se cada nervo estivesse disparando lá. Ele poderia apenas respirar na minha boceta e eu acho que gozaria.

Já fiz isso antes, mas não foi nada disso. Foram alguns golpes

de língua para me preparar. Isso? Isso é como ser eletrocutada com um taser de prazer. É demais, mas não o suficiente. É o êxtase com a dor da necessidade misturada.

Especialmente quando Vlad começa a circular meu clitóris com sua língua, para chupá-lo.

Ele enfia um dedo dentro de mim e eu me contorço, pronta para explodir.

Ele recua, tirando a boca e empurrando minha camiseta para expor meus seios. Acho que ele vai chupar um dos meus mamilos agora, mas, em vez disso, ele estende a mão e dá um tapa na lateral do meu seio.

Eu dou um pequeno gemido de alarme.

Ele bate de novo.

Eu gemo.

Ele belisca meu mamilo enquanto esfrega seus dedos lubrificados ao longo da minha fenda e desce novamente. Eu me contorço embaixo dele de prazer, gemo, murmuro e debato.

Ele dá um tapa no meu peito. Agora ele se move para cima e chupa meu mamilo, provocando o broto tenso com os dentes. Então ele volta a trabalhar meu clitóris com a língua enquanto acaricia minhas paredes internas com dois dedos dentro de mim.

Eu engasgo. Grito. Gozo.

Vlad não para o tempo todo que eu gozo, apenas acaricia e chupa até que eu termine de moer seu rosto, apertando seus dedos com as vibrações da minha liberação.

Assim que termino, ele se levanta para ficar de joelhos e desabotoa a calça.

— Não. — eu balanço minha cabeça.

Eu sei que sou uma vadia, mas não quero dar isso a ele. Ele me roubou da minha família. Ele não merece consumir este casamento infeliz.

Mas ele apenas sorri e puxa seu pau para fora. Eu observo, a respiração ofegante em goles curtos e em pânico enquanto ele segura sua ereção e a levanta com a mão.

Oh.

Ele não vai me estuprar.

O alívio se torna excitação quando vejo sua mão voar, a cabeça roxa de seu pau inchada e brilhando com pré-sêmen.

Não demora muito até ele gozar, cobrindo minha barriga com fitas de seu esperma quente.

Minha cabeça cai para trás no travesseiro e eu caio enquanto o relaxamento do meu orgasmo flui através de mim.

Vlad cai em suas mãos e abaixa a cabeça, beijando minha barriga esvoaçante. É um beijo suave e demorado e desencadeia outro mini orgasmo. — Em breve, Alessia. — ele me lembra disso, enquanto prendo a respiração, tentando esconder.

Não quero admitir que ele está certo.

Por orgasmos como este, provavelmente vou implorar.

Alessia dorme mais algumas horas. Eu fico e trabalho no quarto por um tempo, mas finalmente vou para o meu escritório.

Deixo a porta destrancada. Tenho homens postados em todas as portas, dentro e fora do prédio. Ela não vai a lugar nenhum. E eu não quero vê-la chateada novamente.

Empurro para trás a corrente de culpa sobre a qual construí toda essa operação. Começou como uma forma de punir os Tacones e encher meus bolsos. Mas, para ser honesto comigo mesmo, devo admitir que se transformou em outra coisa.

Eu teria dito não para devolver Alessia imediatamente por seis milhões de qualquer maneira. Eu sou um grande bastardo. Mas mantê-la aqui tornou-se muito mais sobre o meu desejo de tê-la em minha casa - na minha cama - do que jogar meu peso com a máfia americana.

Sento-me à escrivaninha e dou uma olhada na correspondência. Há uma pilha de cartas de Sabina. Jogo-as no lixo sem abri-las.

Cadela conivente.

Abro meu laptop e começo a movimentar dinheiro para contas fictícias. Dividir o pagamento dos Tacones em pedaços cada vez menores até que desapareça na multidão de negócios que montei.

Então me lembro de minha promessa a Alessia de abrir uma conta para Mika e trabalho nisso. Quando o menino aparece na porta, esfregando os olhos, eu o chamo.

— Mika, venha aqui. — Eu acenei para ele. — Quero te mostrar algo. — Eu arrasto meu cursor para baixo em uma longa lista de contas e mostro a contagem de \$ 95.000 na parte inferior. — Você sabe o que é isso?

Ele balança a cabeça.

— Este é o seu dinheiro.

Ele fica imóvel.

Faço um gesto em direção ao meu quarto. — Dinheiro da garota. Para você.

Ele enrijece e dá um passo para trás. — Eu não preciso disso.

— diz ele rapidamente, e percebo que ele pensa que estou tentando mantê-lo a bordo. Para comprar sua cumplicidade. E ele não quer fazer parte disso. — Talvez você devesse apenas deixá-la ir.

Uma nova onda de culpa surge, mas eu a ignoro. Eu me senti quase alegre criando as contas para ele, guardando o dinheiro para garantir que ele fosse cuidado, não importa o que acontecesse comigo. Quero que ele entenda que isso é uma coisa boa. Gerado pela compaixão de Alessia. — Ela insistiu. — digo a ele. — Porque o irmão dela matou Aleksí, seu guardião.

— Aleksí não era meu guardião. — Mika rosna.

Eu me viro e dou a ele toda a minha atenção. O menino está chateado agora.

— Não?

— Ele foi o idiota que fez minha mãe fugir.

Uma sensação de enjoo se agita em minha barriga. Então ele culpa Aleksí pelo abandono de sua mãe. Ele pode estar certo. Ele pode não estar. Sua mãe pode ter sido apenas uma vadia que não se importava com o filho. Isso é como ele leu para mim, de qualquer maneira. Mas tenho uma visão cansada das mães. E as mulheres em geral.

Mas Aleksí provavelmente era um idiota, tanto para Mika quanto para sua mãe. Eu nunca gostei da picada.

— Aleksí era um babaca chupador de pau, você está certo. — eu concordo levemente. — Mas Alessia se sente responsável por você ter ficado sozinho depois que seu cara foi retirado. Ela exigiu que eu usasse o dinheiro dela para sustentar você. Então aqui está. Se alguma coisa acontecer comigo, você é a única pessoa que pode acessar essas contas.

Ele me olha com cautela, como se não acreditasse muito nisso. — Esse é o meu dinheiro? — ele pergunta.

— Da.

— Posso pegar agora?

— Não. Não, a menos que você precise. Precisa de alguma coisa, Mika?

Seus ombros caem. — Não.

Eu o estudo, tentando descobrir o que está acontecendo dentro da cabeça dele. — Vou lhe dar uma mesada semanal, para que você tenha seu próprio dinheiro para gastar. — digo a ele e ele se anima. — Mas só se você fizer um bom trabalho com seus estudos.

— Que estudos?

— Os estudos que Alessia vai começar para você. — Estou inventando à medida que prossigo, mas me parece um plano brilhante. Alessia é professora. Ela já se preocupa com Mika. E ela vai precisar de algo para fazer aqui - um propósito. Vou colocá-la no comando de sua educação, e ela vai se estabelecer em sua vida aqui.

Ambos irão.

Algo desconhecido, mas não desagradável, se agita em mim com esse pensamento.

O desejo de fazer acontecer - de criar o ambiente onde ambos possam estar contentes, até mesmo felizes, entra furtivamente em minha agenda.

ALESSIA

Acordo antes do amanhecer. Eu não estava realmente dormindo - apenas cochilando. O sono inquieto e cheio de sonhos em que você entra e sai do sono e tem dificuldade em distinguir quando está sonhando e quando está acordada.

Como se eu estivesse deitada na cama, com Vlad massageando minha cabeça, depois estivéssemos na cozinha preparando o café da manhã novamente. Só que desta vez, ele me levanta para o balcão e segura minha pélvis enquanto me lambe até eu gritar. E então estamos no quarto com meus irmãos na tela do vídeo, mas ele não me deixa ver. E dou-lhe um pontapé, mas não adianta porque estou descalça. E ele acha engraçado e então me puxa para o colo como uma criança e me bate por isso.

E eu fico excitada com a surra e transo no colo dele, mas ele não me tira porque eu me recuso a implorar.

Eu acordo com tesão e com fome. A omelete parece dias atrás. Eu saio da cama, as pernas trêmulas. Aparentemente ter um orgasmo e sonhar com Vlad queimava muitas calorias. Eu tomaria banho primeiro, mas acho que não vou conseguir sem comer alguma coisa.

Realmente preciso deixar um pouco de comida na mesa de cabeceira para emergências.

Eu coloco um par de jeans que encontro na cômoda e tropeço na direção da cozinha. Pelo menos eu acho que é a direção certa. É difícil dizer - era noite e tudo estava escuro.

Eu viro uma curva e encontro Vlad e Mika vindo pelo corredor em minha direção.

— Alessia? — Vlad caminha rapidamente para o meu lado. — Você está com fome, hein? Você verificou seu açúcar no sangue?

Balanço a cabeça e o corredor gira ao meu redor. — Com fome. — eu resmungo.

Num piscar de olhos, Vlad me pega em seus braços e me carrega para a cozinha. — Pegue um suco na geladeira. — ele ordena a Mika, que ficou por perto.

Alguns momentos depois, um copo de suco é pressionado em meus lábios e eu bebo, agradecida.

— Vá pegar o kit de remédios no quarto. — Vlad diz, então muda para o russo, falando rapidamente - como se fosse demais explicar a localização do kit em inglês.

Mika sai correndo e retorna com a mesma rapidez. Vlad me coloca em uma banqueta e testa meu sangue e me dá uma dose de insulina. Ele olha em meus olhos, suas sobrancelhas franzidas.

— Dormindo demais e comendo pouco. — eu digo fracamente. Minha agenda está desregulada com o jetlag. Ele estragou meu açúcar no sangue. Ou talvez eu tenha esquecido de atirar. Eu não tenho certeza. Evitar situações como essa é o motivo pelo qual minha família quer que eu use uma bomba de insulina em tempo integral, uma ideia que detesto. Eu trabalhei duro para nunca ter um incidente, então estou chateada comigo mesma. Mas nunca fui sequestrada e levada para um país estrangeiro contra minha vontade.

— Eu estraguei tudo. — diz Vlad com raiva, esfregando a testa. — Deveria ter checado com mais frequência.

Claro que não é responsabilidade dele, é minha, mas eu vou com ela, de qualquer maneira. — Você pode me compensar me libertando.

Vlad testa me deixando sem apoio na banqueta, e quando não caio, ele grita algo em russo e caminha até a geladeira. Zoya entra apressada, sem olhar para ninguém, enquanto pega uma frigideira e acende o fogão. Vlad entrega a ela uma tigela de metal que tirou da geladeira.

A manteiga chia e o cheiro doce das panquecas invade a cozinha.

Meu café da manhã favorito, mas quase nunca me permito. Eu dou um sorriso. — Eu realmente não deveria comer panquecas.

— São panquecas especiais com alto teor de proteína. Bom para diabéticos.

— Realmente? Uau. Obrigada. Eu estou tão feliz.

Ele acena com a cabeça, mas ainda mantém a carranca entre as sobrancelhas.

— Relaxe. Estou me sentindo melhor. Eu não vou morrer ainda.

Não este ano, de qualquer maneira.

Espero.

Alguns minutos depois, um prato de panquecas e bacon desliza na minha frente e eu quase choro de prazer. — Obrigada. Obrigada. Obrigada. Como se diz obrigada em russo?

— *Spasibo*.

Eu não deveria amar tanto o estrondo profundo da voz de Vlad

— *Spasibo*. — repito, olhando para Zoya.

Ela vira a cabeça na minha direção e a inclina, mas não me olha nos olhos. Ela não é a mais simpática das servas, mas claramente os mendigos não podem escolher. Vou ter que fazer amizade com ela o mais rápido possível se quiser sair deste continente.

Mika e Vlad seus próprios pratos de panquecas e bacon e nós três colocamos comida em nossas bocas em silêncio por um momento.

— Quando recebo minha Pedra de Roseta?

Os lábios de Vlad se inclinam ligeiramente. Como sempre, ele parece se divertir um pouco com minhas exigências, em vez de chateado. Acho que tenho sorte de ter um captor que parece

apaixonado por mim. Esta situação poderia ser cem vezes pior. Mil, provavelmente.

— Você consegue quando consegue.

— Eu preciso do Spotify também. Ou música da Apple. Algo para ouvir. — Agora estou apenas testando-o. Realmente quero que eu preciso é acesso à internet.

Claro, ele sabe o que estou fazendo.

— Boa tentativa. Você me dá uma playlist, eu faço o download.

— Meus irmãos mandaram o dinheiro?

— *Da.*

— Eu quero ir às compras. Você não deveria estar me mantendo da maneira que estou acostumada?

Mais uma vez, uma sugestão de sorriso em seu rosto. — Quando você ganha um passeio, você ganha um.

A excitação aquece entre minhas pernas quando considero como posso ganhar tal coisa.

Acho que sexo me levaria longe com Vlad.

Pena que não estou disposta a dar a ele.

Embora depois da noite passada, eu não tenha certeza de quanto tempo minha resistência vai demorar antes de desmoronar.

— Quando começam meus estudos? — Mika pergunta.

Pego um pedaço de bacon do prato de Vlad e coloco na boca. — Que estudos?

— Achei que você poderia ser tutora dele. — Vlad diz, deixando cair o resto de seu bacon no meu prato vazio.

— E quanto a escola? — Eu pergunto.

— Sem escola. — Mika rosna em uma imitação perfeita de Vlad.

Reviro os olhos. — Por que não? Você não quer estar perto de crianças da sua idade?

Ele balança a cabeça enfaticamente. — Eu quero que você me ensine.

— Você poderia? — Vlad pega uma pilha de panquecas.

Minha mente já está pensando no que seria necessário para fazê-lo funcionar - avaliações em cada matéria, etc. — Teria que ser

em inglês, claro. Ele precisaria de outra pessoa para ensinar a ler e escrever russo.

— Não preciso de russo.

— Não poderei avaliar isso. — digo a Vlad.

— Vou avaliar e conseguir outro tutor se ele precisar. — Vlad oferece.

Mika se ilumina.

— Precisarei de acesso para baixar um currículo.

— Vou conseguir o que você precisa. — Vlad promete.

— Hoje? — Eu pergunto.

— Vamos começar hoje? — Mika realmente parece animado com a perspectiva. Ocorre-me que ele teve muito pouca interação ou supervisão de um adulto. Ele está pronto para absorver qualquer coisa, até mesmo dando aulas particulares em matérias escolares.

— Sim. — eu digo, embora eu não saiba o que estou fazendo ainda. A criança precisa de estrutura. Vou dar a ele, a partir de hoje.

Olho para o relógio na parede. — Nos reuniremos das 9 às 12 todos os dias, de segunda a sexta-feira. Você tem folga nos fins de semana para *jogar*.

Mika bufa com o jogo de palavras.

— Você vai ter que aprender a brincar. Eu sei que você teve que crescer mais rápido do que deveria, mas em algum lugar ainda tem uma criança que quer brincar. — Eu bagunço seu cabelo e ele sai do meu alcance. — Agora vá tomar um banho e penteie o cabelo. Eu encontro você... — Eu hesito.

— Você pode estudar na mesa da sala de jantar. — Vlad acena com a mão em direção à sala de jantar adjacente com a longa e bela mesa de madeira de cerejeira.

— Te encontro lá as nove. — digo a Mika com firmeza na minha melhor voz de professora.

Ele escorrega do banquinho, deixando o prato na mesa.

— Ah ah. — eu repreendo bruscamente. — Leve esse prato para a máquina de lavar louça e diga *spasibo* a Zoya

Ele obedece e Zoya parece satisfeita, olhando para mim com

um aceno de cabeça.

O telefone de Vlad toca. — Com licença, *zaika*, tenho negócios a tratar. Se precisar de alguma coisa, Zoya irá ajudá-la.

— Certo, porque eu falo russo tão bem. — eu rosno em suas costas enquanto ele sai da cozinha falando em russo conciso para seu telefone.

VLAD

Eu respondo a Victor toda a manhã, atendendo suas ligações, lidando com seu dinheiro, participando de teleconferências, mas tudo em que estou pensando é a maneira como Alessia parecia ter um orgasmo na noite passada.

O gosto de sua boceta.

A sensação de sua pele macia sob minhas mãos.

Eu quero abrir bem aquelas coxas novamente e fazê-la gritar. Eu a quero em apuros comigo - bunda nua e espancada, mãos amarradas.

Eu a quero sem fôlego, quente e pronta.

Mas não vou forçar. O tempo está a meu favor. Alessia é minha prisioneira, aqui por dois anos, talvez mais. Eu sei que ela está excitada por mim. Seu corpo responde. Então está apenas ganhando sua mente agora. O coração dela. Dobrando sua vontade.

E eu a tenho exatamente onde eu a quero.

Em minha casa.

Minha cama.

Vou aprender o que ela gosta, dar a ela. Eventualmente, ela vai me deixar entrar. Ela já está tão desprotegida. Tão indefesa. Ela é gentil e compassiva, ela se entrega facilmente. Uma criatura tão perfeita, por dentro e por fora.

Ela quase me faz reavaliar como vejo as mulheres.

Quase.

Eu finalmente imploro para desligar o telefone com Victor à tarde e saio do meu escritório para procurá-la. Certifique-se de que ela comeu o almoço e veja como foi com Mika.

Eu ouço um grito dela na porta da frente e saio correndo.

Blyat, não.

A porta está aberta e um dos meus soldados está lutando contra ela. Eu ando rapidamente. As bochechas de Alessia estão vermelhas de raiva, os olhos brilhando. Ela pisa no pé do meu soldado, dá uma cotovelada em suas costelas.

— Tire a porra das mãos dela. — grito em russo com a ameaça de mil mortes. Outro soldado fica para trás, pronto para pular, mas com muito medo de mim para fazer o movimento errado.

Ele congela e a solta lentamente. — Você disse para mantê-la de... — Ela tenta passar por ele, do lado de fora, mas ele bloqueia seu caminho com seu corpo.

— Sim, mantenha-a dentro de casa. Eu não disse que você poderia tocá-la, porra. Esta é minha esposa. Você nunca desonra minha esposa, entendeu? Ela será tratada com o maior respeito. Se eu lhe der uma ordem para limitar as ações dela, é melhor você descobrir como cumpri-la e ainda tratá-la como a porra de uma rainha. Fui perfeitamente claro?

— Sim, Vladimir. — Ele e o outro soldado respondem rapidamente, abaixando a cabeça.

— Alessia, venha. — Eu aceno com o dedo. Não vou maltratá-la depois que ela acabou de ser agredida.

Ela olha para mim. — Quero dar uma volta. — Ela está vestida com um par de jeans que pedi a Zoya para comprar para ela e uma camiseta feminina justa. Do tipo que se encaixa nos seios e os faz parecer comestíveis. Ela tem um par de tênis nos pés.

— Se quiser dar uma volta, me peça. Eu vou te levar para fora.

Sua mandíbula se projeta para frente. — E se eu quiser andar sozinha?

— Neyt. — Eu balanço minha cabeça. — Não permitido. Se você sair desta casa, é comigo. Sua escolha.

Ela cruza os braços e franze os lábios, claramente dividida entre querer sair e não querer ceder à minha regra. — Não estou implorando.

Eu escondo um sorriso. — Eu não disse que você tinha que implorar. Basta perguntar. Venha, você quer ir agora? Eu levo você para sair. — Passo por meus soldados, que se afastam para mim, e

estendo minha mão.

Ela olha para ele. — Também não estou segurando sua mão.

Uma risada irrompe de mim, assustando meus homens.
Assustando-me.

Ela cruza a porta ilesa desta vez, um sorriso relutante brincando em seus lábios. Nós caminhamos um ao lado do outro, eu a conduzo em direção ao caminho entre as árvores.

— Eu gosto de você, Alessia. — eu admito.

— Eu sei. — diz ela, o que me faz rir de novo. — Não o suficiente para me deixar ir embora?

Não respondo porque a verdade é o contrário. Eu gosto dela demais para deixá-la ir. Mas dizer isso a ela não vai ajudar em nada o meu caso.

E eu vou deixá-la ir. Sei disso. Acho que ela provavelmente sabe disso também. Caso contrário, acho que ela estaria pirando um pouco mais do que está.

Eu a levo para uma caminhada até o lago, porque imagino que, se ela estava morrendo de vontade de tomar ar fresco, uma curta caminhada não resolveria. É uma caminhada de quarenta minutos, e fico surpreso ao encontrá-la com falta de ar e parando para descansar com bastante frequência.

— Isso é diabetes? — Não sabia que causava falta de ar e cansaço. — Você precisa de um lanche? — Eu amaldiçoo interiormente por não ter comida comigo. — Vamos voltar.

— Não, eu estou bem. — ela ofega, com as mãos nos quadris como se estivesse exausta. — É lindo aqui fora. Estou me divertindo.

— O exercício afeta o açúcar no sangue?

— Estou bem. Realmente. Vamos continuar.

Estou dividido entre querer agradá-la e me preocupar com sua saúde. Eu admito, andando mais devagar e fazendo pausas. Quando chegamos ao lago, a alegria em seu rosto me faz decidir que valeu a pena.

— Vladimir! Isso é lindo! Eu não sabia que você tinha um lago.
Uau.

— Você gosta de água?

— Quem não gosta? Isto é incrível. Não acredito que você não construiu sua casa mais perto.

Eu quero alcançar seu rosto bonito, acariciá-lo, mas há uma distância entre nós agora que ela não está mais amarrada. Não estou mais comendo na minha mão.

Estou cortejando-a agora, não forçando.

— Eu construí onde os arquitetos aconselharam, por motivos de enchentes. Mas sim, é lindo. É por isso que escolhi este terreno para comprar.

— Você nada aqui?

— Às vezes. Está frio.

Ela ri. — Aposto. — Ela encontra uma pedra perto da costa e se senta nela, de frente para a água. — Eu poderia sentar aqui o dia todo.

Sento-me ao lado dela.

É engraçado. Eu mandei construir uma casa grande aqui perto do lago, mas nunca passei nenhum tempo aqui aproveitando. Não até agora.

Respiro o ar perfumado do verão, ouço o som dos pássaros e insetos chamando uns aos outros.

Quero puxar Alessia para o meu colo e inalar seu cheiro também, mas mantenho minhas mãos para mim.

— O que você disse ao guarda que me parou? — Ela quebra o silêncio pacífico.

— Eu disse a ele para nunca mais tocar em você.

Seus lábios cheios se curvam.

— E quando eu esfaqueei você, o que você disse para Mika?

— Eu dei uma bronca nele.

— Eu me lembro. A respeito? Deixar-me pegar uma faca ou por segurar uma arma?

— O que você acha? — Eu pergunto.

Ela se vira e pisca para mim. Seus olhos castanhos são dourados à luz do sol. Ela não usa maquiagem e parece tão fresca e bonita quanto uma modelo.

— Você já sabe a resposta.

— Segurando a arma?

— Apontando para você. — A memória corre de volta. Eu não senti nenhuma dor do esfaqueamento no momento. Tudo o que experimentei foi o medo absoluto de Mika disparar aquela arma, de propósito ou por acidente. Nenhuma criança deveria segurar uma arma - eu nem sei onde ele conseguiu essa. — Cristo — murmuro, passando os dedos pelo meu cabelo. — Ele poderia ter te matado.

Alessia se inclina contra mim, seu ombro pressionado contra o meu. — Eu também gosto de você, Vlad.

O choque se registra diante do prazer que floresce em meu peito.

— Quando você não está sendo um idiota.

Uma daquelas risadas inesperadas irrompe de mim.

Cristo, não sei quando ri pela última vez. Eu nunca ri. Como Mika, cresci rápido demais. Não me lembro quando ou se brincar e rir fizeram parte da minha experiência.

No entanto, aqui estou sob o amplo céu azul com a garota mais bonita e fácil de estar do planeta.

Rindo.

Não parece real.

— Alessia.

Acho que Mika nunca usou meu nome antes. Estou feliz que ele está se aquecendo. Tivemos nossa sessão de estudo matinal e então ele desapareceu por um tempo. Agora ele está de volta na sala de estar. Ele entorta um dedo para mim. — Quero ver alguma coisa?

O Papa usa um chapéu pontudo? Estou muito entediada trancada aqui. Vlad tem trabalhado o dia todo em seu escritório. Eu me arrasto para fora da confortável poltrona em que me sentei. — Sim. *Da*. — Comecei minhas aulas de russo Pedra Rosetta. Eu gostaria de poder apenas baixar o idioma na minha cabeça, como fazem as habilidades em *Matrix*.

Sigo Mika até a ala dos fundos da mansão. Para o que parece ser mais um dos “aposentos dos empregados”. Domínio de Zoya.

Mika me leva até a lavanderia e aponta. Lá, entrando e saindo de um cesto de roupas de vime cheio de toalhas, está uma ninhada de gatinhos pretos e brancos. Seus minúsculos miados me fazem rir.

— Awwww. — exclamo, agachando-me para acariciar uma cabecinha com meu dedo indicador. — Eles são tão fofos. — Eu pego um e seguro no meu peito. Ele começa a ronronar imediatamente. — A mamãe gata é do Vlad?

— Não sei.

Zoya entra, com a expressão severa de sempre. Ela diz algumas palavras duras para Mika.

— Ela diz que tem que se livrar deles antes que Vlad descubra. Acho que a mãe é dela.

Pego o cesto de roupa suja protetoramente. — De jeito nenhum ela vai se livrar deles. — Eu pego. — Pergunte a ela se eu posso ficar com eles.

As sobranceiras de Mika se erguem. — Todos eles?

Eu realmente não quero manter todos eles, mas irritar Vlad é minha única diversão atualmente. Acho que ter cinco gatinhos indisciplinados correndo pelo quarto dele é uma maneira perfeita de

deixá-lo louco. — *Da.* — eu digo.

Estou perfeitamente disposta a enfrentá-lo nessa questão, mesmo que Zoya não esteja.

Mika diz algo a Zoya que me olha em dúvida.

Eu levanto meu queixo. — Os gatinhos estão vindo para o meu quarto. — eu anuncio. — Vlad pode lidar com isso. — Talvez eu possa usar isso como moeda de troca para conseguir meu próprio quarto. Deus sabe que dividir a cama com Vlad é uma proposta perigosa. Se tivermos uma repetição da performance da outra noite com sua língua entre minhas pernas, não poderei resistir a ele.

— Você pode pedir a Zoya para trazer uma caixa de areia para o meu quarto? — Pergunto a Mika enquanto saio pela porta carregando os gatinhos.

Deixo Mika e Zoya discutindo a situação na lavanderia.

No quarto, fecho a porta, ligo a televisão e deixo os gatinhos explorarem. Eles são as coisas mais fofas que eu já vi e alegram totalmente o meu dia. Mesmo se eu não quisesse irritar Vlad, tê-los no quarto é uma delícia.

Zoya instala a caixa de areia na casa de banho privativa. Não consigo entender o que ela está dizendo, mas há muita agitação e tagarelice sobre isso. Ela está definitivamente preocupada com a reação de Vlad.

— Não se preocupe. — digo a ela em inglês. — Eu vou lidar com Vlad.

Ela ouve o nome dele e balança a cabeça, falando um pouco mais. Por fim, ela vai embora.

Sento na cama e assisto TV, segurando vários gatinhos no colo. Quando Vlad entra, há um no meu ombro, um no meu peito e dois no meu colo. O quinto está enrolado no travesseiro de Vlad.

Ele para. — O que...?

Eu sorrio amplamente. — Você tem gatinhos! Eu estou mantendo todos eles.

O gatinho no meu ombro está batendo no meu cabelo. Eu rio e acaricio ele.

Eu esperava que Vlad ficasse irritado. Em vez disso, sua

expressão se suaviza e ele apenas olha para mim por um momento. — Isso é fofo. — diz ele, me surpreendendo.

— Não são?

Ele balança a cabeça, seus lábios se curvando em um leve sorriso. — Não eles. Você. Você com eles. Muito bonitinha.

Estou surpresa. — Então eu posso ficar com eles?

— *Da, printessa.* Qualquer coisa que te faça feliz.

— Posso ter um cachorrinho também? — Eu pressiono.

Ele apenas sorri. — Agora você está apenas me testando. Você quer mesmo um cachorrinho?

— Talvez não até que os gatinhos tenham crescido um pouco. — admito.

O sorriso de Vlad fica ainda mais caloroso. As linhas em seu rosto, mais suaves. Ele é um homem diferente assim - mais jovem e mais bonito. Quase infantil.

Eu pego o gatinho no meu peito e estendo para ele. — Segure um. Eles são tão fofos.

— OK. — Ele é tão agradável. Ele pega o gatinho e o coloca em seu peito, esfregando sob seu queixo para fazê-lo ronronar.

É ridículo, mas eu me apaixono um pouco.

Eu não quero.

Ele certamente não merece isso.

Mas não posso evitar.

Ele é tão simpático. E o fato de ele também ser um babaca me segurando contra a minha vontade, o fato de ele ser um criminoso, capaz de grande violência deveria ser um desestímulo. Mas não é. Talvez porque venho de uma longa linhagem de homens como ele. E se nos apaixonarmos por homens que são como nossos pais, então ele se encaixa no projeto.

Ele pode não ser italiano, mas o resto está aí.

Perigoso. Poderoso. Ardiloso. Inflexível.

No entanto, gloriosamente protetor e igualmente gentil.

Eu olho para ele. — Você é fofo com um gatinho também. —

digo a ele. — Mas não pense que isso significa que vou fazer sexo com você.

Ele apenas sorri. — Você vai, *zaika*. Você vai me implorar por isso. E você vai gostar.

VLAD

Após o depósito inicial de um quarto de milhão, recebo uma transferência dos irmãos de Alessia com o restante dos seis milhões. Tudo isso.

É uma jogada inteligente da parte deles. Dê-me a quantia total de uma vez e use-a como alavanca para me fazer mandá-la de volta.

Não vai funcionar, claro.

Recuso-me a deixar que isso me faça sentir culpado.

Enrolada no confortável sofá de couro preto na opulenta sala de estar de Vlad, pratico meu russo com a Pedra de Roseta.

Mika ri do meu sotaque.

Repito, esperando sua aprovação até que ele assente.

Já se passaram três dias desde que chegamos e estabelecemos uma rotina com suas aulas particulares. Eu o ensino por algumas horas e então ele me ajuda com meu russo. Eu tenho a Pedra de Roseta e também um aplicativo de tradução. Vlad de alguma forma descobriu como me dar um tablet que acessa apenas determinados sites, mas não consigo ficar online para fazer mais nada. Não consigo entender como ele fez isso, mas acho que ele deve ser bastante experiente em tecnologia. A maneira como seus dedos voam sobre as teclas de seu laptop, ele definitivamente parece em casa.

Ele trabalha longas horas em seu escritório, debruçado sobre o laptop ou mexendo no celular.

À tarde, ele me leva para passear no lago - minha hora favorita do dia. Ontem, descobri que um banco de jardim havia sido colocado em um local sombreado a meio caminho do lago.

— Isso é para mim? — Engoli em seco quando nos deparamos com ele.

Vlad manteve a estoica máscara russa. — Descanse. — ele ordenou, ao invés de apenas admitir a boa ação.

Sentei-me, porque precisava de um descanso, depois me aproximei e dei um tapinha no lugar ao meu lado. Quando ele se sentou, dei-lhe um beijo na bochecha. — Obrigada.

Ele não respondeu.

— Não há problema em admitir que na verdade existe um cara legal sob essa frente idiota que você usa. — eu disse a ele.

— Não. — ele resmungou. — Definitivamente não existe um cara legal. Só não quero que você morra de exaustão.

Assim ele disse, mas quando chegamos à beira d'água, encontrei outra surpresa. Um daqueles balanços rústicos da varanda tinha sido colocado ao lado da pedra que eu normalmente escolhia

para sentar.

Como não quero ser tocada pelos esforços de Vlad, aumentei minhas exigências e reclamações. Eu preciso de música nova. Roupas novas - quando ele vai me levar para fazer compras? Preciso de um Kindle e romances. Quero enviar cartas para casa.

Não cede a nada, nem se aborrece. Ele apenas me dá sua cara de jogo e dá ordens para me manter na linha.

Eu mexo no tablet, tentando invadir a internet. Sério, se ele descobriu uma maneira de limitar isso, posso descobrir uma maneira de superar isso.

— Qual é a senha do Wi-Fi? — Pergunto a Mika casualmente. Nunca se sabe. Posso enganá-lo agindo como se fosse um pedido normal.

Sem sorte.

O menino faz uma careta e suas orelhas ficam vermelhas. Eu me sinto mal por perguntar.

— Estou brincando. Pode me emprestar seu tablet? — Estendo minha mão como se esperasse que ele o passasse para mim.

Ele a abraça contra o peito. — O meu também não tem acesso. — diz ele.

Não sei dizer se é verdade ou não. Faria sentido, no entanto. Vlad não deveria confiar em Mika para não me ajudar, especialmente quando estou conquistando o garoto mais e mais a cada dia. — Só para jogos e TV.

Eu suspiro e Mika cora um pouco mais. Eu sou uma vadia porque praticamente pedi a ele para trair a figura paterna com a qual esperava que ele se relacionasse. É tão errado da minha parte.

— Está tudo bem. — eu digo a ele. — Eu não quero que você se sinta preso entre nós dois. Não é justo com você.

Mika olha para mim, seu olhar azul-esverdeado sério. — Vlad diz que vai deixar você ir. — ele diz.

Eu concordo. — Eu sei. Acredito nele. Você?

Mika engole, mas acena com a cabeça. Então ele dá de ombros. — Eu não o conheço muito bem, no entanto. Apenas alguns meses agora.

— Tenho certeza que ele é perigoso. — eu digo. — Mas não para nós. — Eu aponto entre nós dois.

Mika me estuda atentamente, como se estivesse medindo a verdade de minhas palavras. Então ele acena com a cabeça.

Do lado de fora, ouço o barulho do cascalho quando um grande caminhão estaciona. Vou até a janela para olhar para fora. O motorista estaciona, depois dá ré para virar. Ele deve ser um idiota, porque ele dá ré muito rápido e bate totalmente em um dos carros na entrada circular.

Os homens na varanda gritam. Os seguranças saem de todos os lados, cercando o veículo. Observo por um momento, fascinada, pensando que isso daria uma excelente invasão no estilo cavalo de Tróia.

E então me ocorre.

Não preciso de homens armados para sair do caminhão. Tudo que eu preciso é essa distração. Ninguém está guardando a porta da frente agora.

Mika também está de pé para olhar pela janela. — Vá chamar Vlad. — eu ordeno a ele.

No momento em que ele está fora de vista, enfio os pés nos tênis e corro para a porta.

É algum tipo de milagre - ninguém percebe. Eles estão todos reunidos em torno do acidente, tagarelando. Vlad já está por aí também. Ele deve ter saído por uma porta diferente. Eu me escondo atrás das cercas vivas e me movo rapidamente, mantendo-me perto da mansão até atingir a borda, então corro para as árvores.

A casa de Vlad é no interior. Terei que caminhar bastante, o que é péssimo com minha condição renal porque fico com falta de ar. Mas talvez, quando chegar à estrada principal, possa sinalizar para um carro. Não falar russo é outro obstáculo sério em meu plano, mas memorizei a palavra para ajuda em russo "*pomogite*" e vou continuar repetindo até que eles descubram como me ajudar.

Meia hora depois, estou suada e cansada, mas na estrada principal. Não ousou parar de me mexer. Ofegante pelo esforço, aceno com a mão para cada carro que passa, tentando parar um enquanto

corro pela estrada.

Espero parecer desesperada e deslocada e isso fará alguém parar para descobrir o que diabos há de errado comigo.

E então estou totalmente com sorte porque um carro da polícia russa estaciona e dois homens saem.

— Graças a Deus. — eu digo. — Pomogite¹. Pomogite.

Eles tagarelam comigo em russo, sons severos vindos de rostos duros e raivosos.

Eu aponto para a estrada em direção ao lugar de Vlad. — *Zaklyuchennyy*². — É a palavra para prisioneira. Pelo menos espero estar falando certo. É outra que memorizei em caso de fuga.

Eles repetem de volta. — *Zaklyuchennyy*?

— *Da!* — Eu balanço minha cabeça e aponto freneticamente para a mansão de Vlad. — *Zaklyuchennyy*. — Precisamos dar o fora desta rodovia antes que Vlad descubra que eu fui embora e venha me procurar.

Eles falam rapidamente um com o outro em russo, e então um deles toca o rádio em seu telefone.

— Sim, vamos lá. — Vou até o carro deles e abro a porta de trás, subindo no banco de trás.

— *Neyt*³, blah blah blah. — um deles me repreende em russo.

— *Da*. — eu insisto.

Eles falam juntos novamente em russo, então o oficial ao meu lado inclina o rosto para baixo e acena com a cabeça, dizendo algo. Ele bate a porta e se encosta nela.

Vamos, foda-se.

Entre no carro e me leve até a estação. Precisamos chamar meus irmãos. Coloque-me em um avião fora deste continente. Rapidamente.

Eu bato na janela.

O policial me ignora, seu traseiro pressionado contra a maldita janela. Não consigo nem abrir a porta agora para chamar a atenção dele. Eu bato novamente.

Nenhuma resposta.

Merda. Os policiais provavelmente são propriedade da *bratva*

na Rússia. O que significa que estou ferrada.

Tento abrir a porta, mas o corpo do policial me bloqueia. Eu deslizo para o outro lado, surpresa, surpresa, o outro policial bloqueou aquela também.

Outro veículo se aproxima, então grita para parar, as rodas rangendo.

Porra. Deve ser o Vlad.

Eu ouço a voz irritada de Vlad e então o policial se move.

Oh inferno.

A porta se abre.

Eu encaro um russo muito zangado.

— Vamos. — Ele acena para mim.

Eu aprecio que ele não me maltrata mais, mas não vou facilitar isso para ele.

Apenas no caso de ele não ser o dono da polícia e eu interpretar mal a situação, eu grito: — *Zaklyuchenny!* — novamente, o mais alto que posso.

Vlad me dá um olhar fulminante. — Quem você acha que me ligou, *zaika*?

Certo. Imaginei.

— Agora saia. Se eu tiver que levantá-la, sua punição será muito pior.

Meu estômago vibra com a palavra *punição*.

Estou meio tonta com a adrenalina. Minhas mãos tremem quando alcanço a maçaneta da porta para me impulsionar para fora.

Estou com medo, com certeza. Não tenho certeza do que Vlad fará comigo.

Eu não estou apavorada, no entanto. Ele não é cruel. Tenho certeza disso.

No momento em que estou de pé, Vlad me joga por cima do ombro e me carrega para o carro. Eu arranho suas costas com minhas unhas, não porque eu acho que vai fazer algum bem, mas porque eu não vou ficar como uma porra de uma boneca mole. Especialmente na frente dos idiotas corruptos da polícia que me mandaram de volta para ele.

Quando ele me coloca no chão, dou um tapa em seu rosto.

Ou pelo menos eu tento. Ele se move rápido como um raio e pega meu pulso. — Não. Não torne as coisas piores para você. Você já está com tantos problemas.

VLAD

Eu empurro Alessia para o banco do passageiro do carro. — Não corra. Não abra essa porta, porra. Não teste meu temperamento.

Parece que ela voltou a ser minha prisioneira.

Não vou fingir que não vou adorar deixá-la nua e amarrá-la. Não vou fingir que não vou adorar tê-la à minha mercê.

Mas este é um grande revés no que diz respeito ao nosso relacionamento.

E eu não posso acreditar que estou pensando nessa palavra. Não temos a porra de um relacionamento. Ela é minha prisioneira. Ela pode ser minha esposa, mas não foi por escolha. Eu sei disso. Preciso parar de fingir qualquer coisa diferente.

— Você tinha sua insulina com você? — Eu exijo. Eu já sei a resposta. Ela tem merda sobre ela, e é isso que realmente me chateia.

E se a polícia não estivesse passando? E se ela estivesse aqui fora por horas? Eu já vi como ela fica sem fôlego quando caminha. Ela não tem comida com ela, nem insulina. Ela poderia ter morrido, porra.

— Não. — ela admite com um resmungo. Seus braços estão cruzados sobre o peito e ela está agindo mal-humorada, mas eu vi suas mãos tremerem quando ela saiu do carro da polícia. Ela tem medo de mim.

Eu rasgo de volta para o meu lugar. — Não se mova. — eu rosno quando o carro para. Eu saio e espreito por aí. Abro a porta e puxo-a para fora. Coloco-a sobre meu ombro novamente.

Problemas de controle.

Sim, eu os tenho.

Processe-me.

Estar no controle de Alessia me intoxica. Tentei fazer as coisas da maneira certa. Dê-lhe espaço. Deixei ela se adaptar.

Agora ela precisa de uma mão forte.

Parece que me lembro que ela gosta disso, então não preciso

me sentir mal.

Eu a carrego para o meu quarto e a coloco de pé. Os gatinhos saem da cesta miando, mas nós dois os ignoramos. Segurando seu olhar, desabotoei meu cinto e o puxei das presilhas.

Seus olhos se arregalam e ela tropeça para trás, sem fôlego.

— Tire a roupa. — Meu comando é curto e duro.

Ela deve estar genuinamente com medo, porque vejo o desafio se esvaindo. Ela puxa a camiseta pela cabeça e a joga no chão. Tira os tênis em seguida. Então o jeans desce.

— Tudo isso. — eu ordeno quando ela para.

Com os lábios apertados, ela abre o sutiã e o deixa cair no chão. Eu não espero pela calcinha. Eu decido que quero tirá-la disso eu mesmo. Estendo a mão para ela e ela se encolhe, mas eu pego seu pulso e arrasto seu corpo até o meu.

— Mãos juntas. — murmuro, como se isso fosse amor, não guerra.

Talvez seja.

Seus seios nus roçam minhas costelas. Ela está ofegante, olhos arregalados.

Não estreitou. O medo faz com que as pupilas se estreitem. A excitação faz com que eles se dilatem.

Meu pau, já inchado na calça jeans, fica mais gordinho. Eu puxo seus pulsos para cima, meu toque suave agora. Sem desviar o olhar de seus adoráveis e assustados olhos de corça, jogo uma ponta do meu cinto sobre a viga do teto e puxo a ponta da alça pela fivela para que fique bem presa.

Eu levanto seus pulsos soltos até o final do cinto. — Você segura esta alça. Você solta, eu tiro a cinta e uso na sua bunda. Entendeu?

— Vlad. — Há uma qualidade suplicante em sua voz que eu adoro.

Eu coloquei uma junta sob seu queixo. — Você entendeu?

— Tudo bem. Sim. Eu entendo. — Ela estende a mão para segurar a ponta do cinto. Ele levanta e separa os seios da maneira mais sedutora.

Eu engancho meus polegares em sua calcinha e tomo meu tempo puxando-a lentamente para baixo enquanto me agacho na frente dela. Ela sai deles e eu bato em suas pernas abertas. — Espalhe-as, *printsessa*.

Ela os alarga a trinta centímetros de distância. Eu bato mais alto, pegando sua coxa interna. — Mais amplo.

Sua barriga estremece quando ela os abre ainda mais.

Esfrego dois dedos entre suas pernas, satisfeito por encontrá-la molhada. — Você está animada com sua punição.

Ela faz um barulho discordante, mas na verdade não fala.

Dou um tapa de leve em seu clitóris e ela choraminga baixinho, juntando as pernas.

— Abra-as. — Eu coloco uma insatisfação tão aguda em meu tom que ela responde instintivamente, abrindo imediatamente as pernas.

Eu venho para ficar de pé, arrastando meus dedos até a parte interna de sua coxa enquanto faço isso, então espalmando sua bunda em um aperto áspero. Ando por trás dela e agarro seus quadris. — Empurre essa bunda para fora. Seu arco de volta. Se você mantiver sua posição como uma boa menina, usarei apenas minha mão.

Desta vez, o miado é inconfundível.

E adorável.

Eu bato em um lado de sua bunda, com força.

Ela estremece.

Eu bato no outro lado.

— Não há como fugir, Alessia. — eu digo a ela, segurando seu quadril com uma mão e aplicando minha mão com mais propósito.

Ela engasga e se encolhe sob as palmadas, mas fica parada. Eu ruborizo a metade inferior de sua bunda, apreciando a beleza de suas nádegas sob a palma da minha mão. O som dos meus tapas no quarto silencioso. A picada satisfatória na minha própria pele.

— Você é minha esposa. Você vai ficar comigo até eu me cansar de você.

Ela faz aquele som discordante em sua garganta novamente.

Eu paro de bater e estendo a mão para segurar seu traseiro,

usando meu aperto para puxar sua bunda de volta contra o meu colo. Com a outra mão prendo sua garganta. — Tomei você como tributo pelas vidas tiradas de mim. — eu a lembro. — Eu não tirei a vida do seu irmão. Não vou tirar sua vida. Você me dará este tempo como me é devido.

Ela fica imóvel, embora seu pulso esteja frenético sob meu polegar. Sua boceta está encharcada também. Ela trabalha para engolir. Eu acaricio ao longo de sua boceta encharcada. Eu movo minha mão de sua garganta até seu seio, que eu aperto com força.

— Então seja uma boa menina. Tome sua surra. — Eu dou um tapa na boceta dela. Punho minha mão em seu cabelo e puxo sua cabeça para trás sobre meu ombro. Outra palmada na boceta.

Ela geme.

— Eu sei que você gosta de ter sua boceta espancada. — Outro tapa.

Eu dou um passo para trás e começo outra rodada em sua bunda, batendo o rosa em suas nádegas até que ela esteja dançando na ponta dos pés.

Então eu a recompenso com mais carícias. — Você está fazendo um ótimo trabalho ficando no lugar, *printsessa*. — murmuro, meus lábios em seu ouvido. — Um trabalho muito bom. — Meus dedos médio e indicador deslizam para cima e para baixo em sua carne inchada, parando para circular seu clitóris. — Quando você estiver pronta para eu lhe dar satisfação, é só pedir.

Ela vira o rosto. Há um rubor em suas bochechas, descendo pelo pescoço.

— Eu não vou fazer você implorar. Não vou nem fazer você se desculpar. Vou colocar minha boca entre suas pernas e te lamber até você gritar. E então eu vou te mostrar o que posso fazer com meu pau. Tudo o que você precisa fazer é dizer *da*. — O tempo todo em que faço essa promessa, eu circulo seu clitóris com a ponta do meu dedo médio.

Quando ela não responde imediatamente, eu removo meu toque.

— *Da*. — ela responde rapidamente.

Não sou um homem religioso, mas estou disposto a louvar Jesus, Maomé e todas as outras figuras conhecidas. Eu preciso estar dentro desta mulher com um desespero arrebatador.

Eu estendo a mão e envolvo uma mão em torno de seus pulsos.
— Você pode deixar ir. — murmuro em seu ouvido.

Suas mãos deslizam para baixo no cinto enquanto ela solta seu aperto forte. Eu a pego em meus braços e a jogo na cama.

— Abra as pernas. — eu digo, voz grossa. Mal posso esperar para festejar entre elas. Eu deslizo minhas mãos sob suas nádegas aquecidas e aperto enquanto lambo dentro dela.

Ela está pegando fogo, tão sensível que quase cai da cama toda vez que minha língua faz contato. Eu tenho que segurar sua pélvis para baixo, prendê-la no lugar para dar a ela o prazer que ela merece. Eu giro minha língua para cima e ao redor de seu clitóris, sacudindo-o com a ponta. Penetro-a com um dedo.

Eu a faço gozar em menos de sessenta segundos. Vou para um segundo turno.

Só então confio em mim mesmo para desabotoar minha calça jeans e liberar minha ereção. Seu olhar permanece em meu pau, ela observa, as bochechas coradas enquanto eu deslizo meu punho ao longo do meu comprimento latejante.

Eu fico de joelhos e me elevo sobre ela, levantando meu pau.

— Você tem camisinha? — Sua voz quase soa tímida.

Certo. Preservativo. Ela não pode engravidar por algum motivo.

— Da. — Eu me afasto da cama, tirando minha camisa sobre a cabeça enquanto ando. Pego uma camisinha na cômoda, depois tiro minha calça jeans e a cueca boxer.

E então não consigo mais me conter. Foram muitas noites de tortura. Meu pau dói tanto. Eu preciso estar nela com uma vingança que não posso negar. Sou mais animal do que homem quando volto para a cama. Eu agarro seus quadris e a viro de bruços, então puxo seus quadris para cima até que ela fique de joelhos. Quando ela tenta vir para as mãos também. Eu forço seu peito de volta para baixo.

— Eu quero essa bunda para cima. — digo a ela, colocando

meu polegar entre sua boceta.

Ela solta um guincho de protesto, mas soa mais devasso do que qualquer coisa.

Eu bato na bunda dela. — Se você sair de casa sem insulina de novo, vou foder essa bunda crua.

É uma ameaça vulgar, mas meu cérebro parou de funcionar no minuto em que ela disse sim. Os únicos pensamentos passando pela minha cabeça agora são *Foda ela agora. Foda-a com força. Foda... ela.*

Sim, estou morrendo por ela.

Eu esfrego a cabeça do meu pau sobre sua entrada e empurro.

*Blyat*⁴, ela é apertada. Mal consigo enfiar a cabeça, embora ela esteja mais molhada que um oceano.

Empurro com mais força e ela choraminga, ofegante.

Eu não sentia uma garota tão apertada desde...

Oh merda.

Eu agarro seu cabelo comprido e brilhante e o coloco sobre o ombro para ver seu rosto. — Alessia. — Minha voz é puro cascalho. — Você não é virgem? — Não consigo impedir que o alarme toque através do meu forte sotaque.

— Não. — ela respira e eu relaxo. Mas então ela diz: — Eu já fiz sexo antes.

Eu paro novamente. — Quantas vezes?

— Duas.

Quero rir.

E chorar.

Eu acaricio minha mão no arco oco de suas costas, chego ao redor e brinco com seus mamilos. Aproxime-se um pouco mais. O suor se acumula na linha do meu cabelo pela pressão de me conter.

— OK, baby? — Eu pergunto.

— Sim. É bom, Vlad. Continue.

Eu agarro seus quadris e empurro profundamente de uma vez.

Ela não grita. Seu gemido parece feliz.

Obrigado porra.

Dedos cavando em sua carne, eu deixo minha paixão solta, bombeando nela. Já estou tonto, minhas bolas tão apertadas, pau tão

duro. Eu bato em sua bunda com meus lombos com força. Mais difícil. Gosto do som de tapa que faz, como outra surra.

Ela deve gostar também, porque ela geme e engasga na colcha, os dedos arranhando o tecido.

Seguro sua nuca, coloco minha mão em seu cabelo. Eu massajeio a parte de trás de seu couro cabeludo do jeito que ela gosta, o tempo todo fodendo com ela tão forte que a cama balança.

— Oh Deus. — ela geme. — É tão bom.

Satisfeito por não a estar machucando, solto ainda mais, puxando sua bunda para trás para encontrar cada uma das minhas estocadas brutais. Sua boceta é mais apertada do que uma luva em volta do meu pau rígido, e eu nunca senti uma satisfação tão gloriosa antes.

— Alessia. — eu me vejo ofegante. É como uma invocação. Estou tendo mais do que uma experiência espiritual. Meu mundo está se abrindo. — Alessia.

— Vlad, por favor. Sim. Oh Deus.

Sou muito rude, mas não consigo evitar. Eu bato nela até que ela grite meu nome. Até que eu esqueça quem eu sou.

O que eu sou.

Até que as luzes explodam atrás dos meus olhos e eu goze como a porra de um trem de carga.

Eu implorei totalmente.

Não estou nem envergonhada porque foi tão bom que valeu a pena. Na verdade, eu não tinha ideia de que sexo poderia ser tão incrível. Eu vou me tornar uma viciada. Não poderei deixar a Rússia porque meu corpo vai querer ficar escravizado por Vlad.

Estou tão ferrada. Ha. Literalmente.

Especialmente quando de repente ele se torna infinitamente gentil.

Seu pau ainda lateja entre minhas pernas. Nós dois gozamos. Nós dois vimos. Acho que Vlad me conquistou, mas fiquei feliz em me tornar sua conquista. Mas agora ele me acomoda na minha barriga, me seguindo e cobrindo meu corpo com o dele. Ele acaricia meu cabelo para trás do meu rosto e coloca beijos ao longo da minha mandíbula, meu ombro. Minhas costas. O tempo todo, ele continua balançando aquele grande pau russo dele entre as minhas pernas. Preguiçoso. Ele é o oceano e eu sou o barco. E ele é definitivamente um passeio que eu não quero sair.

Eu gemo baixinho.

— Você está bem, Alessia? Eu machuquei você? — Ele murmura, os lábios ainda se arrastando pela minha pele. — Me desculpe, eu fui tão rude.

Cristo, esse homem vai me matar aqui mesmo. A ternura depois das alturas a que ele acabou de me levar é demais.

— Mmm. — é tudo que posso dar como resposta.

— Role. — Ele puxa para fora e puxa meu ombro e me rola de costas. — Eu quero olhar para você.

Ele estuda meu rosto. Também não me importo de olhar para ele. As tatuagens grosseiras. Os músculos. A masculinidade absoluta. Aquele olhar azul gelo. Especialmente o jeito que ele está olhando para mim agora. Como se eu fosse a mulher mais bonita do planeta.

Seu pau cutuca minha entrada novamente, eu suspiro quando ele me espeta. Ele está apenas meio duro agora, mas ainda é tão bom. Enquanto ele balança, ele abaixa o rosto lentamente para o meu.

Hesita, pairando logo acima de mim.

E então sua boca desce. Ele reivindica meus lábios e empurra bruscamente.

Eu gemo contra seus lábios. Movendo o meu em conjunto com o dele. É bizarro que nosso primeiro beijo seja o último. Depois de tudo - surra. Oral. Porra. Tudo menos anal, na verdade.

Bem, tudo o que sei, o que provavelmente não é muito, como ele acabou de me mostrar.

O beijo continua. Seus lábios devoram. Dentes arranham minha carne, a língua mergulha e se entrelaça com a minha.

Seu pau endurece novamente dentro de mim.

E então, abruptamente, ele termina. Sobe para respirar e olha para mim. Acaricia minha bochecha com o polegar.

Eu me inclino em seu toque.

— Não se mova. — ele murmura depois de um longo momento.

Ele lamentavelmente puxa para fora e caminha para o banheiro. Ele volta sem a camisinha, carregando uma toalha molhada e meu kit médico. Ele sobe em cima de mim e limpa entre minhas pernas enquanto deixa beijos em meus seios, em minha garganta. Entre meus seios.

Então ele verifica meu açúcar no sangue. Me dá uma injeção de insulina e beija o local onde injetou.

Com fome, eu rolo para fora da cama e pego sua camiseta para puxar sobre minha cabeça.

— Uh uh. — ele rosna da cama. — Sem roupas para você. Você perdeu privilégios.

Não posso levá-lo muito a sério. Posso ter ficado com medo quando ele me trouxe, mas depois da ternura que ele me mostrou, sei onde estou.

— Oh sim? — Eu ronrono. Volto para a cama e monto em sua cintura.

Ele agarra minha bunda e sobe meus quadris para moer sobre seu pau. Quando esfrego meus seios nus em seu rosto, ele geme. —

Você me tem exatamente onde você me quer, não é?

— Eu? — Eu pergunto inocentemente.

Ele pega meu queixo e traz meu rosto para baixo para outro beijo duro. — Eu provavelmente daria a você qualquer coisa que você pedisse agora.

— Me liberte.

Ele encosta a testa na minha. — Isso não.

— Deixe-me chamar meus irmãos.

Ele geme e revira os olhos, mas parece estar pensando.

Ele totalmente vai me deixar.

— *Nyet*5.

O quê? Sericamente? — Por que não? — Eu exijo.

— Porque isso vai te deixar triste. Quero fazer você feliz agora.

Droga. É difícil argumentar contra essa lógica, já que chorei na última vez que os vi na tela.

Esse cara é muito doce para um sequestrador.

— Eu tenho uma pequena surpresa para você. — ele oferece, apalpando meus seios e provocando o mamilo com o polegar.

Eu ilumino. — Você faz?

— *Da*.

Eu espero, mas ele continua brincando com meu mamilo. Finalmente ele suspira e me levanta de seu colo e me coloca de pé. — Eu não quero deixar você. — Ele desce da cama para ficar de pé.

— Então me leve com você. — eu ofereço alegremente.

Ele fecha os olhos e balança a cabeça como se isso lhe doesse. — Você está em restrição, *zaika*. — Ele embala a parte de trás do meu pescoço e me puxa para ele, deixando um beijo no topo da minha cabeça. — Eu volto já. Eu prometo. — Ele me solta e veste sua roupa, então me deixa no quarto.

Não ouço a chave girar na fechadura.

Eu vou e comprovo.

Ele deixou aberta. Ele confia em mim para obedecê-lo agora?

Ou ele simplesmente não estava disposto a trancar a porta depois do que acabamos de compartilhar?

De qualquer maneira, é bom para mim. Eu não vou testar isso

saindo.

Subo na cama e deito de costas, olhando para o teto. O cinto de Vlad ainda balança na viga, o que me faz sorrir. Meu corpo vibra com os orgasmos, membros relaxados e elásticos, pele sensível.

Esta é a minha vida agora. A esposa de Vlad, até que ele se canse de mim.

É estranho que eu não ache isso tão ruim? Essa parte de mim está feliz por ter a escolha removida, por estar presa com este homem bonito e perigoso a oito mil quilômetros de casa.

Vlad retorna logo, carregando uma tigela de iogurte com frutas e meu tablet, que deixei na sala.

— Essa é a sua surpresa?

— Não. Está chegando. Isso é para ajudá-la até o jantar. Eu sei que você está com fome.

Eu pego a tigela com gratidão. Estou com fome, na verdade. Morrendo de fome. — Como você sabe? — Eu olho para ele enquanto tomo uma colher.

Ele dá de ombros. — Eu conheço você.

Eu conheço você.

Palavras simples. Um sentimento simples. Ainda assim, me impressiona naquele momento como suas palavras são verdadeiras. Ele me conhece. Nem minha própria mãe conhece meus ritmos e necessidades tão bem quanto este homem.

Eu enfio outra mordida em minha boca. — Então o jantar está chegando?

— *Da.*

— E a surpresa.

— *Da.*

— O jantar é a surpresa? — Eu acho.

Seus lábios se contraem. — Talvez. — Ele abre meu tablet e desliza pela tela. Como de costume, seus dedos trabalham rapidamente. Alguns momentos depois, a música enche a sala. É Daft Punk - uma das músicas que pedi. Fiz a lista mais longa que consegui, com muitas músicas e bandas obscuras, só para irritá-lo.

— Minha playlist? — Eu acho. — Essa é a surpresa? Quando

você teve tempo de baixá-la?

Ele me observa, uma diversão afetuosa fazendo com que os planos normalmente ásperos de seu rosto pareçam suaves e jovens. — Eu tinha no meu computador. Acabei de transferi-la.

— Obrigada. — Pego o tablet e sento de pernas cruzadas na cama para rolar. Vlad encontrou todas as músicas que pedi. E carregou-as na ordem exata em que os anotei.

A satisfação flui através de mim. E algo mais. Algo perigoso... felicidade.

Trinta minutos depois que Vlad voltou, uma batida soa na porta. — Esse é o nosso jantar. — diz ele. — Vá esperar no banheiro.

— Você poderia apenas me deixar usar roupas. — eu protesto, pulando para fora da cama.

— *Nyet*. Nada de roupas para você. — Ele dá um tapa na minha bunda e eu corro para frente, saindo do seu caminho.

Espero no banheiro até que ele me chame de volta e então caio na gargalhada quando vejo o que está na bandeja.

Batatas fritas.

Feitas em casa, não do tipo congelada. Fresca de uma fritadeira.

— Essa é a minha surpresa?

Vlad acena com a cabeça. — Você disse que gosta de batatas fritas. Encomendei uma fritadeira e a Zoya preparou-as frescas para você.

Eu rio, de repente, estou chorando.

— Alessia? — Vlad cruza rapidamente até mim e segura meus ombros. — O que está errado? O que é?

— Nada. É que... isso é muito bom. Muito prestativo. E... — Eu não consigo parar a enxurrada de lágrimas inesperadas. — Eu não quero me apaixonar por você, Vlad.

Alarme pisca em seu rosto. Nós nos encaramos, ambos aparentemente apavorados com o que eu disse.

— Não... — ele resmunga, como se falar lhe doesse. — Não diga isso, ou eu nunca vou deixar você ir.

— Eu não vou dizer isso. — eu digo rapidamente, me

afastando.

Ele me pega, mas não me faz voltar. Apenas envolve seus braços em volta de mim por trás.

Mais algumas lágrimas caem. O vazio desce. Vazio, mas também entrega. Eu dei a ele minha vulnerabilidade. Ele me deu a dele.

Há uma paz que vem com isso. Ele não está me deixando ir. Mas ele está me segurando. Ele me pegou de uma forma que ninguém antes fez.

Há algo nisso, certo?

Eu arrasto uma respiração instável. Viro-me em seus braços e inclino minha cabeça contra seu peito forte. Seu batimento cardíaco soa contra o meu ouvido.

Eu o amo.

É ilógico e estúpido, mas acho que você não pode dizer nada ao coração.

— Vamos. — diz ele, dando um passo para trás, mas ainda me segurando com um braço. — Experimente as batatas fritas da Zoya ou ela vai ficar com raiva de mim por todo o trabalho.

Solto uma risada aguada. — Você está brincando? Vou comer cada uma dessas batatas fritas. Bem, talvez eu guarde um pouco para Mika.

— Garanto que Zoya fez as dele. — Eu ouço um sorriso na voz de Vlad, levanto minha cabeça para vê-lo.

— Zoya gosta de Mika, certo?

— *Da.*

— Eu posso dizer. Isso é tão fofo, considerando como ela parece uma velha excêntrica o resto do tempo.

Vlad ri. — Ela é uma velha rabugenta. Mas ela cuida bem de nós.

De pé sobre a bandeja, pego uma batata frita e mergulho no ketchup, que também parece feito em casa. Tem um gosto diferente, mas não é ruim. — Mmm. Ela cuida bem de nós.

Vlad dá um tapa na minha bunda de leve. — Vá para a cama. Vou alimentá-la.

Reviro os olhos, mesmo quando obedeço. — Minhas mãos não estão atadas, amigo.

Ele balança as sobrancelhas. — Eu posso remediar essa situação.

— Quanto tempo você vai me manter trancada aqui? — Alessia monta em mim na cama na manhã seguinte e meu cérebro embaralha.

Eu agarro seus quadris e puxo sua boceta sobre meu pau grosso. Ela fica molhada imediatamente, moendo. Seus seios jovens roçam meu peito.

— Hum? — ela pede.

Oh o quê? Certo, havia uma pergunta.

— Até que eu acredite que você aprendeu sua lição. — Eu apalpo sua bunda, apertando a carne dura até meu pau ficar tão grosso que dói.

Alessia se recosta. — Não vou fugir de novo. — Seu tom é sério, a qualidade de provocação se foi. Tem o anel de uma promessa.

Eu puxo seus quadris sobre os meus novamente, mas ela agarra meus pulsos para me impedir.

— Eu quero dizer isso, Vlad. Você tem minha palavra. Não sei se isso significa alguma coisa na *bratva*, mas na minha família, sim.

Não estou inclinado a acreditar na promessa de uma mulher, seja ela italiana ou russa, mas não digo isso.

— Por que eu acreditaria em você, *zaika*?

— Eu ouvi o que você disse ontem. Você poderia ter tirado uma vida por uma vida. Os meus irmãos. Mas você não. Você está apenas tirando esse tempo de mim. Estou disposta a honrar essa troca.

Ah, Alessia. Sempre dando. Sempre doce.

Estendo a mão e agarro sua nuca, puxo seu rosto para o meu e a beijo com força. — Uma condição. — Eu rolo nossos corpos, então estou por cima agora.

— O que é isso? — Suas bochechas brilham com cor, os olhos são brilhantes.

— Você é minha nesta cama agora. Chega de me recusar. Eu quero você, eu te levo. Entendeu?

— Mas eu não tenho que implorar?

Eu ri. É surreal como essa mulher consegue me fazer rir. —

Você vai implorar, *zaika*. — eu provoco. — Mas você não precisa. — Desci para pegar uma camisinha. — Não se mova.

Ela fica.

Eu agarro seus quadris e a puxo para o centro da cama. — Você é uma mulher perfeita, sabia disso?

— Eu sou? — A alegria brilha em seu rosto. Ela é tão expressiva. Tão amável.

— *Da*. Linda. — Eu beijo a superfície plana de sua barriga. — Gentil. — Outro beijo. — Engraçada. — Eu abro suas pernas e passo minha língua sobre seu clitóris.

Ela grita e tenta fechar as pernas.

— Uh uh. Mantenha essas pernas abertas ou vou bater nessa sua linda bunda de novo.

A parte interna de suas coxas treme, mas ela as mantém abertas, arqueando e soltando sua pélvis enquanto eu traço o interior de seus lábios com minha língua. Eu a torturo até que seus gemidos se tornem agudos e desesperados, então eu mudo de posição e coloco uma camisinha.

— Minha. — eu rosno enquanto empurro dentro dela.

Ela não nega. Na verdade, ela envolve aquelas longas pernas em volta das minhas costas e me puxa para dentro.

ALESSA

— Por que você está nervosa, Alessia? — Vlad está me observando de perto. Ele acabou de mostrar ao médico a porta da frente e agora está parado na porta. Ele trouxe o médico para me examinar e fazer meu exame de sangue.

O médico parecia nervoso por estar aqui, como se Vlad fosse algum tipo de dignitário ou algo assim. Eu acho que *bratva* é muito respeitada aqui. Ou talvez ache que sou uma prisioneira e tenha medo de que eu peça ajuda a ele.

É claro que ele não poderia saber a quão sexualmente satisfeita esse prisioneira está.

Eu cutuco uma unha. Minhas mãos estão úmidas e tenho um nó no plexo solar. Já se passaram oito meses desde o diagnóstico de insuficiência renal estágio 3, e consegui esconder isso das pessoas que me amam. É como, se ninguém sabe, não é real.

Mas talvez este médico não o encontre. Depende de quais testes ele faz no sangue. — O que ele está verificando? — Eu tento soar casual.

Devo falhar porque os olhos de Vlad se estreitam. — O que você sabe que ele vai encontrar?

Pega.

Desenho um círculo com o dedo do pé no tapete da sala. Mika está ouvindo de seu posto no sofá.

— Isso tem a ver com o motivo pelo qual você acha que não pode ter filhos?

Eu olho para cima bruscamente, me perguntando como ele descobriu isso.

Ele dá de ombros. — O médico disse que o diabetes não deveria evitar, é apenas mais arriscado.

Estou com frio e suada ao mesmo tempo.

— Apenas me diga, Alessia. — Há uma qualidade suplicante na voz de Vlad que eu nunca ouvi antes. Só então percebo que ele está um pouco pálido. — É câncer?

Mika larga o tablet para ouvir, com os olhos arregalados.

O câncer é o maior medo de todos. Essa palavra sozinha produz medo no menos emocional das pessoas.

— Insuficiência renal. — eu digo rapidamente, já que ele já está pior. Ou o que ele percebe como o pior.

Sua testa franze. — Porra. Um resultado do diabetes?

Eu concordo. — Estou no estágio três. O estágio quatro é quando você tem que fazer diálise.

— É por isso que você está com falta de ar?

— Sim.

Ele esfrega a testa. — Isso é... não é...

— Não é terminal, não. O próximo passo seria a diálise e encontrar um doador compatível para um transplante de rim. Mas ainda não cheguei lá.

Vlad aproveita isso. — Transplante de rim. *Da.* Você não precisa esperar pela diálise para isso. Vamos encontrar um para você agora.

— Não. — Eu balanço minha cabeça com veemência. — Eu não estou pronta para isso. Minha família... ainda nem contei a eles.

Vlad me considera por um momento, absorvendo isso. — Por que não?

— Eu simplesmente não estou... pronta.

— Você não quer lidar com isso. Não quer que seja real.

Alívio que ele entende varre através de mim. — Sim. Exatamente. — Eu tenho estado tão assustada com a coisa toda. Sobre lidar com as emoções da minha família em torno disso. Tendo que permanecer forte contra seus medos. Sua superproteção. E depois há a questão do transplante de rim. Entrando em uma lista de doadores. Procurando uma compatibilidade. E se não encontrarmos um? Toda a minha vida poderia ser consumida por esperanças frustradas e sonhos amargos.

Vlad vem até o sofá e senta ao meu lado, então me puxa para seu colo. — Você não está sozinha, *zaika*. Isso pode ser tratado. Eu cuido disso, ok? Encontraremos um compatível e faremos a cirurgia e sua vida melhorará. Você pode ter aqueles bebês que tanto deseja. Fazer caminhadas mais longas.

Meus olhos ardem. Eu envolvo minha mão em cima de uma das dele e aperto. — Eu não estou pronta. — eu sussurro.

Ele concorda. — Eu cuidarei disso. Você estará pronta quando for a hora. — ele promete.

Eu quero acreditar nele. Vlad é o tipo de homem que faz coisas impossíveis. Como sequestrar uma princesa da máfia e levá-la para a Rússia. Fazendo-a se apaixonar por ele.

E fico aliviada com sua resposta sem emoção - tão diferente de como minha família siciliana teria reagido. Ou pelo menos como eu projetei que eles reagiriam.

E talvez encontrar um doador seja mais fácil na Rússia do que nos Estados Unidos, Deus sabe, a corrupção aqui vai longe. Talvez Vlad possa oferecer muito dinheiro a um doador aqui. Ou puxar os pauzinhos para me colocar no topo de uma lista. Pode haver vantagens em estar neste país. Para ter Vlad do meu lado.

Eu me viro e me inclino para ele, colocando meu rosto em seu pescoço. Ele continua a me segurar, acariciando minhas costas e massageando meu couro cabeludo.

Sei que isso não é um conto de fadas. Vlad não é meu príncipe. Ele definitivamente não é um cavaleiro de armadura brilhante. Mas se ele acha que pode me consertar, talvez ele possa. Deixo um pouco do medo que está me atormentando desde o diagnóstico diminuir.

Vou deixar que ele me proteja dos medos dos quais tenho fugido por mais algum tempo...

VLAD

Esta é uma ideia terrível.

Alessia me lança um olhar especulativo enquanto dirigimos na parte de trás da limusine para a cidade. Mika está sentado à nossa frente, olhando pelas janelas.

— Você está me levando para fazer compras? — Ela está tentando adivinhar para onde a estou levando, e tenho sido cauteloso quanto a isso.

Principalmente porque estou pensando que é um grande erro.

Eu esfrego minha testa. — Se você quiser, sim. — Talvez eu devesse desistir do meu plano e apenas levá-la às compras. Nada deixa

uma mulher mais feliz do que gastar dinheiro com ela.

Embora Alessia possa ser diferente, já que ela vem de dinheiro. Posso fazer Mika feliz, então.

— Onde estamos indo? Por que você parece tenso?

A limusine para em frente a um prédio do governo da era comunista e para. Alessia espia pela janela e depois para mim.

— Eu acho que isso foi uma má ideia. — murmuro.

— O que é?

Mika lê o sinal. — Um orfanato.

Os olhos de Alessia se erguem. — O que estamos fazendo?

Esfrego a mão no rosto. — Não precisamos entrar.

— O que você estava pensando? — ela exige, colocando a mão no meu braço.

— Eu só pensei... — Eu suspiro. — Você pode gostar de segurar bebês. Balança-os. Eles precisam de voluntários. Mas não quero te deixar triste. Acho que foi uma má ideia.

Alessia abre a porta e sai. Eu pulo para segui-la. Por que parece que meu coração está na garganta?

— Eu definitivamente quero ser voluntária. — diz ela alegremente, como se eu a estivesse levando a um parque de diversões ou algo assim. O que teria sido uma ideia muito melhor. — Vamos. — Ela agarra minha mão e me puxa em direção à porta.

Mika sai da limusine e segue. — Por que você quer ser voluntária? — ele exige.

— Entre, vamos descobrir. — Ela abre a porta e olha por cima do ombro para Mika.

Ele está claramente desanimado com todo esse plano. Ainda tenho minhas dúvidas também, embora a reação dela seja positiva.

Ela pode ficar horrorizada com o que encontrar lá dentro. Se eu tomar os gatinhos como uma indicação, ela provavelmente vai exigir que eu adote todos eles. E tudo que eu realmente sei é que não quero vê-la chorar de novo.

Eu verifiquei com antecedência e pensei que o lugar parecia limpo e decente o suficiente para o que é, mas ela é americana. Ela pode achar as condições lá dentro de partir o coração. Mas espero que

possa se tornar um projeto com o qual ela se preocupa profundamente. Algo para mantê-la aqui. Algo para dar a ela um propósito.

Meu telefone toca e eu paro quando vejo que é Victor. Eu levanto um dedo para Alessia, que para e espera. É uma interação simples. Básico. Humano.

E, no entanto, estou momentaneamente impressionado com isso.

É como se ela fosse uma namorada ou esposa. Uma esposa de verdade. Não uma princesa da máfia sequestrada. Não é uma prisioneira.

Seu rosto é aberto, gentil. Ela está esperando pacientemente enquanto passo o polegar pela tela e respondo ao meu *pakhan*.

Victor tem perguntas e exigências, como sempre. Ouvir sua voz me dá nos nervos, mesmo que ele seja a coisa mais próxima que tenho de família agora que minha mãe está morta.

— Eu preciso de você aqui em Moscou, Vlad. Permanentemente.

— Estou sempre disponível para você. Atendo suas ligações, conversamos diariamente. Do que se trata? Você confia no meu trabalho?

— Você sabe que sim, é por isso que preciso de você.

Esta é uma divisão geracional. Ou talvez apenas um produto da paranoia como líder da irmandade. Ele gosta de ver o rosto das pessoas. Fareje as mentiras. Talvez eu devesse ensiná-lo a fazer uma videoconferência. — Eu cuidei de tudo sobre o que conversamos ontem.

— Você está muito envolvido com sua noiva refém para lidar com meus negócios. — ele acusa. — As mulheres sempre foram sua ruína, Vlad. Terei que limpar uma bagunça dessa também?

Eu me irrito. — Sabina foi um erro. Este é um negócio. — Eu atiro um olhar para Alessia, a mentira enviando bile na minha garganta.

Ainda bem que ela não fala russo.

Mika está carrancudo para mim embora. Carrancudo, na

verdade. Se ele fosse um adulto, eu diria que ele queria me dar um soco na garganta. Balanço a cabeça e aponto para o telefone, tentando dizer a ele que estou apenas contando histórias para Victor. O que o chefe precisa ouvir para me livrar.

Bratva está proibida de se casar, então já violei o código. O código punível com a morte.

— Sabina está sob minha proteção agora. — diz Victor.

Huh. OK. Bem, quem diabos se importa? Ela é uma viúva negra que persegue os homens para conseguir o que deseja.

— Ela torceu você em torno de seu dedo agora, hein? — Eu não deveria dizer isso. Não deveria ser desrespeitoso. Não estou chateado por ele ter uma nova mulher depois da morte da minha mãe. Ele teve várias mulheres o tempo todo. Minha mãe era uma em uma grande multidão de amantes. E eu nem deveria ter uma mãe de acordo com o código de conduta dos ladrões, mas como foi minha mãe quem me meteu com Victor, para começar, ele deixou a conexão passar, desde que eu a mantivesse escondida de todos os outros.

— Você vai ser respeitoso quando a vir. — ele rosna.

Como se ela merecesse meu respeito. A mulher me manipulou. Seduziu-me sem me dizer que pertencia a Zima. Então fingiu que estava grávida e me pediu para matar Zima para libertá-la. Quando recusei, ela confessou a Zima para que ele me matasse.

Mas considerando que Zima está morto e eu fui chamado de volta da América, meu palpite é que ela manipulou Victor para fazer seu trabalho sujo quando eu não o faria.

— Como quiser, *Pakhan*. — eu concordo, no entanto. Você não contraria Victor. Não por nada.

Ultimamente valorizo minha vida mais do que costumava.

— Você virá para Moscou. — ele diz e eu ouço o aço em sua voz. Eu o irritei. Agora eu vou pagar. — Você vai vir e trazer a menina para eu ver esse bichinho que você tem agora. E o órfão que você trouxe de Chicago. Então vamos discutir o seu futuro.

Blyat.

— Como quiser.

— Amanhã. — diz ele com firmeza.

— Estaremos lá amanhã. — Termino a ligação e fecho os olhos.

— O que é? — Alessia pergunta.

Quando eu não respondo, Mika responde. — Ele tem que ir a algum lugar.

— Nós temos que ir. — eu corrijo. Droga. Não quero trazer nenhum deles para perto de Victor. Eu não queria responsabilidade para Mika. Para começar, não. Mas agora que ele está sob minha proteção há alguns meses, a ideia de entregá-lo a outra pessoa me deixa desconfortável. E Victor vai querer jogá-lo nos escalões mais baixos da *bratva*. Ensiná-lo a roubar, matar e mentir. Assim como ele fez comigo. Agora eu gostaria de ter passado mais tempo ensinando Mika a hackear. Então eu poderia fazer Victor acreditar que ele é mais útil comigo.

— Esta noite voamos para Moscou.

Alessia se anima. Se é porque ela vê a viagem como uma oportunidade melhor de escapar de mim ou porque está cansada de ficar presa em minha propriedade, não sei dizer.

— Vamos. — eu digo laconicamente, levantando meu queixo em direção à porta. Tenho problemas maiores agora do que se minha esposa fica chateada com os órfãos russos.

Liguei antes, então peço para falar com a diretora, que se curva para nos atender. Ela nos conduz por um corredor úmido até uma grande sala cheia de vinte berços. E uma cadeira de balanço.

Uma cadeira de balanço vazia.

Os bebês estão chorando e o quarto cheira a urina. Dois trabalhadores incomodados carregam bebês de um banheiro de volta para seus berços.

A diretora aponta para um dos bebês recém-depositados no berço. — Este está limpo. — Ela pega o bebê chorando e o entrega - não sei dizer se é menino ou menina - para Alessia. Tirando uma garrafa do berço, a diretora também a entrega.

O olhar no rosto de Mika é de puro horror.

Alessia também parece chocada.

— Essa foi uma má ideia. — eu digo em voz alta. — Venha, vamos agora. — Meu sotaque é mais forte porque fiquei tenso.

— Não, espere! — Alessia está pulando para cima e para baixo fazendo sons de silêncio. — Eu quero ficar. Vocês podem ir. Volte para mim em algumas horas.

Como o inferno.

Eu dou a ela um olhar fedorento para mostrar a ela que não confio nela sozinha por um segundo, mas ela está olhando para o rosto do bebê falando em tons doces de bebê. O bebê se acalma e arrulha de volta.

— Quer um pouco de leite? — ela pergunta, recostando-se na cadeira de balanço e levando a mamadeira aos lábios do bebê. — Você está com fome, anjo?

É difícil acreditar que ela esteja pensando em fugir neste momento. Ela está totalmente envolvida naquele bebê.

Eu olho para o meu telefone. Tenho preparativos a fazer para nosso voo e hospedagem esta noite em Moscou. — Você fica. Certifique-se de que ela não tente sair. — digo a Mika em russo.

Ele franze o nariz, mas concorda com a cabeça. Esqueço que ele já esteve no fundo da *bratva*. Ele pode não ter matado ainda, mas certamente conhece a violência.

Eu aperto seu ombro.

De jeito nenhum vou deixar Victor levar a criança.

E morrerei antes de permitir que ele me separe de Alessia.

ALESSIA

Estou tentando não chorar porque sei que vai afligir Vlad.

O orfanato parte meu coração. Claro que sim. Esses bebês não recebem amor, atenção ou tempo suficiente fora de seus berços. Pelo menos eles parecem limpos e alimentados e relativamente saudáveis.

Os trabalhadores me olham com nervosismo, como se eu fosse um inspetor do governo aqui para distribuir deméritos, mas isso é compreensível. Sou uma americana, trazida por um membro *bratva* perigoso. Tenho certeza de que eles não sabem o que fazer com a coisa toda. Eu alimento o bebê em meus braços. Não quero derrubá-la, mas há outros bebês chorando que precisam de atenção, então estendo um cobertor no chão e coloco o bebê sobre ele.

Um dos trabalhadores aponta para ele e depois para o berço de

onde veio o bebê.

— Eu sei. — respondo em inglês, embora eles não entendam uma palavra. — Mas os bebês também precisam de um tempo fora dos berços. — Não que o piso de concreto seja uma delícia.

Pego outro bebê, encharcado de urina e fezes. Acho que eles não usam fraldas aqui. Eles apenas os deixam sujar as roupas e depois as trocam. Sigo os trabalhadores até o banheiro, onde eles tiram a roupa e lavam os bebês em pias gigantes. Eles não são cruéis. Eles murmuram e cantam para eles em russo enquanto trabalham. Mas há muitos bebês e poucos trabalhadores para todos.

É trágico.

Mas estou honrada de estar aqui vestindo este bebezinho. Bebês são incríveis. Tão inocente. Tão bonito. Tão presente.

Bebês não julgam. Eles não acreditam em limitações. Eu levanto o bebê no meu peito para aconchegá-lo. Ele cheira tão doce. Sua pele é tão macia.

E Vlad me trouxe aqui porque ele sabe que eu amo crianças. É tão atencioso e tocante.

É difícil acreditar que ele seja um homem capaz de assassinato e violência.

— Mika, o que você está fazendo? — Vlad saiu da sala, mas o garoto está me seguindo.

Ele olha para mim, cauteloso.

— Pegue este bebê e dê uma mamadeira para ele. Vá e sente-se na cadeira de balanço e alimente-o. — eu o instruo.

Mika parece que prefere lambe o vômito do chão.

— Vamos. Pegue-o. Veja se você consegue descobrir por que eu amo bebês.

Escondo meu sorriso ao ver a expressão duvidosa no rosto de Mika quando ele pega o bebê de mim e volta para a sala do berço.

O bebê chora um pouco, mas Mika descobre como fazer com que ele se alimente rapidamente. O sorriso triunfante que ele sorri para mim aquece meu peito.

Ajudo a limpar e alimentar os bebês e colocá-los para dormir, antes que eu perceba, descubro Vlad encostado na porta, observando.

Mika corre até ele assim que o vê.

— Já se passaram duas horas?

Ele concorda. — *Da. Vem, zika.* Você provavelmente está com fome.

Lá vai ele de novo.

Eu me aproximo e dou um beijo na bochecha dele. — *Spasibo*⁶. — agradeço a ele em russo. — Esta é a coisa mais estranha e doce que alguém já fez por mim.

Ele agarra a parte de trás da minha cabeça e me beija nos lábios.

Mika passa por nós, obviamente envergonhado pela demonstração de afeto.

— Não me peça para adotar todos eles. — Vlad diz rispidamente.

— Podemos fazer algo por eles? — Eu tenho que perguntar. — Dar dinheiro para contratar outro trabalhador? Comprar suprimentos para eles?

— Nós? — Sua expressão é ilegível.

Eu ruborizo. — Quero dizer *você*.

— Eu gosto de nós. — Ele parece sério. Como se tivesse acabado de perceber que ele e eu poderíamos ser um *nós*. O que faz sentido, já que este é um casamento falso.

Minhas bochechas ainda estão quentes. — Podemos, então?

Ele inclina a cabeça. — O que você quiser, *printsessa*. É seu.

Não é verdade, tenho que me lembrar. Se fosse verdade, ele me deixaria ligar para meus irmãos. Me libertaria.

Mas não consigo parar a onda de bons sentimentos fluindo do meu coração.

A sensação de que, embora a vida seja uma droga e haja muita tristeza no mundo, não estou sozinha nisso. Há alguém disposto a ficar ao meu lado.

VLAD

Estar em Moscou me lembra muito da minha vida anterior lá. A vida que eu nunca quis viver. Todo o terror e a raiva da minha juventude, de minha mãe me entregando a Victor e sua *bratva*, quase me afogam toda vez que estou nesta cidade. Tudo que eu odeio em mim também está aqui. Foi aqui que matei pela primeira vez. Onde presenciei assassinatos e espancamentos e aprendi a roubar.

Onde decidi que se não queria ficar no fundo da hierarquia vendendo drogas e prostituição, precisava de uma habilidade que poucos tinham. Então eu aprendi a hackear. Como lavar dinheiro. Como me tornar infinitamente útil para Victor e os outros *pakhans* da Rússia.

Gostei da fantasia de minha propriedade em Volgograd - aquela em que nunca morei até agora. Até Alessia e Mika. Eu gostava de fingir que poderia ser outra coisa. Um marido. Pai, até, ou pelo menos um guardião decente para Mika.

Mas agora, de volta a Moscou, tudo me lembra a escuridão do meu passado.

De quem eu realmente sou.

E eu não quero Alessia e Mika perto dessa merda. Não quero trazê-los para a casa de Victor. Não quero manchá-los com o que sou e fiz. Ou expô-los ao mal que Victor representa.

Victor, o homem mais próximo que tenho de um pai.

Um homem que eu odeio e ainda amo de uma forma distorcida.

Eu me hospedo em uma bela suíte de hotel no centro da cidade, não muito longe do apartamento de Victor.

Mika liga a televisão.

Alessia corre para abrir as cortinas e olhar para a cidade. — Quero conhecer a cidade. — diz ela. Sempre com suas exigências. É um jogo agora. Ela não espera que eu diga sim, ela está apenas me cutucando. A roda rangendo, fazendo-se ouvir. Lembrando-me o quanto ela se irrita com a minha autoridade.

Gosto de dizer não tanto quanto gosto de dizer sim, porque ela

nunca fica chateada. Ela empurra, mas ela não é uma pirralha. E eu gosto de dizer sim porque ela está sempre encantada - ela não espera isso.

Eu simplesmente gosto de ser sua autoridade. Ela traz à tona um lado diferente de mim. Um que eu não sabia que existia. Onde eu me senti manchado e cruel na maior parte da minha vida, com ela eu sou benevolente. Sim, seu ditador benevolente. É um papel que eu gosto bastante.

— Talvez amanhã. — digo a ela. Estou muito nervoso para querer deixá-la sair da suíte. Preciso dela bem aqui, onde posso mantê-la segura.

— Eu posso sair? — Mika pergunta em russo.

Isso mesmo. Ele também é de Moscou. Eu estreito meus olhos para ele. — Onde? — Eu pergunto em inglês. Não para seu benefício, mas para o de Alessia.

Ele dá de ombros. Ele é a indiferença perfeita. É difícil saber o que se passa na cabeça dele. Eu considero. Ele pode ter família aqui. Avós, tias, tios. Talvez amigos.

— Quem você vai ver?

Mais uma vez, o encolher de ombros.

— Mika... — Eu ando até ele. Ele se encolhe. O menino foi espancado muitas vezes. — Diga-me a verdade. Você está fugindo?

Sua surpresa é genuína. — *Nyet*.

— Você tem família aqui que deseja ver? — O código de conduta dos ladrões exige que *bratva* abandone toda a família. Talvez Aleksy tenha perfurado isso com ele depois que sua mãe foi embora. Ele pode ter medo de me contar.

Há um lampejo de algo em seu rosto que me diz que descobri a verdade.

Enfio a mão no bolso e tiro um maço de rublos. — Você conhece Moscou? — Eu pergunto.

Alessia se aproxima, com as mãos nos quadris. Ela não gosta disso.

Os olhos de Mika caem para o dinheiro enquanto ele acena com a cabeça.

— Sabe onde estamos agora? Como chegar onde você está indo?

Mais uma vez, ele acena gravemente.

— Mika, onde você está indo? — exige Alessia.

Novamente com o encolher de ombros.

— Você tem seu telefone? Você sabe como me ligar?

Ele concorda.

— Eu não gosto disso. — diz Alessia — Ele tem apenas doze anos. Você vai deixar um garoto perambular por esta cidade sozinho à noite?

Mika se mexe, franzindo as sobrancelhas.

Eu o considero. O garoto morava sozinho em uma cidade estrangeira. Ele provavelmente vagava por essas ruas desde o tempo em que deveria estar na escola.

Entregue-lhe o dinheiro. — Eu quero você de volta às dez. Me ligue se algo der errado. Entendeu?

Mika balança a cabeça.

— Mas para onde ele está indo? Não deveríamos levá-lo lá? Eu não gosto disso.

— Estou voltando. — Mika garante a ela. Então nos atordoa envolvendo seus braços em volta dela para um abraço rápido e desajeitado. Nós o encaramos enquanto ele foge, de cabeça baixa.

— O que você acha que ele está fazendo? — exige Alessia.

— Acho que ele está vendo a família ou voltando para onde morava. O código *Bratva* exige que todos os membros limpem os laços com a família, então acho que é por isso que ele não me contou.

Alessia bate nos lábios com um dedo. — Mas você teve um relacionamento com sua mãe.

— Sim. — eu concordo — Minha mãe era amante de Victor, meu líder. Ela me entregou a sua *bratva* quando eu tinha a idade de Mika. Mas como ela era sua amante favorita, às vezes eu tinha permissão para vê-la em segredo. E recebi um tratamento especial. Victor me mandou para a América em vez de permitir que um de seus homens me matasse.

— Por que ele quis matar você? O que você fez?

Eu faço uma careta. — Fui enganado por uma mulher. É uma história estúpida. — Uma que eu definitivamente não quero contar para Alessia. — Venha... — eu a chamo — Deixe-me verificar seu açúcar no sangue.

Eu dou a ela uma chance e peço comida para nós no serviço de quarto. O suficiente para Mika quando ele voltar, caso esteja com fome.

Quando alguém bate na porta, imagino que seja o serviço de quarto.

Não imaginava que Sabina teria coragem de bater na minha porta.

Ela está na abertura com um vestido azul de grife e salto agulha, cheirando a perfume e engano.

— Vlad. — Ela joga seus longos cabelos loiros por cima do ombro e tenta entrar no quarto do hotel.

Eu bloqueio sua entrada.

Ela olha nervosamente por cima do ombro. — Você realmente vai me deixar parada no corredor onde alguém possa me ver? E se Victor descobrisse?

Uma raiva sombria me preenche. Ela está realmente jogando esse jogo comigo de novo? Agora ela quer que Victor me mate?

Ou eu para matar Victor?

Não vai acontecer. Eu não vou me envolver.

— Saia daqui antes que eu mesmo ligue para ele. — eu rosno.

Sinto Alessia atrás de mim. Ela deve ter ouvido o tom da minha voz. A necessidade de protegê-la dessa merda é tão forte que pego o braço de Sabina e a empurro para fora da minha porta para bater a porta na cara dela, mas ela pula para trás na porta.

— Você sabe por que estou aqui. Você leu minhas cartas? Por que você não me ajudou?

— Claro que não li suas cartas. E por que eu ajudaria uma mulher que de propósito colocou uma sentença de morte na minha cabeça? Não sei o que você quer, mas não vai encontrar aqui. Agora saia.

Sabina avista Alessia e seus olhos se arregalam. — Sua noiva

americana sabe sobre nosso filho, Vlad? — ela diz em inglês com forte sotaque. Eu não tinha ideia de que a cadela falava inglês.

Eu fico quente e frio.

— Que criança? — Eu rosno em russo. — Aquela que você inventou para me convencer a matar Zima?

A cadela produz lágrimas de verdade. — Eu não a inventei. E tive que colocá-la em um orfanato para salvar sua vida dele. Por que você não acredita em mim?

— Saia. — Ela deve ver o assassinato em meu rosto, porque ela cambaleia para trás, para o corredor e eu bato a porta.

Eu fico olhando para ela por um momento, um zumbido em meus ouvidos.

Meu filho em um orfanato? Isso pode ser verdade?

Não.

Definitivamente não é verdade. Essa mulher é uma mentirosa. Um manipulador do mais alto grau. Ela está jogando um novo jogo agora e certamente envolve Victor.

E a última coisa que preciso agora é me envolver com uma mulher que Victor reivindicou. Estou fazendo o possível para tirar Alessia de sua mira.

— Quem era essa? — Alessia exige atrás de mim. Sua voz é fria.

Blyat.

Mulheres.

ALESSIA

O que, no inferno está acontecendo?

Uma loira de pernas longas aparece em nosso quarto de hotel e Vlad de repente é um homem diferente. Nervoso. Enfurecido, mesmo.

Claramente ela é a ex dele.

Claramente ela ainda significa algo para ele ou ele não estaria tão irritado.

Ele se vira lentamente e fecha os olhos. — Essa foi a mulher que quase me matou. Ela é uma vadia conivente, só isso.

— Obviamente ela significa algo para você ou você não estaria tão chateado. — Não estou me sentindo tão calma e me recompus.

Estou trêmula e com frio. Minhas mãos estão úmidas. Meu estômago está em nós.

— *Nyet!* — ele explode, provando meu ponto. — Ela não significa nada. Se ela fosse um homem, eu a mataria por causa de sua trapaça.

Ele suga uma respiração profunda, como se estivesse tentando controlar seu temperamento.

— É verdade o que ela disse? Você tem um filho com ela? — A mulher disse tudo isso em inglês, obviamente para eu ouvir.

Não sei por que isso me machuca tanto, mas dói. Corta direto ao núcleo. Acho que é porque não posso ter filhos. E talvez esta tarde eu conjurei alguma fantasia estúpida sobre Vlad e eu adotando uma criança daquele orfanato.

Vlad aperta sua mandíbula. — Não. Ela diria qualquer coisa. Não acredito nas mentiras dela.

Meu estômago revira ainda mais. Algo sobre isso parece estranho. — Mas você não tem certeza? Você não acha que deveria descobrir? Fazer um teste de paternidade ou algo assim?

Vlad pisca para mim. Sua expressão em branco habitual está voltando. — Eu nem acredito que exista uma criança. — diz ele. — Você viu um bebê? — ele acena com a mão impacientemente em direção à porta, mas suas sobrancelhas estão abaixadas, como se ele estivesse pensando.

Como se ele não tivesse considerado antes que isso poderia ser verdade.

Mas então uma batida soa na porta e Vlad atende ao serviço de quarto. Ele fica em silêncio enquanto comemos.

— Ela era sua namorada? — Não consigo parar de tirar a sarna.

— Não namorada. — ele corta — Apenas sexo. Tempo muito curto. Eu não sabia que ela pertencia a um membro da irmandade. Nós fodemos o fim de semana todo. Então eu não a vi por dois meses. Eu não me importava. Foi sexo, nada mais. Aí ela apareceu e disse que estava grávida e que Zima ia matar ela e o bebê quando descobrisse que era meu.

Larguei o garfo, horrorizada.

Vlad continua. — Eu disse, *como você sabe que é meu?* Ela jurou que sabia, mas eu não acreditei nela. Ela estava brincando comigo. Me pediu para matar Zima. Acho que talvez ele tenha sido cruel com ela, não sei. Eu recusei. Eu dei dinheiro a ela, disse para ela fugir se não estivesse feliz com ele, mas não queria nada com ela.

Sento-me olhando para ele, profundamente perturbada. Definitivamente, estou vendo dois lados dessa história. Sim, parece que essa mulher tentou usá-lo para fugir de uma situação ruim. E se ela pediu para ele matar Zima, ela é tudo o que ele diz sobre ela. Mas também acho que Vlad tinha uma responsabilidade se fosse pai de um filho. E talvez ele esteja certo. Talvez isso fosse uma mentira.

Ele provavelmente sabe melhor.

Mas meus amigos da faculdade tinham uma regra. Preste atenção em como um cara fala da ex dele, porque é assim que ele vai falar de você quando acabar. E a raiva que Vlad está mostrando me perturba. Ele fez comentários antes sobre as mulheres serem coniventes e manipuladoras.

Não quero ser incluída nesse grupo no dia em que ele decidir que sou igual a elas.

— Você não acredita em mim. — ele diz categoricamente, então balança a cabeça e murmura algo em russo, levantando-se da mesinha onde estamos comendo.

— Qual era essa palavra? — Eu pergunto bruscamente.

— Mulheres. — ele rosna.

Aí está.

OK. Ele está chateado. Eu não vou mais me envolver. Trarei no assunto quando ele estiver de bom humor.

Entro no banheiro, fecho a porta e ligo a banheira. Eu levo meu tempo de imersão, dando-lhe espaço. Levando o meu.

VLAD

Mika chega as nove, parecendo chateado.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça, uma pequena carranca enterrada entre as sobrancelhas.

— Coma um pouco de comida. — eu digo a ele.

Ele vai até a mesa e descobre os pratos, mexendo neles, ainda de pé.

Eu dou a ele alguns minutos, então eu vou até lá. — Senta. — Puxo uma das cadeiras e me jogo na outra.

Mika se senta. Eu posso ler miséria em cima dele. Mas fazê-lo falar é outra coisa.

— Também cresci nas ruas de Moscou. — respondo. — Minha mãe me entregou à *bratva*, como a sua.

Ele levanta os olhos, cauteloso, mas ouvindo.

— Eu ainda a odeio por isso.

Alessia olha do sofá onde ela estava lendo um dos romances que ela insistiu que eu baixasse para ela.

Mika abaixa a cabeça, o queixo balançando.

Eu não toco nele. Não quero parar o que vai sair. Será melhor para ele falar do que segurá-lo.

— Sua mãe está morta. — comenta Mika. Há uma oscilação em sua voz. Ele se lembra disso porque estávamos na mesma casa em Chicago quando ela morreu.

— Sim.

— Eu gostaria que a minha estivesse.

— Ela fez algo errado com você. — eu concordo. Espere mais um pouco. Quando ele não diz mais nada, pergunto: — Você foi para sua antiga casa?

Um único aceno.

— Você tem família lá?

Ele dá de ombros. Balança sua cabeça. Em seguida, oferece: — Minha avó.

— Você entrou?

Seu rosto se contorce. — Não. — Ele está chorando agora. — Eu a vi pela janela. E eu fiquei lá. Eu fiquei lá por um longo tempo. Mas eu não queria voltar. Não queria vê-la.

Agora eu o toco. Eu coloco minha mão em suas costas. — Você não precisa. Você não precisa nunca mais vê-la, a menos que queira. É a sua vida. Sua escolha. Você tem a mim agora. Eu e... — Eu olho para

Alessia, mas então eu paro.

Eu não posso ficar com ela.

Não posso prometer que ele a tem quando é mentira.

Ela está indo para casa.

Assim que eu descobrir como deixá-la ir.

— Você tem a mim. — eu digo novamente. — E você tem o dinheiro de Alessia. Se algo acontecer comigo, ainda é seu. Eu vou te mostrar como obtê-lo. E não vou deixar Victor levá-lo para as fileiras novamente. Ele pode tentar, mas não vou deixar isso acontecer. Eu prometo.

Agora assustei o menino ao expressar meus próprios medos.

Ele me encara com olhos arregalados de medo, mas então ele joga seus braços em volta de mim e pressiona sua cabeça contra meu peito.

Engulo em seco e esfrego suas costas.

Alessia se levanta do sofá e se aproxima. Ela esfrega a cabeça de Mika.

Ele olha para cima e funga, enxugando os olhos. — Sinto muito. — diz ele.

— Não. — eu digo com mais força do que pretendo. — Não se desculpe. É melhor tirá-lo. Deixe isso pra lá. Deixe aqui, em Moscou.

Encontro o olhar triste de Alessia por cima da cabeça de Mika e percebo que estou em um território que nunca quis entrar. O reino emocional. Não abri minha alma para ninguém, muito menos para um menino de doze anos, desde criança. E, no entanto, aqui estou, fazendo tudo o que posso para garantir que Mika tenha uma chance melhor de ser um ser humano decente do que eu.

E é por causa de Alessia. Ela acreditou que eu poderia - contou comigo para fazer isso, então eu fiz.

Posso ter mostrado a ela meu pior lado quando Sabina apareceu, mas ela também está vendo o meu melhor. O que reconhecidamente não é muito, mas é mais do que tentei em todo o meu passado sórdido.

Estendo a mão e pego a mão dela e aperto e ela aperta de volta.

Por um momento, finjo que somos uma família estranha e improvável: Alessia, Mika e eu.

Mas sei que não vai durar.

Não pode.

Já sinto o final gritando para nós, sem levar em conta o que realizamos aqui esta noite.

VLAD

Estou tentando não deixar a tensão transparecer, mas tanto Mika quanto Alessia pegam meu humor no caminho para a casa de Victor. Mika está pálido e subjugado. Alessia continua lançando olhares na minha direção.

— Por que você tem que trazer Mika e eu? — ela pergunta.

— Victor pediu. — Eu não olho. Quero segurar a mão dela, mas não quero que ela sinta como a minha está fria. Eu sei que algo ruim está por vir, só não consigo imaginar o que será.

— Ele fala inglês?

— Não. Você está segura. Não diga nada. Olhar inocente. Não vou deixar que ele te machuque.

Ela empalidece. — E Mika? — Ela ouviu o que eu disse ontem à noite, sobre não deixar Victor levá-lo. Eu deveria ter mantido minha maldita boca fechada. Agora os dois estão preocupados.

— Vou dizer a ele que Mika é muito valioso. Estou treinando ele para hackear e ele tem muita aptidão para isso. Victor ficará satisfeito. Neste momento sou insubstituível. E agora que minha mãe morreu, acho que ele pode preferir me substituir.

Mika me observa atentamente. Quando eu olho para ele e levanto minhas sobrancelhas, ele balança a cabeça.

— Você está aprendendo rápido, não? Você já tem grande habilidade para um menino tão jovem.

Ele parece duvidoso.

— Ele não sabe melhor. Ele mal sabe usar um computador. Eu vou te ensinar essas coisas. Eu vou te ensinar tudo que você precisa para sobreviver a *bratva*. Ou se você não quiser isso, eu o ajudarei a escapar. Sua escolha. Você tem escolhas. E você tem a mim. Não se esqueça disso.

— Quero ficar e aprender com você. — A voz de Mika é clara e forte.

Eu concordo. — Bom. Assim será. Não tenha medo.

— Eu não estou. — ele mente.

Chegamos ao luxuoso prédio de apartamentos de Victor e

somos deixados entrar pelos guardas *bratva* na porta. Victor é dono de todo o prédio, mas fez do topo sua cobertura. Pegamos o elevador e bato na porta.

Um cara da irmandade responde e me cumprimenta. — Ele está esperando por você em seu escritório. — diz ele em russo. Ele olha Alessia com interesse, e eu coloco minha mão em sua nuca e a puxo para mais perto, mostrando propriedade.

Aqui ela não pode ser minha esposa.

Apenas minha propriedade.

— Ah, Vladimir. — Victor me cumprimenta, levantando-se. Apertamos as mãos. — E quem é esse? — Victor está na frente de Mika, olhando para baixo com um ar caloroso de avô.

— Mikhael Popov.

Victor segura um lado do rosto do menino. — Rapaz corajoso, morando sozinho na América. Você tem tudo o que a irmandade exige.

Este é o Victor cuja aceitação e atenção eu tanto desejava quando menino. Aquele de quem tentei tanto me tornar digno, impressionar.

Mika não é tão fácil de ganhar. — *Spasibo*.

Victor sorri e se endireita, voltando-se para Alessia. — E seu prêmio italiano.

Eu trabalho duro para não apertar minha nuca. Ele deve ler minha ferocidade porque não tenta tocá-la.

Uma batida soa na porta e Sabina entra. — Ouvi dizer que você estava trazendo uma convidada americana. Posso pegá-la emprestada? Para praticar meu inglês? — Para Alessia, ela diz: — Você gostaria de se juntar a mim na cozinha para tomar um café enquanto os homens conversam?

Droga.

Eu não disse a Alessia que Sabina estaria aqui e sua cara de pau é uma merda. A surpresa é inconfundível.

— Ela está surpresa com o seu inglês, minha querida. — diz Victor, apertando a mão de Sabina. — Sim, leve a garota embora. Tenho certeza de que ela ficará feliz com o adiamento de Vlad.

Eu a solto com relutância.

Eu não gosto disso. Nem um pouco. E eu nem consigo imaginar uma maneira de enviar Mika com ela para ficar de olho nas coisas.

— Não se preocupe. — diz Victor. — Ela não pode escapar da minha casa. Tenho homens em todas as saídas.

Minha paranoia está a toda velocidade porque não tenho certeza se isso é um aviso para mim ou um conforto.

Eu forço minha expressão em algo mais agradável e aceno com a cabeça. — Vá em frente. — eu digo rigidamente para Alessia, que me lança um olhar furioso antes de seguir Sabina para fora da sala.

Puxo uma cadeira e me sento em frente a Victor em sua grande escrivaninha. Hora de mostrar a ele que ainda vale a pena ficar por perto. E quanto mais cedo eu fizer isso e sair daqui, melhor.

ALESSIA

Mas. Que. Porra?

A ex do Vlad está aqui, me levando para a cozinha?

Estou inquieta como o inferno. Não gosto de me separar do Vlad, principalmente porque sei que ele ficou desconfortável com esse encontro. Fui mantida fora dos negócios da máfia, mas sei o suficiente para saber que assassinatos e traições acontecem o tempo todo.

Há uma chance de Vlad estar prestes a ser morto.

Ou eu estou.

E eu com certeza não confio em Sabina ou em sua falsa polidez melosa. Ela me leva a uma cozinha luxuosa e me prepara uma xícara de café instantâneo no micro-ondas.

Nojento.

Sério, os russos precisam aprender sobre máquinas de café expresso. Hoje.

Sento-me no balcão do café da manhã e finjo que tomo um gole.

Ela se senta ao meu lado, muito perto. Eu tento fugir, e então percebo que ela não está me dando uma cotovelada, ela está tentando me passar alguma coisa.

É um telefone celular.

— Victor disse que você é prisioneira. — ela murmura — Este

é um telefone descartável. Você pode ligar para sua família para pedir ajuda.

Meus dedos tremem quando eu o pego e coloco na minha bolsa. Isso é algum tipo de teste? Qual é o interesse dela?

— Por que você está me dando isso?

— Eu sei como é ser mantida em cativeiro por *bratva*. Ser uma mulher sem opções. — A linda loira de repente parece velha.

Eu fico imóvel, minhas suspeitas desaparecendo. Isso, eu acredito. — Você era cativa de Zima?

Ela olha, surpresa. — Vlad disse isso a você?

Eu concordo.

— O que mais ele disse?

Eu considero o quanto revelar. Quero saber a verdade sobre essa história. — Ele acha que você tentou enganá-lo para matar Zima.

— Sim. Ele tem razão. Zima era um homem violento. Cruel. Ele nunca me deixou sair. Então olhei para cima na organização, procurei alguém que não tivesse medo dele. Eu tentei Vlad. Ele ocupa uma posição importante na irmandade. É intocável, dizem. O mais poderoso, depois de Victor. E dizem que ele é o mais rico. — Ela gira uma pulseira de ouro e diamantes em volta do pulso. — Isso é importante. Eu não estava arriscando meu pescoço para rebaixar minha condição.

Eu escondo meu choque com sua admissão. Vlad estava definitivamente certo sobre ela – ela é toda sobre manipulação. Ainda assim, acredito na história dela. Acho que porque ela não está tentando esconder suas falhas.

— Zima estava viajando a negócios, então eu seduzi Vlad. Eu o enganei para me engravidar. Achei que um bebê seria suficiente para persuadi-lo. Os homens enlouquecem com a reprodução.

Ela remexe em sua bolsa e tira uma foto de um recém-nascido. Seus lábios tremem quando ela o entrega para mim. — Mas Vlad não tinha coração. Ele se recusou a matar Zima. Ele não queria nada comigo. Então tive que procurar em outro lugar. — Seu olhar viaja na direção do escritório.

— Victor. — eu falo.

Ela acena com a cabeça. — Mas Victor não quis me levar com uma criança, então eu tive que desistir dela. Coloquei-a em um orfanato.

Meu estômago dá um nó.

Um orfanato.

Deus não.

A criança de Vlad está em um orfanato russo? Como isso é possível? Ele me levou a um. Ele viu como eles são insuficientes. Como são tristes as condições. Ele realmente odeia tanto essa mulher que abandonaria seu próprio filho em uma?

— Vlad sabe disso? — Eu engasgo.

Ela acena com a cabeça, os olhos cheios de lágrimas. — Escrevi dezenas de cartas para ele. Tentei visitar ontem. Ele não vai reivindicar nosso filho.

Meus próprios olhos nadam com lágrimas. Isso pode ser verdade?

Sabina agarra meu pulso e aperta. — Você é gentil. Eu sabia que estava certa em ajudá-la.

O som de vozes masculinas entra pela porta e ela pega a foto de volta e a enfia na bolsa. — Não diga nada. — ela sibila.

Concordo com a cabeça e fico com as pernas bambas.

Parece que o mundo inteiro está se inclinando. Deslizando e reorganizando. Não sei se conheço o Vlad. Eu quero que tudo isso seja falso.

Preciso chegar ao fundo disso imediatamente.

— Venha, Alessia. — Vlad rosna da porta.

Suas ordens autoritárias não me excitam agora. Elas me irritam seriamente.

Minha boca aperta e eu jogo meu cabelo, mas vou até ele. Assim que entramos no elevador, ele resmunga: — O que diabos foi aquilo?

Eu me viro para ele, com raiva. — Diga-me você, Vlad. O que você sabe sobre o bebê de Sabina?

— Não há porra... — O elevador apita e ele fecha a boca,

segurando meu braço com muita força. Mika segue atrás de nós silenciosamente. Assim que estamos na calçada do lado de fora, ele diz: — Não há porra de bebê. A mulher é um saco de mentiras e você é estúpida se acreditar nelas.

Acredito firmemente nas regras de não xingamentos nos relacionamentos.

Fico gelada e mantenho minha voz baixa e perigosa. — Não me chame de estúpida.

Vlad passa os dedos pelos cabelos. — Eu não quero dizer isso. Desculpe. Mas eu sei o que é verdade.

— Você? — Eu exijo. — Ela me mostrou uma foto do seu bebê. Aquele que ela *colocou em um orfanato* porque não conseguiu seduzir Victor com ela por perto.

Vlad olha para mim, cor drenando de seu rosto. — Não.

— *Da* — eu digo, como se jogar sua própria linguagem de volta para ele o tornasse mais forte. — Eu vi a foto. Ela não tinha motivos para mentir para mim, ela estava tentando me salvar de você. Olha, ela me deu um telefone para ligar para meus irmãos. — Eu agito no ar como uma evidência.

O rosto de Vlad vai de pálido a ardente.

Eu dou um passo para trás.

— Eu vejo. Agora eu vejo. Claro que vocês duas estão tramando juntas. — ele rosna. — Isso é o que as mulheres fazem - tramam e enganam. Usam sua beleza e encanto para manipular os homens e destruir vidas. Bem, bom. Você deve saber, *printsessa*, que chamar seus irmãos foi um grande erro. Você acha que seus irmãos podem pousar em Moscou sem a *bratva* ficar sabendo? Sem a *bratva* matá-los antes que seus pés toquem o solo sólido? Eles não vêm aqui sem meu convite. É melhor você ligar de volta e dizer isso a eles.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Lágrimas queimam meus olhos. — Foda-se! — eu grito. — Sério, Vlad. Vá se foder.

As palavras infantis são o melhor que posso fazer. A melhor expressão da minha mágoa e raiva.

Eu me viro e caminho pela calçada.

Tenho certeza que Vlad estará em mim em um momento. Que ele vai me agarrar e me forçar a voltar para a limusine. Estou planejando chutar, gritar e morder o caminho todo, porque estou farta da merda dele.

Mas ele não faz.

Ele não segue.

E estou aliviada no início.

Até eu perceber que talvez haja uma coisa pior.

Pior do que ser mantida prisioneira por um homem que pensa que todas as mulheres são vadias manipuladoras.

Ser abandonada por ele.

VLAD

Observo as costas de Alessia, seu passo furioso, com a traição rasgando meu centro.

Outra mulher me fazendo de bobo.

Manipulando-me. Fazendo o que ela tem que fazer para conseguir o que quer.

Mais uma vez eu sou o garotinho sendo oferecido a *bratva* para garantir o lugar de minha mãe como amante de Victor.

Deixe-a ir, aquele eu ferido grita. Nunca abra seu coração para uma mulher.

Mas ela é Alessia e não consigo parar de me importar.

— Vá com ela. — eu rosno para Mika.

Ele olha para mim, sua acusação é clara.

Eu enfio um maço de dinheiro em sua mão. — Mantenha-a segura.

Ele me dá um último olhar condenatório antes de obedecer, correndo atrás dela.

Blyat.

Eu sabia que algo ruim estava por vir. Achei que seria do Victor. Nunca sonhei que Sabina continuaria a me causar tantos problemas.

Eu aceno para a limusine e caminho de volta para o nosso hotel, minha raiva alimentando minhas longas passadas. Quando eu voltar, tenho que saber a verdade.

Sento-me em frente ao meu computador e acesso registros públicos. Se o filho de Sabina tiver nascido vivo, será registrado. E se ela deu aquela criança para adoção, poderei descobrir isso também.

Chegar ao fundo disso é o primeiro passo para lidar com a traição daquela mulher.

ALESSIA

— Volte, Mika.

Eu ando por pelo menos quarenta e cinco minutos - descansando quando fico sem fôlego - quando percebo que Vlad pode não ter me seguido, mas Mika sim. Ele está a um metro e meio atrás de mim, a cabeça abaixada como um mau espião.

Mas ele não pertence a mim, ele pertence a Vlad. Eu tenho um telefone, posso ligar para meus irmãos. Eles vão descobrir como me levar para casa em segurança. Mas Mika não pode vir comigo. Quer dizer, ele poderia, mas não acho que seja a melhor opção para ele. E Vlad precisa dele.

Eu paro e me viro para encará-lo. — Mika, você deveria voltar. Vlad ficará preocupado com você.

Ele estende um rolo de dinheiro. — Ele me enviou para mantê-la segura.

Suspiro e pego o dinheiro. Se eu não estivesse tão chateada, poderia achar isso quase doce.

Quase.

Eu organizo as contas. — Há o suficiente para conseguirmos um quarto de hotel?

Ele olha para os rublos e acena com a cabeça.

— Então venha, vamos procurar um lugar para ficar.

Meus pés já estão cansados e ficamos andando sem parar porque Mika não sabe onde fica nenhum hotel, eu não falo russo. Eventualmente, eu digo a ele para chamar um táxi e digo a eles para nos levarem ao hotel mais legal. Nem sei dizer como fico feliz quando eles param em frente ao Moscow Marriott Grand Hotel.

Parece que já estou de volta à América.

E o que você sabe? Eles até falam inglês na recepção.

Eles não gostam da minha falta de identificação e cartão de

crédito, no entanto. Eu tenho que usar minha atitude de garota rica mais convincente para explicar que minha carteira foi roubada e eu perdi tudo. Que pretendo ir à embaixada amanhã, mas agora meus pés estão me matando e só preciso de um quarto para colocá-los.

Funciona.

Em nosso quarto, eu me jogo na cama. Estou exausta e tão, tão pesada. Estou muito entorpecida até para chorar.

Mika anda pelo quarto — Você deveria verificar seu açúcar no sangue?

— Farei daqui a pouco. Por que você não pede comida para nós? — Eu sugiro.

O telefone que Sabina me deu queima um buraco na minha bolsa, mas eu não o tiro. Não liguei para meus irmãos. Ainda não.

Não é porque estou com medo do que Vlad disse, embora seja uma preocupação.

É mais a sensação de que não terminei aqui.

Eu meio que não acredito que acabou entre mim e Vlad.

E eu não quero ir embora assim – odiando Vlad.

Eu não quero sair pensando o pior dele.

Mesmo depois das coisas que ele me disse.

Ele também é o mesmo homem que lidou com as lágrimas de Mika na noite passada. O homem que prometeu me encontrar um rim.

O cara que faz da minha satisfação sexual todo o seu objetivo no quarto.

Ele é perfeito?

De jeito nenhum.

Nem mesmo perto.

Mas ele me fez feliz.

Mais feliz do que pensei ser possível, especialmente considerando as circunstâncias. Eu me senti especial, bonita e segura com ele.

Cuidada. Viva.

Amada.

E eu não quero entrar em um avião e nunca mais vê-lo depois do jeito que deixamos as coisas.

Mas também estou com muita raiva no momento para querer resolver as coisas.

Eu tenho um temperamento italiano quente e precisa de tempo para esfriar.

Se eu for super honesta comigo mesma, vou admitir que queria que ele me seguisse, me varresse e consertasse, do jeito que ele faz. E eu ainda queria ficar brava e resistir a esse conserto até que ele realmente provasse que estava tudo bem.

Mas ele não o fez. Ele não seguiu, ele não se desculpou. Ele não tentou consertar.

Pelo menos ele enviou Mika para me manter segura. Suponho que isso seja um sinal. Ele está realmente me deixando ir.

Fecho os olhos, cansada demais para sequer tentar pensar neste pântano de merda.

VLAD

Ligo para Mika uma dúzia de vezes, mas ele não atende. Pirralho. Acho que ele ficou do lado de Alessia. No tempo em que eles se foram, eu hackeei os registros públicos.

Sabina tem uma filha em um orfanato. E ela me nomeou como o pai na certidão de nascimento.

Pode ser verdade ou não. A criança pode ser de Zima. Pode ser de Victor, pode ser qualquer outro número de homens que ela tentou manipular para cumprir suas ordens.

Mas agora tenho que descobrir se é meu. Alessia iria querer isso.

E esse é o pensamento que projeta uma lança direto no meu coração.

Ela me odeia agora depois da maneira como ameacei a vida de seus irmãos. É verdade, Victor nunca permitiria que eles pusessem os pés neste país vivos, mas eu não deveria jogar tal coisa para ela. As palavras foram feitas para cortar.

E claramente elas fizeram.

Eu esfrego minha testa. Ouvir que Sabina e Alessia estavam em conluio foi um choque para mim. Cortou fundo, especialmente depois da maneira como Sabina arruinou minha vida. Mas não posso culpar

Alessia por aceitar a ajuda de Sabina. Eu sou o idiota mantendo-a prisioneira. Impedindo-a de ir para casa.

E se Alessia pensou o pior de mim, se ficou do lado de Sabina, é porque ela tem uma queda por crianças. Acabei de levá-la para um orfanato, pelo amor de Deus. Então, é claro que ouvir que permiti que meu próprio filho definhasse em um orfanato seria a coisa mais horrível e condenatória que ela poderia ouvir sobre mim.

Isso e eu ameaçando matar os irmãos dela.

Não é o meu movimento mais suave.

Porra.

Eu realmente fodi tudo.

Tento ligar para Mika novamente. Quando ele não responde, eu abro o software de rastreamento e encontro sua localização.

E então eu respiro fácil. Eles estão em um bom hotel. Seguros.

Bom.

Amanhã de manhã irei lá e tentarei o meu melhor para consertar as coisas.

Vou deixar Alessia ir, porque ela merece sua liberdade. Mas primeiro devo pedir desculpas a ela. Fazer o possível para resolver a situação com o filho de Sabina.

Vou para a cama, mas não durmo. A noite toda, continuo vendo o horror de Alessia com minhas palavras. A maneira como ela tropeçou para trás. A maneira como ela se encolheu como se eu pudesse machucá-la.

E toda a noite meu coração se parte um pouco mais.

Só consigo cochilar pouco antes do amanhecer.

E então sou acordado pelo toque do meu telefone e pela voz apavorada de Mika. — *Eu não a mantive segura, Vlad. Algo está errado e ela não quer acordar.*

Não.

Não, não, não.

Eu convenço Mika a dar uma injeção de glucagon em Alessia ao mesmo tempo em que coloco algumas roupas e saio correndo pela porta. Eu fico no telefone com ele o tempo todo, meu coração dispara cada vez mais rápido quando ele me diz que ela não acordou. Não respondeu.

— Vou desligar e chamar uma ambulância. — digo a ele com uma calma que não sinto. — Então eu ligo de volta.

Eu ouço o lamento de uma sirene enquanto corro para dentro do prédio. Como não suporto esperar nem mais alguns minutos, eu a carrego até o saguão do hotel em meus braços, com a cabeça pendendo em meu ombro.

Porra.

Porra, porra, porra.

Os olhos de Mika estão úmidos e ele está com medo. — Ela disse que verificaria o açúcar no sangue mais tarde. E então ela adormeceu. Sinto muito, Vlad. Eu deveria tê-la acordada.

— Não. Não é sua culpa. E ela vai ficar bem. — prometo, embora não tenha tanta certeza. Nada parece certo sobre isso.

E definitivamente é tudo minha culpa.

ALESSIA

Estou em um hospital.

A sala entra em foco. A conversa baixa em russo vindo do corredor fornece a próxima pista.

Moscou.

Eu estava em um hotel com Mika. E adormeci sem tomar minha insulina. Mas eu não deveria me sentir tão mal.

Eu me sinto horrível. Grogue e cansada. Eu tento me mover e encontro tubos cheios de sangue saindo do meu braço. Tento me sentar, mas estou muito fraca. Muito cansada. Eu levanto minha cabeça e olho em volta. — Vlad?

Um movimento vem do canto e o rosto contraído de Mika aparece.

— Onde está Vlad?

— Ele está aqui, está conversando com os médicos.

— Eu não me sinto bem. O que é isso?

O queixo de Mika balança. Percebo que seus olhos estão vermelhos. — Você teve problema. Seu... não sei como dizer isso em inglês... — Ele toca as costas.

— Rim?

— *Da.* O rim falhou. Vlad está conseguindo um transplante para você.

O medo dispara através de mim como um raio.

Um transplante.

Eu já estou aqui? É tão ruim assim? Este é o lugar que tenho evitado até mesmo pensando desde meu diagnóstico na Itália. Meu pior medo.

E agora está acontecendo. Meu rim falhou. Os tubos de sangue devem ser a diálise. Oh Deus, meu corpo falhou totalmente comigo.

E estou sozinha na Rússia. Sem família, sem amigos.

Minha visão embaça. Não me senti tão assustada ou sozinha esse tempo todo na Rússia. Mesmo quando Vlad me trouxe aqui pela primeira vez e eu não sabia o que ele tinha reservado para mim. Nada se compara ao medo que sinto agora.

Não gosto de estar aqui nesta cama de hospital, com tubos saindo do meu braço, cercada por enfermeiras que só falam russo.

— Seus irmãos estão vindo. — diz Mika, como se adivinhasse meus pensamentos.

Isso me dá uma pausa. Tento me sentar de novo, mas dá muito trabalho. — Eles estão?

— *Da.* Vlad ligou para Junior, disse para ele vir.

Eu afundo para trás, alívio derramando através de mim. Eu estou indo para casa.

Mas as coisas com Vlad estão muito mal resolvidas. Eu preciso vê-lo. Tenho a sensação de estar rasgada ao meio, rasgada bem no meu centro sem ele ao meu lado.

— Onde está Vlad? Eu preciso dele.

A mandíbula de Mika fica tensa. — Ele não pode vir agora. Ele está com os médicos.

Estendo a mão e toco sua manga. — Mas ele está realmente aqui, Mika? Ou você está mentindo para mim?

O alarme de Mika parece real. — *Nyet*. — Ele olha por cima do ombro. — Vou ver se os médicos terminaram com ele.

Meu alívio dura pouco, porque de repente não quero ficar sozinha em um hospital onde não falo a língua e não conheço ninguém. — Não, espere... — Eu chamo enquanto ele se dirige para a porta. — Não me deixe aqui sozinha. Por favor.

Ele volta. — Vlad está aqui. — ele diz com firmeza, como se estivesse com medo de que eu ainda não acreditasse nele. — Ele está comprando um rim para você.

— OK. Vamos esperar por ele, então. O que deveríamos fazer? — Eu olho para a televisão na parede.

Mika liga e muda de canal, mas todos os programas são em russo. — Eu sei. — diz ele, recuperando seu tablet da cadeira no canto. Ele fica ao meu lado e dá o play. — Você gosta de *Friends*?

Eu dou uma risada aquosa. Achei que o tinha visto assistindo quando estávamos em Las Vegas. Ele coloca o tablet no meu colo e assistimos juntos enquanto o tempo passa interminavelmente lento.

VLAD

Quando acordo após a operação, minha visão está turva por causa das drogas. Mesmo com analgésicos, sinto a incisão, a perda do meu órgão. Enquanto meus olhos lutam para focar, eu me concentro na figura escura e bem vestida que paira sobre mim.

Ele pressiona o cano duro de uma pistola contra minha têmpora. — Dê-me um bom motivo para não atirar em você.

Junior. E atrás dele estão os dois irmãos Taccone do time de Chicago, Gio e Paolo.

Eu pisco, sem medo. Se eles quiserem me matar, eles podem. Eu mereço. Suponho que esperava morrer por uma de suas mãos no momento em que decidi levar Alessia.

Eu prejudiquei a irmã deles e agora ela está se recuperando em

uma cama de hospital porque eu não consegui nem mantê-la segura.

Então não, não há uma boa razão para não atirar em mim. Na verdade.

No canto do quarto, percebo um movimento. Não é outro irmão. É Mika, pálido e assustado, olhos tão grandes quanto seu rosto.

Meu peito aperta. O garoto passou por muita coisa. Primeiro, sua mãe foge dele. Então toda a *bratva* de Chicago é eliminada pelo homem na minha frente. Então eu o trago de volta para a Rússia e o ensino a confiar em mim, apenas para acabar com uma arma apontada para minha cabeça e o garoto prestes a testemunhar minha morte. Bem.

Talvez haja uma razão, então.

— Ela não iria querer que você fizesse isso. — eu resmungo, minha voz áspera por causa da intubação.

Isso é verdade. Eu a conheço bem o suficiente.

— E por que isto? — Gio rosna atrás de Junior.

Meus olhos se voltam para Mika e levanto meu queixo em sua direção. — Ela não iria querer que você o deixasse órfão pela segunda vez.

Junior lança um olhar para Mika. Ele é um homem duro e violento. Ele atirou sozinho em toda a célula *bratva*. Ele não hesitará em me matar se quiser.

Mas no momento em que ele vê Mika, sei que ele compartilha a suavidade de sua irmã para as crianças. Algo muda em seus olhos. Ele considera o menino. — Qual o seu nome?

Mika engole. — Mikhael.

Junior inclina a cabeça em minha direção. — Você quer que esse cara viva?

Mikhael acena com a cabeça, um movimento pequeno e rápido que não para.

— Tudo bem. Justo. Acho que devo isso a você. — Junior puxa a arma da minha cabeça. Ela desaparece em um coldre nas costas.

— Como ela está? — Eu tento me mover e estremeço com a dor.

— Ela viverá. — O olhar de Junior é duro. — Trouxemos nosso

próprio médico e vamos levá-la para casa para se recuperar. Se você chegar perto dela de novo, eu corto suas bolas fora.

Concordo com a cabeça. Eu mereço isso.

— E fique fora da porra do meu país. Vejo você nos Estados Unidos, você é um homem morto. *Capiche?*

— *Da.*

— *Da* — Paolo zomba. — Merda de russo. — Os Taccone saem do quarto.

Eu fecho meus olhos em alívio. Não que eles me pouparam, mas com a notícia de que Alessia conseguiu. O transplante foi bem-sucedido e ela agora tem meu rim.

Consegui compensar por quase ter causado a morte dela.

Liguei para Junior e contei a ele quando descobri que seu rim falhou. Eu disse a ele para vir imediatamente para levá-la para casa após a operação.

Victor concordou em deixá-los vir, mas só porque eu tenho o dinheiro deles. Ele não sabe que o devolvi semanas atrás. Eu mantive a conta de Mika limpa, no entanto.

Antes de entrar na faca, mostrei a ele onde está e como chegar a ela se algo me acontecesse. Quero que ele tenha opções além da *bratva*, se assim o desejar.

ALESSIA

Quando acordo da operação de transplante, estou sozinha no meu quarto.

Meu pior medo novamente. Onde está Mika? Por que Vlad não veio me ver?

A porta se abre e três dos meus irmãos entram: Junior, Gio e Paolo.

— Aí está ela, olhos abertos desta vez. — Gio diz com a falsa alegria que você usa com os doentes ou menores de idade.

Eu deveria estar feliz em vê-los, mas tudo o que sinto é medo em nome de Vlad. Eles o machucaram? Eu não tive a chance de dizer a eles que não.

— Onde está Vlad?

Paolo franze a testa. — Em recuperação.

Tento me sentar, mas dói demais. — O que você fez com ele?

Junior me lança um olhar estranho. — Ele acabou de te dar o rim dele. Você sabia disso?

Minha boca se abre. — Não. — Ele se encaixa no lugar. Por que ele estava com os médicos em vez de no meu quarto antes da cirurgia.

— É a única razão pela qual não coloquei uma bala na cabeça dele. — rosna Junior. — Isso e há uma criança em seu quarto que parece se importar com a vida dele.

Eu pisco de volta minhas lágrimas. — Não... não o machuque. Por favor.

A expressão de Junior se torna gentil. Ele aperta meu ombro. Paolo e Gio também se aproximam. Gio pega minha mão. Paolo dá um tapinha na minha perna.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você. — diz Junior. — Tudo isso. — Ele acena com a mão pela sala. — É minha culpa que a *bratva* veio atrás de você e eu não a mantive segura. Eu fodi tudo.

Lágrimas vazam dos meus olhos. — Não. — Minhas mãos tremem. — Não se culpe. Só sinto muito por ter arruinado seu casamento.

Junior parece incrédulo. — Você deve estar brincando comigo. Você sente muito por ter arruinado meu casamento? Garota... — Ele toca minha bochecha com as costas dos dedos. Ele pigarreja como se estivesse sendo engasgado. — Estou feliz que você esteja bem. Ele nunca te machucou? Porque eu vou rasgar seriamente seu membro...

— *Não, Junior.* — eu interrompo. — Ele era realmente... muito doce. Até que tivemos uma briga no final.

— Nós estamos levando você para casa, irmãzinha. Trouxemos nosso próprio médico e temos um jato particular. — diz Gio.

Deito a cabeça no travesseiro e fecho os olhos. Eu estou indo para casa.

Eu deveria estar feliz.

Mas eu não sou. Estou apenas... vazia.

VLAD

— Aqui, deixe-me levá-la. — Pego o bebê de Svetlana, a babá exausta, e a carrego para fora. Murmuro baixinho para ela e ela para de se agitar, soluçando suavemente no meu pescoço.

O nome dela é Lara, e ela é minha. Sete meses de idade. Bebê mais lindo que já vi.

Se não fosse por ela e Mika, eu não me incomodaria com nada. Comendo. Dormindo. Vivendo.

Mas com filhos, a vida continua. Eles precisam de nós, então nós aparecemos.

Assim parece.

Todos os dias em Volgograd me matam. Estar na propriedade sem Alessia parece totalmente errado.

Tudo aqui me lembra dela e vejo seu lindo rosto em todos os lugares que vou.

Eu ando até o lago e volto e o bebê adormece no meu peito. Eu a carrego de volta para casa e a coloco cuidadosamente no berço.

Mika está no laptop que comprei para ele com o Facebook aberto.

— O que você está fazendo? — Eu olho por cima do ombro e meu coração se despedaça. Ele tem o perfil de Alessia aberto. Uma foto dela de boné e vestido sorri para mim.

Mika fecha a tampa como se tivesse sido pego assistindo pornografia.

— Você está em contato com ela?

Ele dá de ombros.

Fico ali totalmente perdido por um momento, sem saber ao certo como conciliar o tsunami de emoções que correm através de mim.

Mika olha para mim. — Por que não vamos pegá-la?

Um escárnio surpreso sai da minha boca. — Não é uma opção. Você ouviu o que o irmão dela disse. Se eu for para a América, estou morto.

Mika olha para trás uniformemente. — Você não tem medo

deles.

Ele tem razão. Eu não tenho. Olho de volta para ele. — Como você sabe?

Ele dá de ombros com seu característico encolher de ombros. — Você nem ficou com medo quando eles apontaram uma arma engatilhada para sua cabeça.

— Eu me reconciliei com a morte há muito tempo. Perversamente, acho que é o que me mantém vivo.

Mika brinca com o laptop, abrindo e fechando a tampa. — Eu vi você com medo, no entanto.

— Sim? — Não tenho certeza se quero ouvir onde isso vai dar.

— Quando aponteí uma arma para Alessia. E quando ela estava doente.

Parece que minhas entranhas estão sendo arrancadas. — Então?

— Então, por que não vamos pegá-la?

— Porque ela não quer que façamos isso. Ela não quer que eu vá. — corrijo, não querendo que ele se sinta abandonado por ela também.

Blyat, ele provavelmente se sente totalmente abandonado.

— Você nunca se desculpou com ela. — ele acusa.

E essa é uma dor com a qual convivo todos os dias.

Eu enfio meus dedos pelo meu cabelo. — Ela não quer me ver. E não vou perturbar sua paz de espírito novamente.

É melhor assim.

O bebê acorda e começa a chorar novamente.

Eu volto e a pego. — Eu sei, baby. Sei exatamente como você se sente.

ALESSIA

Deito-me à beira da piscina no telhado do Bellissimo e observo o pôr do sol. Um garçom me traz uma salada Caesar, mas eu a coloco intocada na mesa ao meu lado. Comer não é nada além de uma tarefa nos dias de hoje.

Sondra flutua na água, o único lugar onde ela quer estar com

sua grande barriga redonda. Nico tinha uma piscina privada recentemente instalada aqui para sua esposa e cunhada. Acho que ele e Stefano não suportariam que suas mulheres fossem cobiçadas pelo público nas piscinas de convidados.

Meus irmãos trouxeram o melhor nefrologista dos Estados Unidos com eles para a Rússia quando vieram me buscar. Fui transportada em um jato particular com o cirurgião de um milhão de dólares cuidando de mim. Minha recuperação foi perfeita.

Eles me trouxeram para Vegas em vez de Chicago para me recuperar. Eles imaginaram que no Bellissimo, eu teria uma série de funcionários disponíveis para me atender de pés e mãos. Ou talvez eles só quisessem fornecer uma ampla distração da minha dor de cabeça. Minha mãe também veio e tem feito o possível para me tirar da depressão. Mas não consigo me livrar disso.

Já se passaram três meses e estou praticamente curada da cirurgia, e fui liberada para fazer exercícios. Meu corpo não rejeitou o rim de Vlad . Meu coração também não rejeitou.

O fato de ele ser compatível parece destino. Como se eu estivesse destinado a ser salva por Vlad e seu rim.

É estúpido, mas toda vez que penso em uma parte dele dentro de mim, me mantendo saudável, o barulho e a ansiedade que tem me corroído desde que deixei a Rússia diminuem.

Eu não ouvi uma única palavra de Vlad.

Sem dúvida, meus irmãos tiveram algo a ver com isso. Mas ainda.

Isso dói.

Eu sei que eu signifiquei algo para ele. Eu era mais do que uma transação monetária ou vingança. Ele se entregou a mim. Aberto. Mudado.

E eu sinto falta dele.

Sinto falta do sexo incrível. Sinto falta de nossas caminhadas até o lago. Sinto falta da energia - da maneira como sempre me senti observada, apreciada, admirada.

Sinto falta de Mika, embora ele felizmente tenha entrado em contato no Facebook, então estamos conversando. Comecei a dar aulas

particulares para ele novamente, que é o único ponto positivo dos meus dias. Também fiz uma generosa doação para o orfanato em Volgograd, quando enviaram a carta de agradecimento, o diretor escreveu: *Ficamos surpresos e gratos por sua doação adicional. A generosidade do seu marido já fez uma grande diferença.*

Nico sai no deque. Ele está sem o paletó, mas ainda parece vestido demais no deque da piscina.

Sondra sorri para ele da água e ele se aproxima e se agacha ao lado. Quando ele segura a cabeça dela e a puxa para um beijo, eu desvio o olhar para dar privacidade a eles.

Adoro ver meus irmãos apaixonados, mas cada beijo ou toque que presencio me lembra de Vlad. E essa dor não diminuiu com o tempo. Ficou maior.

Nico vem até a espreguiçadeira onde estou esparramada, mantenho minha cabeça abaixada no último romance de Tessa Bailey que estou lendo. Até os casais fictícios que se apaixonam me deprimem. Estou tão cansada da minha família tentando me puxar para uma conversa. É mais doloroso do que chafurdar na minha própria miséria.

Ele puxa uma cadeira e se senta ao meu lado.

Droga. Aqui vamos nós.

— Diga-me. — diz ele.

Eu largo o livro e abaixo meus óculos escuros. — O quê?

— No que você está pensando? Vlad?

É a primeira vez que alguém menciona o nome dele desde que voltei. Sempre foi o *stronzo russo* ou obscenidades italianas mais coloridas.

Lágrimas surgem em meus olhos antes que eu possa respirar.

O olhar de Nico se torna compreensivo. — Você o ama.

Meu queixo treme. Eu concordo.

— Ele também te ama.

Desvio o olhar porque dói demais ouvir. Se ele me amava tanto, por que não veio atrás de mim? Por que ele nem tentou me visitar no hospital na Rússia? Ou se comunicar comigo desde que voltei?

Ele pode me amar, mas definitivamente me deixou ir.

— Eu sabia desde aquela primeira videochamada. — diz Nico
— Eu vi o jeito que ele olhou para você. E quando você disse que ele não tinha machucado você, eu sabia que estava certo. Se ele quisesse meu dinheiro, ele o teria feito curto e doce. Coletado o dinheiro e devolvido você. Ou matado você. Mas ele não a levaria para a Rússia para ser sua esposa. Isso foi um fascínio da parte dele.

Meu nariz arde. Uma lágrima escorre pelo meu rosto.

— Você conhece a Síndrome de Estocolmo?

— Nico, cala a boca. — Eu olho para ele, tirando meus óculos de sol Chanel e enxugando uma lágrima.

Ele estende as mãos em sinal de rendição. — Só estou dizendo, seu apego pode ser isso. Ou pode ser amor. Difícil dizer sem vê-lo novamente, suponho.

Minha boca cai aberta. O coração começa a bater forte.

Ele está sugerindo o que eu acho que ele está sugerindo? A ideia faz com que cada célula do meu corpo volte à vida.

Ele enfia a mão no bolso e tira um envelope amassado. — Ele mandou uma carta para você. Abri primeiro para ter certeza de que não machucaria você.

— Idiota! — Pego o envelope. — Você não pode ler minha correspondência.

Sondra olha da água, surpresa com minha voz elevada. Tenho certeza que ela não costuma ouvir ninguém falar assim com Nico. Ele é do tipo que governa seu cassino com mão de ferro, matando funcionários errantes com apenas um olhar.

Agora ele está me dando o totalmente sem remorso, *eu faço o que quero porque estou no comando.*

Eu olho para ele, mas não é realmente o fato de que ele leu a carta. É o efeito de segurar uma carta de Vlad na minha mão que faz minhas emoções girarem. Eu me levanto e pego minhas coisas, enfiando a carta na minha bolsa. De jeito nenhum vou ler com ele sentado ali me estudando, mesmo que ele já saiba o que está escrito.

— Ok. — diz Nico, também de pé. — Se você precisar vê-lo, nós providenciaremos. Você sabe, para encerrar ou algo assim.

Eu continuo, considerando esta oferta.

Fecho. Eu definitivamente estou perdendo o encerramento.

Mas não tenho certeza se é isso que eu quero.

Mas sim, a mera sugestão de ver Vlad novamente faz meu coração disparar.

Eu engulo e aceno. — Ok, obrigada. — De repente, sinto muito pela minha explosão, eu me inclino para um beijo na bochecha. — Boa noite, Nico.

— Não é hora de dormir. — ele observa.

— Eu vou ser tutora do Mika, ele deve estar acordando. — Eu olho para o meu telefone. — Vou ligar para pedir o jantar.

— Tudo bem. Certifique-se de fazer isso. — ele diz para minhas costas recuando. — Vejo que você não tocou nesta salada.

Reviro os olhos. — Já tenho uma mãe, não preciso de outra. — respondo.

Pego o elevador até o meu andar e entro no quarto. Pego a carta e a seguro com dedos trêmulos.

Mas não estou pronta para abri-la. Porque assim que eu a ler, estará acabado. Meu único contato com Vlad.

E não quero que acabe.

Então, coloco a carta não lida debaixo do travesseiro para ler antes de ir para a cama, depois peço um hambúrguer com batatas fritas ao serviço de quarto.

O vídeo do Mika me chama exatamente às 19h30 - 6h30, horário dele. Ele deve definir seu alarme para acordar cedo o suficiente para isso. É muito doce.

Durante todo o tempo em que conversamos, nos concentramos em seus estudos. Eu não mencionei Vlad. Ele não menciona Vlad. Acho que sinto que ouvir qualquer coisa me mataria.

Hoje à noite, parece diferente, no entanto. Agora que Nico abriu as comportas ao citá-lo. Trazendo-me a carta.

Agora que Vlad está fresco em minha mente e a ideia de vê-lo está pairando na minha frente.

— Ei, Mika. — eu o cumprimento, sentando na minha mesa e ajustando a tela do laptop para vê-lo. Seu cabelo está despenteado e

ele ainda parece sonolento. — Eu corriji seu dever de casa e o enviei de volta para você. Abra-o e vamos passar por isso juntos.

Ele clica no computador e acena com a cabeça quando está pronto.

Eu passo por sua aula de inglês, depois matemática e ciências.

— Mika? — Eu pergunto quando terminamos.

— *Da?*

Eu esfrego meus lábios, meu coração começando a bater novamente. — Como está Vlad? — Minha voz soa estrangulada.

Para meu horror, o rosto de Mika fica assombrado. Ele balança a cabeça. — Não é bom.

Sento-me para frente. — O que você quer dizer com não é bom?

Ele dá de ombros, como de costume. — Não é bom. Ele... — Ele olha para a porta. Quando ele se vira, ele franze o rosto. — Ele teve problemas desde a cirurgia. — Ele aponta para as costas. — Não curou direito. Ele está muito doente.

— O quê? Cristo, Mika, por que você não me contou isso antes? — Meu sangue bate em minhas veias em dobro. — Oh meu Deus, ele foi ao médico? O que eles estão fazendo por ele?

Mika parece um pouco alarmado com a minha reação. — Bem... eu não sei exatamente.

— Claro que não. — Eu toco meus lábios. — Onde ele está agora? Em casa? Você está em Volgograd? — É uma pergunta estúpida. Sei que estão em Volgograd porque vejo o quarto de Mika ao fundo. Estou apenas em modo de pânico agora.

— Sim. Acho que talvez você devesse vir. — diz Mika. — Cuide dele até que ele melhore. Quero dizer, se você estiver bem agora.

Meu nariz arde. — Sim, estou melhor. Estou muito melhor, na verdade. — Não acredito que Vlad está sofrendo porque me deu seu rim. O pensamento me horroriza. Todo esse tempo eu pensei que ele não tinha me contatado porque estava farto de mim. Como ele sempre disse que seria eventualmente. Ou porque ele queria me conceder a liberdade que eu continuamente exigi. Não porque ele estava doente.

Porque ele teve complicações por salvar minha vida.

Jesus.

— Ok, Mika. Vou procurar sair por aí. Não diga nada para Vlad, ok? — Eu sei tudo sobre machos alfa que não querem mostrar fraqueza. Ele provavelmente não gostaria que eu o visse assim.

Mika parece muito aliviado. Ele acena com a cabeça rapidamente. — Eu não vou. Você realmente virá? Quando?

— Não sei. Vou verificar agora e te retorno. Lembre-se, não diga nada.

— Eu não vou. — jura Mika.

Quando termino a videochamada, fico subitamente faminta. Quando voltei para os Estados Unidos, minha família insistiu em me colocar em uma bomba de insulina que administra continuamente o remédio, para que eu não precise mais tomar injeções e meu açúcar no sangue permaneça estável. Eu odeio isso - me faz sentir fraca e frágil e não suporto ter algo preso ao meu corpo.

Talvez eu apenas sinta falta de Vlad cuidando de mim.

Durante todo o tempo em que janto e me preparo para dormir, fico pensando na carta debaixo do travesseiro. Finalmente, quando não aguento mais um momento, pego-a e leio.

Está escrito à mão - engraçado que meu russo especialista em tecnologia não tenha me enviado apenas um e-mail. Que antiquado da parte dele.

Prezada Alessia,

Eu sinto muito.

Por tudo. Por sequestrá-la e trazê-la para a Rússia. Mantê-la longe de sua família, a quem você ama tanto. Por não estar lá para verificar o açúcar no sangue na noite em que seu rim falhou.

Mas especialmente por perder a paciência fora da casa de Victor. Perdoe-me. Juntei você à Sabina, mas vocês duas não são nada parecidas. Ela se preocupa apenas consigo mesma. Você se importa com todos ao seu redor. Você traz amor e alegria aonde quer que vá, e sinto falta do seu lindo rosto todos os dias.

Eu não faço nenhuma reclamação sobre você. Você está livre, claro. Eu só queria que você soubesse que sofro todos os dias sabendo que

te machuquei. Se eu pudesse retirar, eu o faria, zaika.

Por favor, cuide bem de si mesma.

Você tem meu rim, mas também meu coração.

Eu só imploro que você não me odeie.

Seu,

Vlad.

Eu limpo minhas bochechas molhadas. É perfeito. Simples e direto. Disse tudo que eu precisava ouvir.

E ele está doente.

Pego meu celular e ligo para Nico.

— Alessia.

— Vou para a Rússia.

Ouçô Nico suspirar. — Não irá sozinha, você não irá.

— Na verdade sim. — Eu pensei sobre isso. Eu me lembro do que Vlad disse. E não acho que ele machucaria meus irmãos de propósito se eles aparecessem na Rússia, mas ele ainda pode ter ordens de antes. E não estou planejando dizer a ele que estou indo. — Não é seguro para você.

— Ah, e é seguro para você? — Nico exige.

— Completamente. — Não tenho certeza se é verdade. Eu sei que estou segura com Vlad. Não sei sobre o resto da organização, mas estou disposta a contar com o poder de Vlad para me dar passagem segura até ele.

1. Nico pragueja em italiano, uma longa sequência de palavras impressionantes. Então ele diz: — Não sem autorização do nefrologista. Você liga para ele primeiro. E se ele lhe der autorização, preciso de notícias suas duas vezes por dia ou vou lá buscá-la. *Capiche?*

— Estou reservando uma passagem para Volgograd agora. — digo a ele. — Vou te mandar uma mensagem com os detalhes.

Tenho um milhão de preocupações em mente, mas é como se meu corpo não tivesse recebido a mensagem. É comemorar toda a viagem a Volgograd. Eu apenas me sinto leve. Feliz. Esvoaçante.

Mika me deu o endereço e me disse exatamente o que dizer ao taxista para chegar lá. Ele também enviou em texto russo, e eu imprimi para mostrar ao cara caso meu sotaque fosse péssimo.

Eu chego lá à tarde. Há menos guardas do que ele tinha quando eu estava lá, acho que eram para me manter prisioneira. Só vejo um cara do lado de fora quando paro e ele acena com a cabeça, como se me reconhecesse.

Mika sai correndo, para e enfia as mãos nos bolsos, desajeitado.

— Venha aqui e me dê um abraço. — eu exijo, e ele dispara para frente. — Você cresceu. — Eu rio, bagunçando seu cabelo.

É tão bom estar de volta. Tudo sobre a propriedade parece bom para mim. Sinceramente, nunca me senti como uma prisioneira aqui. Apenas uma convidada restrita. É até bom ver a cara taciturna de Zoya.

— Onde está Vlad? — Eu pergunto. Oh Deus, ele está completamente deitado na cama? Há quanto tempo ele está assim?

— Ele está no lago. Você deveria ir até ele. Ajude-o. — diz Mika, pegando minha bolsa de mim. Yegor já pegou minha mala.

Grazie a Madonna. Pelo menos ele não está de cama. Sigo pelo caminho que fiz com ele tantas vezes. Minha parte favorita de cada dia que eu estava lá. O banco do parque ainda está lá na metade do caminho. Eu paro e descanso. Posso ter voltado a me exercitar, mas ainda estou fraca. Vlad tem que usá-lo agora?

Eu me apresso, excitação e nervosismo guerreando. Quando chego ao lago, fico chocada ao ver o corpo musculoso de Vlad cortando a água.

Ele está nadando. No lago frio.

Ele é lindo. E perfeitamente saudável.

Ele sai e pega uma toalha na grama, secando o rosto. Seu corpo

é musculoso e em forma. Quando ele abaixa a toalha do rosto, ele me vê.

— Alessia! — Sua voz profunda sai como um grito.

Meu coração pula em minha garganta.

Mas então uma loira de pernas compridas se levanta do balanço e meu estômago cai.

Não. De jeito nenhum. Não vim até aqui para ser humilhada pela nova amante de Vlad.

Eu tropeço para trás.

— Não. — Vlad começa a correr em minha direção.

Meu cérebro já desligou. Estou em modo de corra ou lute, eu acho, porque como uma presa caçada, eu me viro e corro.

— Alessia! Pare. Espere!

Se eu tinha alguma dúvida sobre sua recuperação da cirurgia, ela desaparece quando ele me ultrapassa em cerca de cinco segundos.

Ele me pega pela cintura e levanta meus pés do chão. — Espere. Alessia. Ela é a babá. Para Lara - o bebê. Ela é a babá. Não corra.

A luta sai de mim e eu fico mole em seus braços. Ele abaixa meus pés no chão e me vira de frente para ele, ainda me segurando com um braço em volta da minha cintura. — Não há outra mulher. — Ele joga meu cabelo para trás, então embala meu rosto com as duas mãos. — Nunca haverá ninguém além de você. — Ele está me beijando antes que eu possa responder. Como se ele mal pudesse esperar para me provar. Como se fôssemos amantes perdidos há muito tempo, morrendo de vontade de estar nos braços um do outro.

O que eu acho que somos.

Meus joelhos ficam fracos enquanto ele me prova, inclinando sua boca sobre a minha com mais ternura do que ele já me mostrou antes. Ele leva o seu tempo, também. Explorando meus lábios completamente antes de lambê-los, sua língua acariciando, sondando.

É o beijo do século.

— Você veio. — diz ele com admiração, acariciando minha bochecha com o polegar.

— Sim, bem... — Estou sem fôlego. Ainda chateada com a

babá, embora tenha sido explicado. — Mika disse que você não tinha se curado. Mas claramente ele mentiu.

Vlad toca a cicatriz em seu abdômen, seu rosto ficando sóbrio.
— Eu não me curei. — diz ele.

Fico tonta ao perceber que ele não está falando sobre a cirurgia.

— Você já?

Eu balanço minha cabeça.

Ele me beija de novo, como uma pergunta. Então ele me pega para montar em sua cintura e caminha em direção à casa. Atrás dele, vejo a babá correndo atrás de nós, carregando seu bebê.

Ele tem um bebê.

E ele assumiu a responsabilidade por ela.

Meu peito se enche de calor. Eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço.

Depois de alguns momentos, percebo que ele vai me carregar por todo o caminho de volta. — Você pode me colocar no chão. — Eu ri. — Ainda estou me recuperando, mas não fico tão sem fôlego agora. Graças a você... graças ao seu rim.

— Eu não estou colocando você para baixo. — Há um tom teimoso em sua voz.

Eu sorrio.

— Sinto muito pela forma como te tratei. Na casa do Victor. — Ele olha ao meu redor para ver para onde está indo.

Eu entrelaço meus dedos em seu cabelo. — Eu sei. Recebi sua carta. Obrigada.

VLAD

Nunca fui um homem religioso. Nunca dei muita importância a palavras como santo ou sagrado. Mas quando coloco minha linda noiva em nossa cama, é com uma reverência além de qualquer reino espiritual.

E ela permite.

Despi-a lentamente, peça por peça, e ela observa, pestanejando, barriga arrepiada, lábios entreabertos.

Ela veio aqui por vontade própria.

Isso, para mim, é um milagre digno de joelhos dobrados.

Ela não está se submetendo à minha vontade desta vez, ela está se oferecendo. É diferente. Especial e um momento que nunca, jamais esquecerei.

— O que é isso? — Ela está usando algum tipo de dispositivo médico que a fez estremecer e corar quando o descobri.

— Bomba de insulina. Vou tirá-la. Eu odeio isso.

Eu inclino minha cabeça, observando como ela tira, anotando tudo para que eu possa ajudá-la na próxima vez. — Parece uma boa ideia.

Ela dá de ombros. — Eu prefiro que você me monitore.

E é aí que eu caio de joelhos. Só na cama, mas ainda. As palavras inspiram nada menos que um despertar espiritual.

Eu beijo a parte interna de suas coxas, passo minha língua pela superfície plana de sua barriga. Eu tomo um mamilo pedregoso em minha boca. Ela se arqueia, gemendo baixinho.

Ela é uma deusa.

O divino feminino.

Ela é *mulher* do jeito que eu nunca vi mulheres antes. Pura, potente e viciante.

— Você veio. — murmuro com admiração novamente. Ainda não consigo acreditar neste milagre.

— Estou aqui. — afirma ela.

Eu seguro seu mamilo enquanto me movo para o outro mamilo. Ela está molhada e escorregadia e pronta para mim.

— Linda, linda mulher. — eu canto. É um rito sagrado. Eu, adorando seu corpo.

Eu corro de volta para baixo e empurro seus joelhos abertos, banqueteadando-me entre suas pernas. Seus sucos escorrem em minha língua enquanto eu traço seus lábios internos, chupo seu clitóris inchado.

— Diga-me uma coisa, *zaika*. — murmuro, segurando sua bunda com as duas mãos para segurá-la no lugar enquanto lambo mais agressivamente.

Ela grita, balança os quadris. — O que foi, Vlad?

— Você está aqui para ficar? Ou isso é apenas uma visita? — Não sei por que pergunto agora. Por que eu arruinaria um momento tão bonito.

Mas eu tenho que saber. Será esta a minha última vez com ela? Ou este é o nosso novo começo?

— Não, para ficar. — ela ofega e meu coração afunda, embora eu suspeitasse que seria sua resposta.

— Eu não quero ficar longe da minha família, Vlad. Dois dos meus irmãos estão esperando bebês neste outono.

— Eu vejo. — Minha voz está estrangulada, mas não vou parar. Não vou dar a ela menos do que Deus e a Mãe Terra.

— Volte para os Estados Unidos comigo, Vlad. — ela insiste, usando meu cabelo para puxar meu rosto para longe de sua linda boceta.

Eu me levanto sobre ela e abro o zíper da minha calça jeans, encontro uma camisinha e a coloco. — Eu tenho Mika agora. — eu aviso. — E Lara, a bebê. — Eu esfrego a cabeça do meu pau sobre sua entrada.

Ela pega meu pau e me guia, gemendo baixinho.

Eu a preencho, balançando lentamente até me sentar, depois relaxando.

— Eu amo Mika. E você sabe que eu amo bebês.

Eu apoio minhas mãos ao lado de sua cabeça e bombeio lentamente para dentro e para fora. Ainda é uma experiência religiosa para mim, cada sensação alimentando a sensação de unidade. Minha crença de que tudo está certo no mundo.

— Vlad?

Eu inclino minha testa contra a dela, empurrando um pouco mais forte agora. — Alessia.

— Você não me respondeu.

— A resposta é sim. Sempre. Para qualquer coisa que você me pedir, *zaika*. Eu quero ser seu. De qualquer maneira você vai me ter.

Sua cabeça cai para trás, os olhos se fecham enquanto os gemidos mais doces saem de seus lábios. Como se ela também estivesse em revelação extática.

E vê-la assim me leva ao limite. Eu mudo para a cabeceira da cama com os nós dos dedos brancos e bombeio com força, cada um colocando um sinal de pontuação na minha promessa a ela.

Eu sou seu.

Qualquer coisa que você me pedir.

A resposta é sim.

Ela abre a boca, empurra os seios para o teto.

Minhas bolas se contraem, as coxas tremem. Ela apoia as mãos na cabeceira da cama, gritando a cada estocada.

— Eu não vou durar. — eu cerro.

— O que você está esperando?

Eu alcanço o nirvana uma fração de segundo antes de gozar. Alessia segue, enganchando as pernas nas minhas costas e me puxando mais fundo, os músculos tensos de sua boceta pulsando durante a nossa liberação.

— Vlad? — ela pergunta, sem fôlego, os braços entrelaçados em volta do meu pescoço.

— O que foi, *printsessa*?

— Ainda somos casados?

Eu me inclino em meus antebraços e mordo seus lábios. — Sim. — Não consegui dissolver o casamento, embora soubesse que era a coisa certa a fazer.

— O que acontece quando você se cansar de mim?

Meu coração aperta. Ela se incomodou quando eu disse isso? — Isso é uma impossibilidade. — eu digo a ela. — Uma mentira que contei para me convencer de que poderia deixar você ir.

Ela se contorce debaixo de mim, encorajando-me a manter a foda lenta pós-orgasmo. — Eu quero um segundo casamento. Um casamento americano, com minha família.

Eu fico imóvel e ela se move para me levar mais fundo. Eu tenho que engolir o nó na minha garganta. — Você quer se casar comigo?

— De novo. Sim.

Eu cubro seu rosto com beijos, humilhado pela facilidade com que ela entrega seu coração. A vida dela.

Para mim.

— O que você quiser, *zaika*. É seu. Acredite.

— Mmm. — ela cantarola baixinho, puxando-me para ela, então eu tenho que rolar nós dois para o lado para não esmagá-la. — Eu quero segurar sua bebê.

Eu me inclino sobre um cotovelo e sorrio. — Nossa bebê... se você quiser. Você vai adotá-la?

Ela pisca para conter as lágrimas. — Gostaria disso. Você vai adotar Mika?

— Sim. Eu já tinha os papéis preparados para isso, mas estava esperando o momento certo para falar com ele.

— Vamos contar a ele agora. — Ela se empurra para se sentar e sai da cama. — Foi ele quem me enganou para vir aqui.

Eu não queria deixar a santidade de nossa cama, mas ver seu entusiasmo é o suficiente para me motivar.

Não será apenas sobre nós dois. Seremos uma família, e há uma santidade nisso também.

Algo que Alessia experimentou, mas eu nunca experimentei. Algo que quero dar aos meus filhos.

ALESSA

Vlad me dobra para o lado da cama e bate na minha bunda. Passei três dias maravilhosos em Volgograd passando um tempo com Mika, brincando com a bebê e deitada na cama com Vlad. Ah, e acariciando gatinhos. Ele manteve todos os cinco, eles vagam pela mansão como se fossem donos do lugar.

Esta noite, porém, ele não está tão reverente.

Um pouco mandão.

O macho alfa está aparecendo.

Ainda bem que eu gosto.

— Ai, pra que isso?

— Isso, *printsessa*, é por não tomar sua insulina em Moscou. — Ele bate na minha bunda novamente. — Você não pensou que iria evitar a punição, não é?

— Não existe um estatuto de limitações para isso ou algo assim? Isso foi há três meses atrás.

Ele pega minhas mãos e as prende nas minhas costas. Em seguida, ele dá uma rajada de palmadas duras. Eu suspiro com a picada.

— O que eu disse que aconteceria se você voltasse a arriscar sua saúde?

— Você disse que se eu saísse de casa sem insulina. — corrijo. — Eu não.

Ele dá três tapas fortes, todos no mesmo lugar. — Então você se lembra?

Oh, eu me lembro. Ele me disse que iria foder minha bunda crua.

O pensamento tanto me emociona quanto me apavora.

— Eu lembro. — Minha voz soa pequena.

Um de seus dedos desliza entre minhas nádegas e massageia meu traseiro. — Quando faço uma promessa de retribuição, eu cumpro.

Um arrepio percorre minha espinha.

Eu sei muito bem que é verdade.

— Abra mais as pernas.

Eu obedeco.

Ele bate entre minhas pernas, me deixando molhada e inchada e meio desesperada. Apenas quando estou prestes a gozar, ele muda e começa a bater na minha bunda novamente.

— Não. — eu gemo. — Por favor, Vlad.

— Por favor, o que, *printsessa*?

Eu não posso dizer isso.

— Diga-me o que vai acontecer.

— Você vai me foder. — eu consigo. Ele está esfregando meu clitóris agora, me fazendo dançar sob seu toque firme.

— Onde eu vou te foder?

— Por favor, Vlad. — eu tento novamente.

Ele dá um tapa na minha bunda. — Onde eu vou te foder?

— Na minha bunda! — Não posso acreditar, mas na verdade estou ficando carente disso. Como se eu mal pudesse esperar para ele começar.

— Isso mesmo. — ele ronrona. — Não se mexa, *zaika*. — Ele se afasta e volta com um frasco de lubrificante, que pinga em meu ânus palpitante.

Minha respiração é curta, o corpo todo corado com o calor.

Quando ele cutuca meu ânus com a cabeça do pau, eu gemo.

— Abra para isso, Alessia.

Não sei o que isso significa, mas ele aplica uma pressão constante.

— Inspire fundo.

Eu obedeco.

— Exale.

Ele empurra na expiração e eu aperto na sensação de alongamento.

— Relaxe, *zaika*. Respire. — Ele não se mexe por um momento, então relaxa um pouco mais, até passar pela cabeça. E então ele está totalmente sentado, me preenchendo, me abrindo.

É quente e humilhante e parece muito melhor do que deveria.

Há um pouco de dor, sim, mas também prazer. Prazer embaraçoso.

Ele vai devagar, deslizando para dentro e para fora enquanto eu gemo e choramingo. É intenso. Tão intenso.

Ele empurra e fica lá enquanto estende a mão e insinua uma mão sob meus quadris. No momento em que ele esfrega meu clitóris, o prazer floresce. Ainda pressionando, ele retoma seu saque, reivindicando minha bunda do jeito que reivindicou todo o resto de mim.

Eu fico mais alta, ambos querendo que ele continue e se retire ao mesmo tempo.

Ele continua, ganhando velocidade.

Meu prazer cresce, quase ofuscando o desconforto.

— Sim. — eu resmungo. — Mais. Por favor, Vlad.

— Implore, *zaika*.

— Por favor, por favor, por favor. — Estou impotente para não implorar. Eu preciso gozar. E também quero que acabe.

Ele adiciona mais lubrificante e fica melhor. Muito melhor.

— Sim. — balbucio. — Por favor, Vlad.

— Por favor, o quê? — Ele está bombeando mais rápido, segurando minha cintura para me manter no lugar.

— Por favor, foda-me. Por favor, deixe-me gozar.

Ele geme e bate ainda mais forte, batendo na minha bunda com seus quadris.

Nós dois gritamos quando ele gozou, enterrando-se profundamente e trabalhando seus dedos sobre meu clitóris.

Eu gozo também, só que meus músculos não podem apertar porque ele está me esticando. Ele enfia alguns dedos na minha boceta, o que satisfaz meu desejo de uma grande finalização.

E então ele fica doce de novo, beijando minhas costas e meu pescoço enquanto nós dois recuperamos o fôlego.

— Eu disse que você iria implorar. — ele murmura, os lábios contra o meu ouvido.

Eu rio, porque ele está certo. Ele me disse. Eu implorei. E mesmo quando ele está por cima, me dominando, me punindo, sempre me sinto a vencedora.

Talvez seja disso que se trata o amor.

Sento-me à nossa mesa de jantar observando a melhor vista imaginável.

Alessia e Lara mergulham na piscina, seu ritual vespertino. Sondra e seu novo bebê também estão na piscina, tendo uma brincadeira de bebê. Junior e Desiree até voaram de Chicago com seus filhos algumas vezes para reunir os primos. O som alegre da fala do bebê, tanto dos bebês quanto das mães, me acalma em um nível que eu não sabia que exigia calmante.

Mika parece sentir o mesmo. Ele levanta os olhos ocasionalmente de seus estudos para assistir. Alessia tentou levá-lo para a escola em Las Vegas, mas ele recusou veementemente, então ele ainda está estudando em casa por enquanto.

Ela acha que ele pode mudar de ideia no ensino médio, mas de qualquer maneira está tudo bem. Ele é um bom garoto. Ele tira o lixo para Zoya e brinca com a bebê. Sim, mudamos toda a casa para cá - Zoya, Yegor e os cinco gatos.

Alessia insistiu e consegue o que quer.

Ela também queria dar a Mika um cachorrinho de aniversário, então também temos um doce e babado dálmata sob os pés. Valeu a pena ver o coração de Mika se abrir para seu novo melhor amigo. Alessia sai da piscina e eu me levanto para encontrá-la com uma toalha gigante. Lara sorri e murmura para mim, agitando seus pequenos punhos no ar com alegria. Ajudo Alessia a secá-la, depois a pego e dou um beijo em minha esposa. Alessia se vira para ajudar Sondra com Nico Jr., seu recém-nascido, um menino grande e saudável, cheio de vigor e vida.

As mulheres se reúnem para encontros com bebês pelo menos uma vez por semana e meus cunhados me oferecem um respeito relutante. Tenho certeza de que eles seriam rápidos em me espancar se eu chateasse a irmã deles.

Victor me deixou deixar a Rússia, mas apenas porque prometi que estava diversificando nossos interesses ao buscar a participação nos Tacones.

Felizmente, Nico está disposto a participar do meu esquema de lavagem de dinheiro para economizar impostos, então deu certo. Ainda tenho a sensação de que o sapato pode cair em algum momento. Nunca esperei a felicidade. Nunca a perseguiu. Portanto, agora que tenho algo pelo que viver, sou ferozmente protetor com minha esposa e filhos. O que Alessia não parece se importar. Ela está bem com mandona e controladora. Seu corpo ganha vida com o meu domínio.

Eu apenas me certifico de tratá-la como a princesa que ela é e ela me dá o que eu mais prezo - seu coração.

[←1]

Ajuda

[←3]

Não

[←4]

Porra

[←6]

Obrigado